

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

UILSON JÚNIOR FRANCISCO FERNANDES

A raiz no mundo:
uma arqueologia do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty

Uberlândia/MG
2013

UILSON JÚNIOR FRANCISCO FERNANDES

A raiz no mundo:
uma arqueologia do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass

Uberlândia/MG
2013

UILSON JÚNIOR FRANCISCO FERNANDES

A raiz no mundo:
uma arqueologia do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ética e
Conhecimento.

Uberlândia, 14 de março de 2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Cícero José Alves Soares Neto

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F363r Fernandes, Uilson Junior Francisco, 1986-
 A raiz no mundo : uma arqueologia do conceito de corpo próprio em
 Merleau-Ponty / Uilson Junior Francisco Fernandes. - 2013.
 150 f.

 Orientador: Simeão Donizeti Sass.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
 de Pós-graduação em Filosofia.

 Inclui bibliografia.

 1. Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961- Crítica e interpretação - Teses. 2.
 Filosofia - Teses. 3. Corpo e alma (Filosofia) - Teses. 4. Percepção
 (Filosofia) - Teses. I. Sass, Simeão Donizeti, 1966- II. Universidade
 Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III.
 Título.

CDU: 1

*Para Gabriel Junio Francisco Fernandes
In Memoriam*

AGRADECIMENTOS

À força viva que nos motiva sempre a novas e novas criações; à minha mãe, Lázara Francisca Fernandes e à minha irmã, Haquilaine Rosa, pelo incentivo e exemplos concretos de força, deslumbramento e luta nas terras secas de Unaí, Minas Gerais; a Francisco Rosa Fernandes e a João Gabriel Rosa Fernandes, por me mostrarem que a vida e o sentido estão totalmente imbricados; à Maíra Rosa pelo apoio, compreensão e companheirismo nas horas mais difíceis deste percurso, mostrando-me que o amor está presente nos menores gestos; a Lucas e à Flora, os quais me ensinam que é na adversidade e no caos que a vida sempre se mostra; à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), que financiou o desenvolvimento deste projeto; ao corpo docente e aos técnicos administrativos do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU), pela colaboração e amizade no decorrer da pesquisa – em especial à Sandra Bertolucci, à Andréia Rodrigues, a Ciro Amaro, a Marcos Vieira e a Erickessem Dias; a todos os professores do departamento que me cativaram a crer que a pesquisa e a docência em filosofia podem nos tornar pessoas melhores; ao Professor Stéfano Paschoal, pela revisão de todas as traduções utilizadas no texto final; ao Professor Simeão, pela confiança e dedicação nas orientações e aos membros da banca que aceitaram em participar desse momento; à Trupe Tamboril de Teatro; aos Professores que influenciaram direta e indiretamente nesta pesquisa Silvano Severino Dias, Humberto Guido, Bento Itamar Borges, Marcos Seneda, Jairo Dias, Alcino Bonela e Alexandre Tadeu ; à Professora Maria Luz Pintos Peñaranda, pelos últimos contatos que muito me incentivam a continuar essa investigação; aos amigos e estudantes do IFILO, em especial Anésio Neto, Paulo Fernando, Douglas Lourenzo, Durval Baranowske, Sr. Juvenal “Pastor”, Órfilo Fraga, Tânia, Vanilda, ao colega João Paulo Henrique, a todos os alunos e alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia e aos estudantes e profissionais da Escola Estadual do Parque São Jorge.

Passagem do Ano

As coisas estão limpas, ordenadas.
O corpo gasto renova-se em espuma.
Todos os sentidos alerta funcionam.
A boca está comendo vida.
A boca está entupida de vida.
A vida escorre da boca,
Lambuza as mãos, a calçada.
A vida é gorda, oleosa, mortal, sub-
reptícia.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

FERNANDES, U. J. F. **A raiz no mundo**: uma arqueologia do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty. 2013. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia – Programa de Pós-graduação em Filosofia – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. 2013.

Uma gênese do conceito de corpo em Merleau-Ponty (1906-1961) não poderia ser concebida de modo diferente de uma *arqueologia*. A arqueologia é uma tarefa concreta que exige uma predisposição em colocar as *mãos na massa*, massa de terra, pedras e lama, em busca de um artefato, um vestígio que possa apresentar e comprovar os indícios do posicionamento teórico de um determinado movimento histórico, de uma dada civilização, de um dado movimento na vida dos homens. O “artefato” ao qual buscamos encontrar a gênese não nos é desconhecido, mas sempre se fez (estranhamente) presente desde a nossa concepção: o corpo. Ao analisar a gênese e a estruturação do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty, nas suas primeiras obras (*Projeto de Trabalho sobre a Natureza da Percepção*, de 1933; *A Natureza da Percepção*, de 1934 e *A Estrutura do Comportamento*, de 1942), nos deparamos com uma nova possibilidade de compreensão da nossa corporeidade. Partindo de uma concepção do organismo humano como uma totalidade, Merleau-Ponty toma o corpo próprio como lugar privilegiado de uma experiência perceptiva concreta e radical. O papel decisivo de Aron Gurwitsch, pelo menos no que tange à apresentação de Kurt Goldstein, aparece como motivação fundamental que faz com que o filósofo francês tome como ponto de partida uma camada mais originária do vivo, muitas vezes pouco trabalhada pelos filósofos: o organismo. O mundo não surge como um horizonte totalmente exterior a um eu que o observa longinquamente, mas antes como um sistema que se abre na relação perspectiva de meu *ser-corpo-no-mundo*. Nesse percurso, analisamos as condições de elaboração do conceito de corpo próprio, desvendando a influência e a forma de abordagem de Merleau-Ponty em diferentes autores como Henri Wallon, Constantin von Monakow, Paul Guillaume e Jakob Von Uexküll. O corpo próprio emerge, assim, nas primeiras obras do autor francês como uma intencionalidade em ato, um corpo-sujeito que tem na percepção e na motricidade um elo intransponível com um mundo próprio.

Palavras-chave: Corpo próprio, mundo próprio, percepção, comportamento.

RÉSUMÉ

FERNANDES, U. J. F. **La racine du monde**: une archéologie de la notion de corps propre chez Merleau-Ponty. 2013. Thèse (Master). Institut de Philosophie – Programme d'études supérieures en philosophie – Université Fédérale de Uberlândia, Minas Gerais, Brésil. 2013.

Une genèse de la notion de corps chez Merleau-Ponty (1906-1961) n'a pas pu être conçue différemment d'une archéologie. L'archéologie est une tâche concrète qui suppose la volonté de mettre vos mains dans le cambouis, la masse terrestre, des pierres et de la boue à la recherche d'un artefact, un résidu qui peut présenter des preuves et de prouver la position théorique d'un mouvement historique particulier de une civilisation donnée, d'un mouvement donné dans la vie des hommes. Le «artefact» qui ne cherche pas à trouver la genèse nous est inconnu, mais a toujours fait (étrangement) ce depuis notre conception: le corps. En analysant la structure et la genèse de la notion de corps chez Merleau-Ponty, dans ses premières œuvres (Projet de travail sur la nature de la perception, 1933, *The Nature of Perception*, 1934 et *La Structure du comportement*, 1942) face à une nouvelle possibilité pour la compréhension de notre corporéité. À partir d'une conception de l'organisme humain dans son ensemble, Merleau-Ponty prend le corps lui-même comme un lieu privilégié de béton et radicale l'expérience perceptive. L'influence décisive de Aron Gurwitch, du moins en ce qui concerne la présentation de Kurt Goldstein, apparaît comme motivation fondamentale qui fait le philosophe français prend comme point de départ une couche sur l'original du vivant, souvent mal conçu par les philosophes: l'organisme. Le monde apparaît comme un horizon pas totalement étrangère à une auto qui ressemble de loin, mais plutôt comme un système qui ouvre la perspective d'être ma relation corps-à-monde. En cours de route, nous analysons les conditions pour le développement du concept de corps propre, démêler l'influence et la forme de la démarche de Merleau-Ponty dans différents auteurs comme Henri Wallon, Constantin von Monakow, Paul Guillaume et Jakob von Uexküll. Le corps lui-même apparaît, seulement dans les premières œuvres de l'auteur français comme un acte intentionnel sur un corps-sujet qui a sur la perception et le motricité insurmontables un lien avec un monde qui lui est propre.

Mots-clés: corps propre, propre monde, la perception, le comportement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 - PRIMEIRA CAMADA: A PERCEPÇÃO	18
1.1 O quadro motor da experiência perceptiva.....	18
1.2 A percepção como experiência concreta e radical	38
2 - SEGUNDA CAMADA: O ORGANISMO	63
2.1 O Cenário levantado por Aron Gurwitsch: a obra fecunda de Kurt Goldstein.....	63
2.2 O organismo e seus transbordamentos: corpo próprio, sentido e reflexo no nível orgânico.....	79
3 - TERCEIRA CAMADA: COMPORTAMENTO E CORPO PRÓPRIO	107
3.1 Significação e reflexo no nível orgânico : a emergência do comportamento.....	107
3.2 O “mundo próprio” da estrutura perceptiva: a <i>hecceidade</i> e a emergência do conceito de corpo próprio.....	121
4 - CONCLUSÃO	145
5 - REFERÊNCIAS	148

INTRODUÇÃO

Estamos acostumados a lidar com grandes sistemas de pensamento que invariavelmente apresentam, no interior do texto filosófico, uma construção argumentativa que busca expressar sua máxima criação: o conceito.

Frédéric Cossuta (2001) talvez tenha apontado isso precisamente por meio de uma noção retomada por Deleuze e Guattari (1993) como a *pedagogia do conceito*; existe um campo de enunciação particular do texto filosófico que não pode ser confundido com uma língua filosófica, mas que se configura como maneira muito peculiar, uso específico da linguagem.

Esse pressuposto não incorre numa falta de rigor conceitual. Antes, ao constituir um universo de significação autônomo, na medida em que uma rigorosa coerência interna se estabelece pela obra, o filósofo cria um sistema peculiar de interligações, um campo sintagmático que se instaura e atravessa diversas teses, temas e argumentos voltados para o momento primordial: a criação de conceitos.

A filosofia contemporânea, particularmente a de expressão francesa, começou a aprender com Henri Bérgson que a escrita filosófica não é devedora apenas dos elementos lógicos e sintáticos do texto. Existe, pois, uma vida no texto filosófico, um encadeamento de significados e sentidos que se relacionam àquele que os expressa de forma tão íntima que, ao ler um texto de filosofia, criamos certa amizade com seu criador; tal situação o torna presente como um velho conhecido que, num fim de tarde qualquer, nos visita para uma boa conversa sobre a vida.

Basta que, por exemplo, atentemos a Jean Paul Sartre e a suas formas inusitadas de comunicação conceitual, para que um novo gosto pela leitura filosófica, tornada uma espécie de dialógica existencial, desencadeie em nós um conjunto de sentimentos de repúdio, admiração, ou de uma perniciosa dúvida. Ao ser tomada apenas no sentido estrito de uma exegese filosófica, tal leitura se camufla como analítica, busca cega de contradições no nível conceitual, que deixam escapar, na maioria das vezes, os deleites da reflexão filosófica *per se*.

Com Merleau-Ponty não é diferente, já que sua forma de escrita nos abre um universo de significações possíveis, ainda mais se atentarmos à particularidade de sua morte prematura, que o fez deixar inacabada a obra *O visível e o invisível*. Isso levou, inclusive, à emblemática frase de Paul Ricoeur, de 1961, utilizada como epígrafe num

artigo de von Zuben¹ (1984): “O inacabamento de uma filosofia do inacabamento é duplamente desconcertante”.

O desafio de mapear as condições de elaboração do conceito de corpo próprio, bem como descrever sua estrutura, torna-se ainda mais complexo no caso de Merleau-Ponty, graças à grande carga de referências utilizadas em suas obras. O autor parece ter sido tomado por uma vontade súbita de rediscutir temas que, num primeiro olhar, se mostram totalmente deslocados, mas que ganham um sentido latente no decorrer do percurso filosófico.

A forma como Merleau-Ponty descreve os resultados e as pesquisas de diversas áreas do conhecimento, a maneira muito peculiar com que o filósofo retoma a própria história da filosofia, os usos de citações demasiadamente longas e, principalmente, a grande carga de teses negativas dentro de suas obras, estabelecem um desafio a seus pesquisadores, o qual se confunde com uma tarefa arqueológica.

Tal arqueologia é muito peculiar e encontra certa promiscuidade com o mundo. Não há, pois, outro lugar para se investigar um dos conceitos fundamentais criados por Merleau-Ponty: o corpo próprio, tema fundamental desta pesquisa.

A filosofia não é, para o filósofo francês, uma atividade *soliloquia*. Aquele que se expressa por meio da filosofia não pode se conceber meramente como um homem trancafiado em sua torre de marfim, mas antes, a necessidade do outro e do mundo aparecem como condição de suas criações.

O interesse de Merleau-Ponty pelo conceito de corpo próprio não pode ser tomado apenas como um problema oriundo de um nível teórico em seu sentido lato, mas como um estranhamento essencialmente ligado com sua situação propriamente histórica. É óbvio que a efervescência das pesquisas em torno da psicologia, da neurologia e da filosofia tomam direta ou indiretamente o problema do corpo, mas se suscitam as seguintes indagações: o apelo existencial que mapeamos no interior da discussão das primeiras obras do autor em questão pode ressoar nos horrores presenciados por ele durante a Segunda Guerra Mundial, ou não haveria engajamento maior do que se devolver ao corpo sua inviolabilidade a partir de seu pressuposto sensível? Nem sempre, o que está explícito apenas como uma atividade exegética do texto nos permite acessar todas as angústias de seu criador.

¹ Doutor em Filosofia pela Université de Louvain e professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), Newton Aquiles von Zuben utiliza essa esclarecedora frase em seu artigo *Fenomenologia e Existência: Uma Leitura de Merleau-Ponty*. No entanto, não conseguimos localizar com precisão a obra e a ocasião exata em que Ricoeur publicou a frase em questão.

Quando observamos a história da filosofia, mais especificadamente sob a ótica da teoria do conhecimento, percebemos claramente que o corpo é um problema central nos mais diversos sistemas de pensamento. As formas de afecção do organismo humano sempre são vistas como ponto fundamental do debate em torno dos processos cognitivos.

Enunciados que tomam como ponto de partida a abstração, a postulação de um mundo inteligível, ou mesmo as filosofias que partem da limitação do corpo enquanto aparelho representacional buscam, por meio de um pensamento não contraditório, a validação de postulações que sempre recaem sobre a negação do mundo sensível, tomando-o como aparência contraditória. Conseqüentemente, o corpo é visto como mera mediação da consciência ou da razão.

Mesmo perspectivas que tomam a experiência como ponto privilegiado de acesso ao conhecimento recaem em análises muitas vezes mecânicas que priorizam a razão em detrimento da sensação. O plano sensível é tomando nestes termos como ponto específico do erro, do engano, dado que é pela capacidade racional, que os dados sensíveis são corrigidos de forma decisiva por meio de juízos, sem os quais a sensação seria sempre tomada em seu sentido “enganador e ilusório”.

Merleau-Ponty centra suas investigações em torno do corpo, considerando-o fundamento indubitável na construção de sua filosofia e, conseqüentemente, se propondo a uma profunda análise da natureza da sensação. Mais do que propriamente a busca da superação das dicotomias expressas na cisão entre uma parte pensante e uma parte sensível do organismo humano, o filósofo tenciona compreender sensação e racionalidade como duas pontas de um mesmo fenômeno total, encontrando por exemplo, nas dificuldades do próprio Descartes em sustentar uma completa cisão entre a *res cogitans* e a *res extensa*, um fio condutor na constituição de sua filosofia.

O interesse do filósofo francês pelo corpo não nos parece uma mera dificuldade conceitual, mas sim uma tentativa de se encontrar um momento prévio da própria atividade filosófica, um silêncio primordial do ser corpo no mundo que exige uma subversão da própria maneira como o conceito é definido, passando nestes termos de um distanciamento, de um universal abstrato, devedor apenas de elementos lógicos da argumentação, para um sentido, um significado imanente que se ancora na carnalidade da reflexão.

A subversão desses pressupostos começa a ser construída na filosofia de Merleau-Ponty já em seus primeiros escritos, a saber: *Projeto de trabalho sobre a*

natureza da percepção, de 1933 e *A Natureza da Percepção*, de 1934. Tal subversão se dá, principalmente, pela retomada proposta pelo filósofo no que diz respeito à percepção do corpo próprio, a partir dos resultados alcançados por diferentes pesquisas científicas de seu tempo, além do novo campo de investigação propriamente filosófico aberto pela fenomenologia de Husserl.

Nesse entremeio, o tema do corpo é tomado sob um aspecto inovador, justamente no sentido em que todas as inflexões e possibilidades de relação abertas pela percepção não são mais tomadas como fundamento do “erro dos sentidos”, mas como um paradigma que se distancia gradativamente do ideal racional empirista ou realista, na exata medida em que se coloca como um terreno mais originário do ser. Tanto o empirismo quanto o realismo, são nesse sentido fundados em um ideal racionalista que cinge o indivíduo a fim de destacar a onipotência da razão, ambos os casos tomam os dados sensíveis como mera operação mediada por um corpo, o qual é, na maioria das vezes, passivo e definido por pressupostos intelectualistas fundados numa filosofia das faculdades.

Com as teorias *gestalgistas* de psicologia, Merleau-Ponty partilha o ponto preciso de que a percepção não é uma operação intelectual. Nas palavras do filósofo, “[...] a unidade da coisa percebida não é um teorema” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.41), fundamentando ainda mais, no interior da própria fisiologia da percepção, as incoerências das teses que pretendem delimitar o cérebro como centro controlador de nossa atividade racional. Essas teses resultam nas dificuldades do circuito reflexo de Pavlov profundamente trabalhado por Merleau-Ponty em *A estrutura do Comportamento*, de 1942.

É interessante notar como o conceito de corpo próprio é a base de toda a construção teórica em torno da percepção, e, conseqüentemente, da consciência perceptiva, nas primeiras obras do filósofo.

A Conferência *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas* parece ser uma crítica às conseqüências da evidência do *cogito* cartesiano, principalmente em torno da representação, que começa no corpo, justamente nos modos de afecção do organismo vivo e atinge seu ápice na mediação operada no intelecto destes dados oriundos dos sentidos, o que, de certa forma, amplia o debate para a teoria da representação como a formulara Immanuel Kant.

O conceito de corpo próprio é construído a partir dos pressupostos de uma nova forma metodológica de compreender a atividade filosófica, na medida em que a própria

filosofia não deve partir dos meros dados sensíveis e/ou da forma como o corpo os processa. Em contrapartida, a filosofia precisa considerar a percepção enquanto forma de relação com um mundo inevitável que não se justapõe ao plano das categorias da representação.

A perspectiva levantada pelo filósofo parte de um estudo aprofundado do corpo enquanto totalidade orgânica e indivisível, num constante debate com a fisiologia e a psicologia, indagando em relação ao papel deste no processo de conhecimento.

O conceito de corpo próprio na obra em questão é fundamentado num amplo debate que transita por autores como K. Koffka, W. Köhler, K. Goldstein, E. Husserl, A. Gurwitsch e E. Fink, como demonstra a lista de obras e artigos citados na bibliografia deste projeto. Como nosso foco é a gênese desse conceito, nos limitaremos a apontar, no *Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*, os pressupostos utilizados por Merleau-Ponty em sua formulação, tendo como primeira perspectiva a *síntese perceptiva* denominada pelo filósofo.

Ao final da exposição das teses dessa Conferência, Merleau-Ponty e Parodi travam um debate muito esclarecedor. Parodi afirma: “Ficarei tentado a dizer que o corpo é essencial para a sensação muito mais que para a percepção”. Merleau-Ponty responde: “Pode-se distingui-las?”² (MERLEAU-PONTY, 1990, p.93). Há, na resposta em forma de indagação e que fecha a arguição, alguns interessantes pontos para pensarmos o procedimento metodológico utilizado pelo filósofo para a construção do conceito de corpo próprio.

Em primeiro lugar, a resposta capciosa de Merleau-Ponty já evidencia a tese de que a percepção do corpo próprio não é uma categoria diversa da sensação, posto que somente se assumirmos a capacidade humana racional como primazia de nossa natureza é que podemos postular a separação entre os dados sensíveis e os perceptivos. Tal procedimento é válido somente em sistemas filosóficos que tomam o corpo do ponto de vista da cisão ou mediação que representa o mundo, o que de certa forma válida, pela ilusão de um pensamento puro e *não contraditório*, as diversas perspectivas racionalistas, empiristas, e mesmo idealistas da filosofia.

² A distinção entre sensação e percepção é geralmente fundada numa perspectiva que toma a primeira como espaço do sentir, tornando a segunda ponto privilegiado do julgar, entretanto, por mais que Merleau-Ponty, estabeleça uma criteriosa revisão do conceito de percepção em sua compreensão positivista, a partir da noção de sensação na obra *Fenomenologia da Percepção*, alguns estudos como o de Teresinha Petrucia da Nóbrega, acabam por nos abrir novas possibilidades de interpretação da indissociabilidade das duas noções em prol da radicalização da experiência perceptiva como atitude corpórea.

Não é o caso de Merleau-Ponty. Não existe para ele qualquer perspectiva de uma consciência pura ou evidência de um *cogito* autômato em se tratando da percepção, ou mesmo que se relacione com esta apenas na medida em que a última transmite dados sensíveis para a organização objetiva de ideias.

Existe uma radical subversão das categorias metafísicas da separação entre o racional e o sensível e destes, relativamente, ao *cogito*. Somos nosso corpo pelo sentido de totalidade, ao qual nos referimos acima, numa experiência do pensamento fundada no corpo e na ação. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1990, p. 58) assegura que “a [...] certeza que tenho de mim é aqui uma verdadeira percepção”. Esta afirmação acaba por remeter diretamente a radicalidade do projeto fenomenológico da percepção para o filósofo francês (1990, p. 58) que não se furta em concluir que : “eu me aprendo não como um sujeito constituinte transparente por si [...] mas como um pensamento particular, um pensamento em ato, e é a este título que estou certo de mim mesmo”.

Existe, por parte de Merleau-Ponty, certa ordem argumentativa que reconstrói a importância da percepção para o conhecimento. Entretanto, o conceito de corpo próprio usado em seu primeiro texto *Projeto de Trabalho sobre a natureza da percepção* não é definido, pelo menos na fórmula tradicional com a qual estamos acostumados a perseguir definições claras e distintas nos argumentos dos filósofos.

Mas como encontrar a gênese de um conceito que não é apresentado de forma direta por seu próprio criador?

A resposta a essa e outras questões remetem diretamente ao nosso ponto de vista com relação à forma muito peculiar de escrita do filósofo francês. Partimos da compreensão de que existe um primeiro movimento no pensamento merleau-pontiano que engloba desde as obras de 1933 e 1934 até a finalização, em 1938, de sua tese de doutorado publicada em 1942 sob o título de *A Estrutura do Comportamento*.

Tendo em vista esse movimento comum das três obras, vislumbramos a elaboração de um *sistema geral de discussão*. Nele, encontramos gradativamente pistas que são constantemente revisitadas pelo filósofo e que, implicitamente, estruturam o conceito de corpo próprio.

No primeiro capítulo, entramos em contato diretamente com a radicalidade da percepção como experiência concreta em Merleau-Ponty, remontando as peças em torno da motricidade do corpo próprio. No segundo, por meio da influência decisiva de Goldstein no percurso do filósofo francês, apresentamos precisamente algumas considerações acerca da importância da noção de organismo para o desenvolvimento da

pesquisa de Merleau-Ponty, principalmente em sua abordagem das limitações do comportamento reflexo. Por fim, no terceiro capítulo apontamos as novidades apresentadas pelo filósofo na elaboração do comportamento simbólico, adentrando a importância da noção de conhecimento perspectivado para a emergência do conceito de corpo próprio.

A constituição do conceito de corpo próprio é, na verdade, um caminho cheio de curvas, imbricações e encruzilhadas que nos mostra a complexidade do vivo, não descrito suficientemente pela artificialidade do laboratório.

A propriedade ontológica da organização do vivo nos leva ao terreno bruto ou selvagem das significações corporais que estão, ao mesmo tempo, disponíveis e indisponíveis na relação com o mundo, desvelando sua natureza ambígua. O corpo próprio emerge, no sistema filosófico de Merleau-Ponty, a partir da articulação dos conceitos de estrutura, forma, organismo, totalidade e consciência; com isso, adentramos num labirinto que só pode ser percorrido tendo um guia fundamental: o mundo.

Passemos ao primeiro passo de nossa tarefa arqueológica, voltemos ao concreto, a estrutura peculiar de nossa percepção e de suas estreitas relações com um mundo próprio, no qual emerge a criação mais singular de Merleau-Ponty: o conceito de corpo próprio.

1 - PRIMEIRA CAMADA: A PERCEPÇÃO.

Nosso percurso arqueológico tem como primeira camada o incursão pela percepção. Tomada como ponto central do pensamento de Merleau-Ponty, o estudo aprofundado da percepção é definitivamente uma opção que nos apresenta o sentido que norteia as investigações do filósofo francês em sua originalidade. O significado do comportamento tem na percepção não apenas um suporte, o intuito de Merleau-Ponty não busca descrever o corpo como aporte de uma intenção que se dá pela consciência como marca definidora do sentido, mas antes é pela experiência perceptiva tomada em sua acepção concreta e radical que o filósofo francês pode abrir uma nova possibilidade de descrição do corpo vivo; é neste intuito que a primeira camada de nossa arqueologia nos remete inicialmente a uma questão central da constituição do conceito de corpo próprio: a motricidade.

1.1 O quadro motor da experiência perceptiva

Em um projeto de pesquisa, sempre é possível notar a concepção que o pesquisador possui no que tange à sua área de investigação. Seja na forma de escrita, nas pretensões do problema a ser analisado, ou mesmo na precisão de seu referencial bibliográfico; um projeto sempre demonstra, além das potencialidades da investigação, a própria concepção do sujeito com relação à sua área específica.

As poucas páginas de uma das primeiras obras de Maurice Merleau-Ponty (*Projeto de Trabalho sobre a Natureza da Percepção*, de 1933) demonstram claramente as peculiaridades da filosofia do jovem pensador francês.

Um novo sentido para a investigação sobre o problema da percepção surge como elemento motivador da filosofia de Merleau-Ponty (1933) por meio de uma assimilação dos novos paradigmas levantados nas mais distintas áreas do conhecimento em torno do tema.

O primeiro ponto a ser analisado na obra em questão é a forma *objetiva* como o problema é abordado. Sem delongas, o *Projeto*³ busca extrapolar os limites do acúmulo filosófico em torno do problema da percepção, trazendo a neurologia e a psicologia experimental, mais especificadamente a psicopatologia, como elementos fundamentais na concretização de seu principal desígnio: “[...] reformular certas noções psicológicas e filosóficas correntes” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 13).

É importante destacar a ousadia do jovem pensador, uma vez que, em 1933, ano em que o *Projeto* foi apresentado à *Caixa Nacional de Ciências*, ele havia acabado de se graduar na *École Normale Supérieure* (1931) onde, além do contato com a obra de pensadores como Georg Wilhelm Friedrich Hegel, na ótica de Alexandre Kojève (1902–1968), Martin Heidegger e principalmente Edmund Husserl (sob a influência de Aron Gurwitsch e Eugen Fink), o filósofo adentrava um restrito círculo de convivência com pensadores de seu tempo, como Jean-Paul Sartre, Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Claude Lefort e outros.

Obviamente, não é a mera consideração dos resultados da neurologia ou da psicologia experimental que efetivam um diferencial ao estudo proposto pelo filósofo francês. Nem mesmo podemos deduzir, da vasta bibliografia apresentada, qualquer tipo de brilhantismo; mas existe, nas poucas páginas do *Projeto*, uma certeza que não é

³ Utilizaremos o termo em itálico *Projeto* para nos referir ao texto *Projeto de Trabalho sobre a natureza da percepção*, de 1933, traduzido do original francês pela professora Constança Marcondes Cesar (1990).

ingênua, mas devedora da movimentação intelectual que surge principalmente com a chegada da fenomenologia de Husserl e dos novos resultados da *Gestalttheorie* à academia francesa: a necessidade de um retorno radical à percepção do corpo próprio.

Merleau-Ponty (1990, p. 13) assevera que “[...] o universo da percepção não seria assimilável ao universo da ciência”. Temos, porquanto, uma forma diferenciada de revisitação dos dados oriundos das pesquisas experimentais, as quais são redirecionadas pelo autor para novas possibilidades de imbricação entre filosofia e ciência.

Essa proposição pode nos parecer embaraçosa, se observarmos a linha extremamente tênue traçada pelo filósofo quando o mesmo se propõe a buscar, na psicologia experimental – seja em sua vertente alemã com a *Escola da Gestalttheorie* ou na neurologia e na psicopatologia –, um maior alcance para refletir sobre os fatores relacionados ao tema da percepção.

Diante disso, essa dificuldade é certamente superada se atentarmos às particularidades que se tornam evidentes no interior do *Projeto*. O objetivo do autor não é a construção de uma teoria do conhecimento, ou seja, Merleau-Ponty (1990) parece, em muitos momentos, distanciar-se de uma discussão restrita meramente ao campo da história da filosofia.

Mas o que isso significa? Como conceber que o jovem pensador francês busque extrapolar os limites conceituais do corpo próprio para além da filosofia? Essa nova visão do corpo próprio como um conceito limite demonstra, num primeiro momento, que a atitude de revisitação do sentido de uma determinada noção filosófica é marcada pela assimilação de novas descobertas, tanto da ciência de seu tempo, quanto da própria filosofia.

É o pensamento objetivo que se trata de situar, e, portanto é o conjunto da nossa experiência que está em questão. Por isso mesmo, o tema das relações entre ciência e filosofia não é mero efeito colateral do projeto merleau-pontiano. O tema da “crise das ciências” sempre esteve na pauta do filósofo – “crise” entendida em sentido largo, como uma crise da razão, de que as “relações antagonistas” entre ciência e filosofia são a expressão mais evidente. Segundo esse modelo, cabe tão somente à ciência a tarefa de notação do real, restando à filosofia o território rarefeito do transcendental (MOUTINHO, 2006, p. 24).

O movimento de construção das teses do *Projeto* está definitivamente presente no todo da filosofia de Merleau-Ponty, ampliando a discussão em torno da percepção para os campos da psicologia, fisiologia e neurologia.

O autor francês tencionava, assim, apresentar um conceito que fosse efetivamente plausível também para as ciências experimentais, possibilitando o

vislumbre das consequências ontológicas de alguns de seus resultados⁴.

Podemos apresentar, de forma sucinta, alguns pontos presentes no *Projeto* que fazem, do pensamento merleau-pontiano, uma maneira muito peculiar de retomar a proposta husserliana da fenomenologia como uma ciência rigorosa.

Uma primeira forma de se conceber essa peculiaridade do pensamento do filósofo francês com relação à fenomenologia de Husserl relaciona-se inicialmente com a ampliação do horizonte aberto pelo *Projeto* para além das fronteiras da filosofia.

Quando nos deparamos com a quantidade de autores abordados na obra em questão que, na maioria, são estranhos à própria filosofia, notamos claramente que a importância das ciências experimentais no percurso do autor não se configura apenas como uma necessidade de descrição dos resultados de tais ciências. Esse movimento parece fazer com que Merleau-Ponty compreenda as limitações que tanto as ciências positivas, quanto a própria atitude natural possuem na investigação em torno do organismo vivo.

O direcionamento a um plano originário de fundamentação de sua própria filosofia passa para o terreno do pré-reflexivo, e é por meio da percepção do corpo próprio que o filósofo francês tomará uma profunda pretensão ontológica. A discussão em torno da natureza da percepção pode ser interpretada como uma ampliação do método fenomenológico⁵ que busca tomar a atividade perceptiva não apenas em seu cunho conceitual, mas no momento pré-reflexivo, condição apodítica de descrição do organismo.

A percepção, assim, precisa ser reconhecida como participante de uma experiência originária do ser com a qual, principalmente, a psicologia e psicopatologia experimental têm acesso. Na maioria das vezes, ela é ignorada por tais ciências em prol de uma visão objetiva dos fatos particulares do “laboratório”.

O conceito de corpo próprio é formulado e reformulado em diferentes momentos no percurso filosófico do autor. Entretanto, sua característica ambígua nos apresenta, antes de qualquer possibilidade de imprecisão no nível conceitual, a importância do

⁴ A distinção efetuada por Merleau-Ponty, principalmente na obra *Signos* (1960) e discutida de forma muito consistente e original por Moutinho (2006, p. 23), entre um pequeno racionalismo do início do século XX que buscava explicar o ser pela ciência e um grande racionalismo que cria a ciência da natureza no século XVII, mas que não a toma como medida do ser, já parece esboçada em suas primeiras obras.

⁵ A relação com a fenomenologia de Husserl será o tema central de nossa Terceira Arqueologia, principalmente em torno da proposta propriamente merleau-pontiana de uma intencionalidade do corpo próprio.

significado e da situação vivida como propriedades fundamentais da filosofia de Merleau-Ponty.

Outrossim, a tarefa arqueológica proposta neste momento toma como objeto a articulação apresentada no *Projeto* em torno de um percurso sobre as relações entre a estruturação do conceito de percepção e a formulação propriamente dita do conceito de corpo próprio.

Uma segunda maneira de se compreender tal particularidade se relaciona diretamente com a forma peculiar com a qual o filósofo francês retoma a própria história da filosofia em favor da construção de seus argumentos.

A percepção articulada com o conceito de corpo próprio nos atesta que o sistema merleau-pontiano mantém uma abertura como traço característico de suas formulações. Definitivamente, a partir desse ponto, qualquer tentativa, seja da ciência ou mesmo da filosofia, em efetivar um *status de verdade* indubitável quando tratamos do organismo, torna-se devedora do reconhecimento prévio de uma ontologia bruta, de um plano de significações latentes que só ganham sentido a partir da descrição sobre o que, de fato, nos liga ao mundo de *nossa experiência*.

Merleau-Ponty parte do resgate da experiência original do sujeito num mundo que, definitivamente, não é do plano nem de uma experiência positiva conforme a maioria das ciências experimentais nos atesta, nem da atitude natural, mas da radicalização da percepção como condição fundamental do conhecimento. Será por meio da percepção que começaremos a vislumbrar a gênese do conceito de corpo próprio como uma raiz ontológica primordial da experiência humana.

Parece-me que no estado presente da neurologia da psicologia experimental (particularmente da psicopatologia) e da filosofia seria útil retomar o problema da percepção do corpo próprio. Uma doutrina de inspiração criticista trata a percepção com uma operação intelectual pela qual os dados inextensivos (as “sensações”) são postos em relação e explicados, de tal sorte que acabam por constituir um universo objetivo (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 11).

A doutrina de inspiração criticista, citada pelo autor, não é uma remissão direta ao “sistema kantiano” propriamente dito, e sim a uma atitude que torna dogmática a explicação kantiana em torno da percepção de uma maneira definitiva.

Este tipo de posicionamento é inaceitável do ponto de vista da interrogação filosófica como método privilegiado de discussão, tal como adota o filósofo francês, atestando mais uma vez a forma muito particular como o autor se utiliza dos

pressupostos oriundos da fenomenologia propriamente husserliana.

Na maioria das vezes, as tentativas de definição do organismo por parte da filosofia e da psicologia experimental perdem de vista que determinados conceitos “fogem” de uma “definição definitiva”.

Existe, pois, uma propriedade peculiar do orgânico que se relaciona, antes de tudo, com a singularidade e originalidade da vida, e não com os pressupostos da análise objetiva do cientista que encontra, na regularidade de suas constatações, a expressão de leis gerais que regeriam a experiência.

As assimilações da tradição filosófica, a partir do pressuposto da interrogação como método que já é evidente no *Projeto*, fulguram como uma rearticulação constante dos sistemas em busca de novas possibilidades de interlocução – a ciência e a filosofia não são, nesses termos, inimigas, quando tratamos do conceito.

O conceito é uma abertura a novas construções que assimila novos interlocutores, novos sentidos e dados das mais diferentes áreas. Dessa forma, nossa investigação se torna ainda mais complexa em relação ao conceito de corpo próprio, mas ao mesmo tempo, nos abre a possibilidade de delimitar a amplitude de sua gênese.

A ambiguidade, como uma marca metodológica da filosofia de Merleau-Ponty, fica evidente tanto pelas peculiaridades de sua escrita, quanto pelo alcance de suas reflexões e assimilações dos resultados de distintas áreas do conhecimento.

A estratégia do autor é marcada por uma nova maneira de se confrontar com a própria tradição filosófica, tendo como horizonte central a convicção de que o abandono de uma discussão pautada pela autoridade, adquirida por meio do acúmulo, é imprescindível para que novos sentidos insurjam na tarefa do filósofo que “reaprende a ver o mundo”.

Essa busca incansável por novas possibilidades de significação dos conceitos é, no percurso do pensamento merleau-pontiano, uma marca que atesta seu posicionamento frente à fenomenologia de Husserl. Ele apresenta, logo no início do seu projeto filosófico, a interrogação como método privilegiado de suas teses.

Nesse entremeio, a interrogação não é, em momento algum, no percurso das primeiras obras de Merleau-Ponty, devedora da dúvida no sentido cartesiano. Antes de se configurar como um procedimento meditativo marcado pela relação de uma espécie de interioridade pura que, fundamentada no distanciamento entre “cogito” e “mundo sensível,” inicia um trabalho hiperbólico, a interrogação em Merleau-Ponty é definida pela abertura, por uma espécie de atitude do sujeito, que se “lança sobre as coisas”, e

não sobre o mero “deleite metodológico” de suas meditações.

Tal fato nos atesta uma espécie de engajamento existente entre sujeito e objeto, de uma forma tão uníssona que a interrogação não pode ser mais considerada como mera dúvida, mas antes como uma *aporia existencial*.

A presença de um mundo que só nos é acessível pela nossa condição de seres vivos leva o pensador francês a tomar como propedêutica uma razão que se debruça sobre as inflexões, que a história da filosofia denominou como a “esfera confusa da sensação” ou, se preferirmos, da sensibilidade.

Isso indica que a descrição das relações entre o organismo e o meio necessita, na ótica de Merleau-Ponty, da aceitação de uma presença do corpo vivo num mundo, constituindo e mantendo uma espécie de sistema único de *correlação*.

Essa raiz articula a própria ideia de vida à noção de consciência por meio do conceito de corpo próprio, o que evita uma contraposição do sistema proposto a um mero tipo de vitalismo, ou mesmo de empirismo.

Temos, numa determinada percepção de um dado fragmento de tempo e espaço, um campo de presenças que se desdobram num horizonte determinado, mas que comportam sempre uma face inapercebida.

É nessa abertura ambígua que é, ao mesmo tempo, condicionada de maneira negativa – minha percepção comporta sempre uma face inapreensível em seus aspectos físicos – e positiva, pelo acesso a um sentido de todo que este “fragmento mundo” me oferece, que a noção de corpo próprio começa a ser constituída nas primeiras obras do autor.

Talvez seja esse o ponto que gerou a confusão de Émile Bréhier e de todos aqueles que buscam uma objetivação das teses construídas por Merleau-Ponty, ainda nos termos de uma filosofia de inspiração criticista.

De fato, esses temas apresentam de forma muito pontual as peculiaridades da filosofia merleau-pontiana. Se nos atentarmos a uma das objeções levantadas durante a exposição de *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*, de 1946, encontramos a seguinte questão levantada por Bréhier (apud MERLEAU-PONTY, 1990, p. 69):

⁶ Émile Bréhier foi professor na Sorbonne, tendo assumindo a cadeira de Henri Bergson após a sua morte. Optamos aqui por fazer uma pequena síntese da objeção de Bréhier que, definitivamente, foi mais ofensiva, mas essa atitude pode ser facilmente compreendida se nos atentarmos à condução racionalista, que chega a se aproximar de uma ideia romântica de razão, que Bréhier apresenta, sobretudo, em seus compêndios sobre a história da filosofia.

Bréhier: [...] Trata-se de saber se a filosofia consiste em se engajar no mundo, em se engajar nas coisas, não a ponto de se identificar com elas, mas a ponto de seguir todas as suas inflexões, ou se a filosofia não consiste precisamente num caminho inverso a este engajamento [...] De tal sorte que sua doutrina, para não ser contraditória, deveria permanecer não-formulada, mas somente vivida. Mas uma doutrina somente vivida é ainda uma filosofia? *Merleau-Ponty*: Seguramente uma vida não é uma filosofia. Acreditava ter indicado de passagem a ideia de que a descrição não é um retorno ao imediato; não se volta a ele. Trata-se simplesmente de saber se nos propomos a compreendê-lo. Parece-me que buscar a expressão do imediato não é trair a razão, é ao contrário trabalhar para o seu engrandecimento.

A resposta de Merleau-Ponty nos leva não apenas a uma necessidade de um novo posicionamento metodológico para efetivar a descrição do imediato, mas, ao mesmo tempo, a uma nova compreensão do próprio imediato, recolocando a filosofia no terreno das inflexões inerentes à nossa vida.

A atitude de filósofo promove, nesse sentido, uma radicalização da experiência do pensamento, que recoloca a própria razão num novo tipo de relação com a tríade vida, história e conhecimento.

Dessa maneira, a percepção é ponto privilegiado para uma filosofia que se propõe a pensar o vivo em suas particularidades, sem recair nem num *objetivismo racionalista*, nem em um *relativismo subjetivo*, conforme Moutinho (2006, p. 35): “Nem objeto puro, determinável por exclusão de todo predicado nele encontrável com base na relação entre sujeito e objeto; nem sujeito puro pensador absoluto que sobrevoa o objeto que o constitui”.

A tarefa de um “novo recomeço” elucidada implicitamente no *Projeto* se configura, assim, pela necessidade de um retorno radical à experiência perceptiva. Tal pressuposto fundamental será levado até suas últimas conseqüências, numa recondução da filosofia ao mundo, deixando explícita a maneira peculiar como Merleau-Ponty se insere nos “problemas filosóficos”.

Sua primeira atitude é assumir a filosofia como “situação engajada” que pode, num primeiro momento, suscitar certo estranhamento naqueles que concebem a noção de engajamento num sentido muito limitado. A filosofia não é concebida como um problema a ser solucionado apenas no domínio conceitual, mas é uma interrogação ligada diretamente ao “mundo de nossa vida”, ou como veremos mais adiante, com nosso mundo próprio.

Diante disso, a noção de engajamento se dilata e é deslocada de um domínio restrito da ação sempre relacionada a motivações ideológicas, no sentido oposto ao que Gramsci deu ao conceito, e se amplia para o domínio da experiência do pensamento. As

questões enigmas, criadas concretamente em “situações engajadas”, demarcam o campo específico de ação da filosofia, numa perspectiva que considera a intrínseca relação entre o filósofo e o mundo.

A busca da solução das “antinomias da razão” não é mais considerada como a finalidade da atitude filosófica, sendo que a procura por uma filosofia como enigma se liga novamente à concretude daquele que pensa o mundo, estando definitivamente situado e mergulhado nele.

O terreno das *questões enigmas* não pode ser definido apenas por conceitos. Porém, a exatidão da reflexão, requerida por Merleau-Ponty frente ao problema da percepção, denota, no mínimo, a importância de um direcionamento fundamental de nossas “operações intelectuais”.

Talvez o momento histórico em que o conceito de corpo próprio é formulado na iminência da realização da Segunda Guerra Mundial, e mais especificadamente quando *A Estrutura do Comportamento* é publicada no ano 1942, em meio à matança e à utilização do corpo como mera massa material, instrumento de guerra e de pesquisas que até hoje não foram devidamente explicitadas⁷; o retorno ao corpo como uma totalidade inviolável, viva e dotada de significações únicas, sejam efetivamente uma forma de engajamento pouco explorada no sistema filosófico de Merleau-Ponty.

Assim sendo, a filosofia é intenção de comunicação, questão existencial, um enigma vivo da experiência do pensamento, como coloca Silva (2009, p. 21): “[...] as questões enigmas quando existem são postas por aquele que as formula, em situação de engajamento”.

É interessante notar que a resposta de Merleau-Ponty a Bréihier não é uma tentativa de descrição do processo cognitivo que tem na representação do objeto por parte do sujeito seu objetivo central.

Por mais que seu foco não seja a formulação de uma teoria do conhecimento nos moldes modernos, a relação do sujeito com o objeto é constantemente revisitada pelo autor francês em diferentes momentos de sua trajetória, na clara intenção de descrever uma camada mais originária de um ser bruto ou selvagem, que encontra no corpo próprio toda a radicalidade ontológica de um ser da indivisão.

⁷ O trabalho de Lucy Miranda do Nascimento, intitulado *O Corpo para e no nazismo: as cicatrizes indelévels dos escritores sobreviventes do holocausto*, nos motivou à possibilidade de leitura do surgimento do conceito de corpo próprio em uma perspectiva mais histórica, por mais que a autora sequer aponte Merleau-Ponty em sua discussão. Nossa pesquisa ganha, assim, um direcionamento adicional a ser trabalhado com mais profundidade em outra ocasião.

Temos que o retorno às relações entre sujeito e objeto nos atesta, além de uma radicalização da experiência filosófica no mundo da vida, um ponto de constante revisitação das pesquisas de Merleau-Ponty. Essa espécie de “vida da razão”, que intenciona sempre um mundo de significações, expressa uma “promiscuidade” entre homem e mundo, e não por acaso o meio de se alcançar tal fim tem seu ponto nerval no conceito de corpo próprio, o qual é articulado diretamente no primeiro movimento da obra do filósofo francês, como um retorno radical à percepção.

Há, portanto, algo de novo nessa forma de conceber o conhecimento; a razão não é mais o *modus operandi* fundamental de um sujeito que busca conhecer um objeto, o homem não pode ser reduzido ao julgo de uma “razão pura” que decifra os “códigos mundanos”, visto que, para o filósofo francês, isso seria “[...] uma maneira bem romântica de amar a razão assentar seu reino sobre a confissão de nossos conhecimentos” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 62-63).

Logo, a maneira peculiar de descrever as relações entre o sujeito e o objeto são constantes por parte do filósofo francês. Mas esse movimento não se configura nos mesmos pressupostos das filosofias que postulam uma “consciência racional” num “estado de sobrevoos” do mundo vivo, ou mesmo da evidência, mesmo provisória, de um *cogito* no seu sentido cartesiano.

Tal subversão da atividade conceitual como definidora da própria filosofia nos fica evidente em diversos momentos do percurso filosófico do autor francês. Podemos, inclusive, ao atentarmos para o primeiro título pensado para *O visível e o invisível, A origem da verdade e a comunicação*, perceber a radicalidade de seu projeto, e mesmo um vislumbre da nova ideia de razão⁸ presente no *todo* de seu pensamento.

A forma como se concebe a atividade filosófica pode ser vista como um ponto de crucial importância na busca da gênese do conceito de corpo próprio. O problema da percepção do corpo próprio, não se fundamenta diretamente, pelo menos no texto de 1933, em torno do conceito de mundo da vida (*Lebenswelt*) e esta é uma das particularidades que tornam o *Projeto* uma obra central de nossa arqueologia, uma vez que nela se encontram os pressupostos iniciais do estudo do corpo em seu sentido fisiológico, apresentando de forma clara os modos como o autor transita pela psicologia, neurologia e mesmo pelas pesquisas em torno do patológico.

⁸ Rodrigo Vieira Marques trabalhou essa questão em sua tese de doutorado intitulada *Merleau-Ponty e a crise da razão*, obtida no ano de 2011 no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Carlos, sob a orientação do Prof. Dr. Richar Theisen Simanke.

No campo da filosofia, a percepção é tomada, como apresenta Merleau-Ponty (1990, p.11) nos moldes de uma “[...] doutrina de inspiração criticista, que toma a experiência perceptiva como uma ciência incompleta ou uma operação mediata”. Tal doutrina possui, como argumento central, a concepção de que os dados inextensivos são como uma espécie de *material bruto* a ser lapidado por uma operação intelectual na constituição de um pensamento objetivo.

Tais pontos definitivamente respondem à maneira muito peculiar como o pensador francês se coloca diante dos conceitos e da própria história da filosofia. Abre-se, porquanto, a importância da constituição de um novo método para que a descrição do imediato possa ser revestida do sentido originário perseguido pelo autor.

Meu campo perceptivo não pode ser tomado como objetividade pura. O homem possui uma corporeidade latente que o liga a um plano da experiência originária, um mundo de significações que, antes de serem definidas em termos racionais de uma representação interna do ânimo, são evidentemente sentidos de uma maneira radical e concreta. Entretanto, isso não implica que tudo possa ser definido conforme uma subjetividade condicionada pelas limitações de minha percepção que obrigariam o sujeito a buscar seu sentido em uma esfera transcendental pura.

O filósofo busca elaborar uma descrição constante de nossa experiência no mundo; todavia, as limitações das construções teóricas do *Projeto* esboçam, apenas, o rol dos interlocutores e das teses necessárias para esse percurso. Isso é evidente, por exemplo, na única referência direta à *Gestalttheorie*, a qual é direcionada somente a questões metodológicas da escola em questão, sem, contudo, apresentar claramente os objetivos de Merleau-Ponty nos estudos entre os sentidos da relação “figura-fundo” no nível da percepção do corpo próprio.

A análise da percepção começa com os pressupostos objetivos traçados pela fisiologia própria do organismo humano. Mas no interior do *Projeto*, a tentativa do jovem filósofo é muito clara, mantendo-se na apresentação de [...] que a percepção não é uma operação intelectual (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 11).

Esse pressuposto específico faz com que o filósofo evite uma visão estreita das relações entre o organismo humano e o mundo vivo, abrindo a perspectiva de se pensar

⁹ Remetemos à interpretação de Damon (2006, p. 32): “Trata-se, para Merleau-Ponty, de mostrar um descompasso entre a nova física e a representação clássica do mundo, entre a nova física e a ontologia científicista, não de dar razão ao *criticismo*, isto é não de desvincular a ciência de toda ontologia e delimitar como paisagem a filosofia a atmosfera rarefeita de um sujeito transcendental”. Buscamos, assim, remarcar o fato de que esse movimento já é efetivado nas obras de 1933 e 1934.

outra via de explicação do organismo humano que se distancia do ponto de partida fundamental das doutrinas de inspiração criticista. Estas se referem à representação interna do mundo exterior a partir de relações causais do tipo físico, como a característica central das relações entre percepção e mundo, fundamentando as noções de razão e consciência em sistemas que evidenciam conceitos específicos para esta cisão natural do organismo humano.

Nesse entremeio, temos a antecipação de um dos principais argumentos da obra *A Estrutura do Comportamento*, de 1942, pois a substituição do pensamento causal passa pela necessidade de um novo entendimento acerca da percepção a partir das peculiaridades da organização do vivo, principalmente em suas relações dialéticas com o meio, e na expressão de uma totalidade orgânica colocada propositalmente pelo autor com o nascente conceito de corpo próprio.

Temos, já no primeiro percurso do pensamento de Merleau-Ponty, a busca por uma nova compreensão do fenômeno humano, efetivada por um retorno a uma realidade biológica mais originária.

Sendo assim, o valor da significação vital do organismo como uma totalidade¹⁰ implica numa revisitação da noção de forma, não mais como a concebera o realismo, o empirismo e o intelectualismo, mas numa perspectiva que demarque precisamente o significado efetivo que emerge das relações entre um “corpo-sujeito” e um “mundo próprio”. Tal argumento ressoa, inclusive, nas críticas posteriores elaboradas pelo filósofo em torno do realismo da própria *Gestalt*.

A maneira peculiar como o *Projeto* se desenvolve está intimamente ligada a esta estruturação do corpo próprio como uma rearticulação da percepção do organismo como uma forma biológica mais originária, que impossibilita qualquer tipo de dualismo. Por conseguinte, a proposta de Merleau-Ponty (1990, p. 13) “[...] de se tentar uma síntese dos resultados da psicologia experimental e da neurologia, no que tange ao problema da percepção, e determinar, pela reflexão seu sentido exato [...]” possui certo “condicional”, que se configura com a descrição de um *estado presente da filosofia*.

Notemos que a atividade sintética marca a forma de abordagem da história da filosofia para o jovem filósofo. Sendo assim, a síntese ora realizada não pode ser concebida apenas em seu nível conceitual, porque o estado presente da filosofia se

¹⁰ Buscaremos precisar, em nossa Segunda Arqueologia, a importância de Kurt Goldstein para essa *nova* abordagem do organismo no itinerário filosófico de Merleau-Ponty, como plano biológico mais originário.

coloca num plano que assimila ao mesmo tempo em que discute as constatações da própria ciência em torno da atividade cognitiva e, sobretudo, nas investigações fisiológicas do corpo.

É sabido por todos que Merleau-Ponty apresenta, em suas obras posteriores, uma resistência em ligar o desenvolvimento das ideias ao progresso “técnico-científico”. Ele não hesita em apresentar uma crise no interior da filosofia, que se constitui como um esvaziamento de sentido sem par na história¹¹.

Percebe-se que o estado presente da filosofia é uma tentativa de objetivação da própria experiência sensível, nos moldes ainda modernos. Dessa forma, conota-se a necessidade de abertura das teses propriamente filosóficas em torno do corpo para o campo das ciências experimentais, da neurologia e da psicopatologia.

Isso implica, no primeiro percurso do pensamento de Merleau-Ponty, numa nova filosofia do fenômeno humano, efetivada pela revisitação do conceito de forma como uma realidade biológica mais originária, ou seja, o valor da significação vital do organismo se relaciona com sua categoria mais originária: a vida.

Bimbenet (2000, p. 31) nos apresenta a radicalização existencial da filosofia merleau-pontiana ao tratar da dialética implicada nas relações do organismo e de seu meio como uma abertura de relação: “Esta correlação dialética efetivada por meio da radicalização do comportamento vivo precede a qualquer disjunção de termos no plano conceitual”.

Diante disso, o “horizonte-mundo”, aberto por meu campo perceptivo, torna-se uma estrutura resistente. Seja por parte da ciência, seja por parte da filosofia, o paradigma da objetividade ganha uma tarefa prévia que se relaciona com o reconhecimento de um plano mais originário do ser, mantido pela sua característica vital. O que nos leva a uma questão fundamental: Como efetivar essa descrição do elemento vital presente nas relações dialéticas do corpo próprio?

Compreende-se que a relação entre atividade intelectual e dados inextensivos é extremamente hierárquica, ou seja, de acordo com a doutrina criticista, temos no nível

¹¹ Fazemos referência a uma das célebres interpretações de Prado Júnior (2000, p. 24): “Lembro-me aqui de uma frase da primeira nota de trabalho de *O visível e o Invisível* de Merleau-Ponty, em que o filósofo diz, nem mais, nem menos que a crise jamais foi tão profunda. E sua frase significa, pelo menos, desconfiança em relação ao otimismo ilustrado, que liga as ideias ao progresso social e epistêmico [...]. É difícil imaginar ingenuidade filosófica ou histórica filosófica, por parte de Merleau-Ponty. Suponhamos, então, que ele se refere a uma característica do pensamento contemporâneo (o texto é escrito nos fins da década de 1950) e parece referir-se a algo como uma banalização, um esvaziamento da filosofia sem par na história”. Cf. Referências bibliográficas.

da percepção uma matéria incoerente, há uma lacuna a ser preenchida por uma atividade intelectual, como se o elemento definidor do homem fosse factualmente esse processo de “racionalização” das sensações.

Concretizar essa revisitação aos postulados *da concepção clássica da percepção*, somando a eles os resultados de tão diferentes níveis de investigação sobre o corpo, o sistema nervoso, os problemas levantados pela psicopatologia e as pesquisas da *Gestalttheorie*, não será definitivamente um percurso tão fácil para Merleau-Ponty (1990, p. 13).

Nota-se que a ousadia do *Projeto* se manifesta diretamente nessa opção, uma vez que conceber a percepção como devedora de uma *operação intelectual*, de maneira praticamente isolada da atividade perceptiva, não é uma característica apenas dos sistemas filosóficos ditos críticos, mas uma marca da própria história da filosofia quando ela se propõe a pensar o corpo.

Logo, a refutação da tese de que a percepção é uma operação intelectual coordenada pelos pressupostos “da razão” que tornaria essa matéria bruta em uma sensação, surge da contraposição entre a doutrina de inspiração criticista e a escola da *Gestalttheorie*. Sendo assim, para Merleau-Ponty (1990, p.12), *o conhecimento sensível* não se configura como uma passividade e não está isolado do *quadro motor*, o que já revela o esboço de uma totalidade orgânica na obra em questão.

O contato originário com o mundo não suportaria uma concepção que toma a percepção como mediata pela consciência; consequentemente, o problema não é mais colocado sob o paradigma da separação entre uma intelecção pura relacionada com a razão, ou, se preferirmos, com a “alma” ou o “espírito” que, tomando o corpo como um meio, alcançaria a intelecção dos objetos mundanos, demonstrando, por essa limitação sensível, que o “piloto” (e não o navio como um todo) deve ser reconhecido como propriedade essencial do organismo propriamente humano.

Nos mares navegados por Merleau-Ponty, o homem não pode ser visto como um simples navio. Essas metáforas só podem ser validadas se conseguirmos conceber o navio como um organismo vivo, um ser uno que tem seu sentido de ser no contato com as águas, constituindo uma intenção própria, como se, do casco às velas, sua única vontade fosse contínua: estar em contato com o mar.

O problema da mediação já nos deixa claro no *Projeto* que a relação entre corpo próprio e percepção deverá demarcar o fio condutor para uma difícil tarefa: a impossibilidade de distinção no nível do organismo vivo dos pares dualísticos clássicos,

tanto da filosofia quanto da psicologia experimental (sensação/percepção; mente/cérebro; alma/corpo; espírito/carne).

É importante ressaltar que não existe, por parte do filósofo francês, a negação da atividade racional no homem; ele busca, pois, recolocar a função racional como uma das propriedades do corpo vivo.

Essa retomada de uma inegável pertença de todos os atributos constituídos pela história da filosofia ao corpo vivo do homem faz emergir, das primeiras teses do jovem filósofo, uma compreensão do organismo não mais como uma massa material hospedeira de paixões e vontades imateriais que estariam relacionadas, em última instância, com “o lado psíquico” ou, se preferirmos, racional do homem.

O argumento central apresentado no *Projeto* se relaciona, antes de tudo, com a negação dos pressupostos fundamentais da representação, adentrando diretamente no problema da percepção do corpo próprio e da definição de sensação. O lugar da consciência é ampliado para além do “claustro” da caixa craniana; sensação e percepção operam no mesmo sistema, no mesmo nível, que só possui e mantém seu sentido quando elas são tomadas num “bloco”, numa totalidade viva em ação; isso deixa claro a radicalidade das teses do *Projeto* com relação à estrutura totalizante que assume o corpo próprio.

É a totalidade do organismo humano que chamamos comumente de “sujeitos”: se a percepção não é uma operação intelectual, não podemos manter a consciência como definidora de nossa singularidade. O corpo próprio se confunde nos termos do *Projeto*, pela sua inalienável propriedade de vivo, com uma espécie de “corpo sujeito”, que antes de dois elementos unidos num só, se torna “um único sistema” de correlações mútuas que se sustentam por processos estruturais do organismo vivo.

O corpo próprio, já no horizonte aberto pelo *Projeto*, não é uma mediação, mas antes uma rede de correlação que amplia a atividade intelectual, tais como a memória e o julgamento, do campo do paralelismo *psicofísico* para o do *sentido muscular*; o próprio sistema nervoso é capaz de recolocar a *percepção em um quadro motor* a partir desses pressupostos, pois não há outro lugar para o sentido que não seja no *movimento nascente* que acompanha todos os gestos, ações e expressões do corpo próprio (MERLEAU-PONTY, 1900, p.12).

A significação é o novo paradigma para se pensar o *corpo imediato*, e o sentido é, antes de tudo, uma estrutura de relação, uma *Gestalt*. O retorno à escola da *Gestalttheorie* se relaciona, primeiramente, à necessidade de se rearticular a percepção

como uma operação de significado, que sempre vem acompanhada de um sentido motor – perceber é, antes de uma atividade intelectual, uma expressão da totalidade do organismo e de suas relações orgânicas.

O segundo sentido da escola alemã delimita-se como consequência da primeira tese e se relaciona diretamente com as limitações da distinção entre percepção e sensação no quadro construído por Merleau-Ponty no *Projeto*.

Mas as pesquisas experimentais da *Gestalttheorie* conduzem Merleau-Ponty a um rompimento com os pressupostos psicológicos e filosóficos que concebem a percepção sensível como uma “matéria incoerente” e passiva que “aguarda” a ação do sistema nervoso para enfim produzir um pensamento objetivo.

Ora, as pesquisas experimentais feitas na Alemanha pela Escola da *Gestalttheorie* parecem mostrar, ao contrário, que a percepção não é uma operação intelectual – que é impossível distinguir aí uma matéria incoerente e uma forma intelectual; a “forma” estaria presente no próprio conhecimento sensível, e as “sensações” incoerentes da psicologia tradicional seriam uma hipótese gratuita (MERLEAU-PONTY, 1990, p.11-12).

Somado a essa apresentação inicial do problema da percepção a partir dos resultados da *Gestalttheorie*, temos o *desenvolvimento da neurologia* que leva o jovem filósofo a interessantes apontamentos sobre a dinâmica viva do sistema nervoso, que é, na maioria das vezes, ignorada pela própria neurologia.

O sistema nervoso “[...] não é responsável pela elaboração do pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.12). Nesse enunciado do *Projeto*, há um fundamento de grande importância para as discussões posteriores efetuadas pelo filósofo francês, principalmente se atentarmos à radicalização do corpo próprio como lugar privilegiado de uma fenomenologia do vivido.

Nesse sentido, a limitação na abordagem do tema da percepção é o primeiro passo para o reconhecimento de um novo significado para a totalidade do corpo próprio enquanto organismo vivo.

Demonstra-se, claramente, a importância do *Projeto* para a compreensão do primeiro movimento no que tange ao pensamento de Merleau-Ponty.

A aproximação com os resultados da neurologia e da psicologia experimental amplia o domínio da percepção para além do “aparelho representacional”. Se a forma intelectual já está presente na atividade perceptiva, os *a priori* do tempo e espaço, as condições prévias dessa formação da consciência nos moldes kantianos e o próprio

sentido do fenômeno passam a se relacionar com um novo sentido do organismo vivo do homem.

É aqui que aparece uma objeção clássica de Merleau-Ponty, muitas vezes retomada, e valerá também contra o Husserl da segunda fase, o Husserl de *Idéias*: o fenômeno kantiano, malgrado ultrapasse a pura aparência cartesiana, não integra a significação à existência porque esta é produto de uma consciência constituinte (MOUTINHO, 2006, p. 83).

Merleau-Ponty ataca o cerne do problema, pois ao conceber a percepção apenas ligada a um “universo objetivo”, nos remete ao dualismo que busca combater, dado que ele é fundado numa concepção que toma a sensação como representação internalizada.

O dualismo se expressa por meio de uma propriedade essencial que toma a atividade da consciência como ligada a uma imaterialidade de processos essencialmente “racionalizáveis”, e “[...] a percepção como uma variedade da intelecção” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 216 apud MOUTINHO, 2006, p. 83).

O dualismo se agrava ainda mais quando remente as condições *a priori* da percepção a um estranho quadro racionalista e imaterial, que toma, mesmo em sistemas mais sofisticados como o de Kant, uma “ experiência derivada” que não consegue acompanhar toda a radicalidade da experiência perceptiva requirida por Merleau-Ponty, pelo menos na passagem da primeira a segunda edição da Crítica da razão pura. Conforme Luis Damon Moutinho (2006, p. 83): Nesse primeiro momento, ele [Kant] ainda distingue uma forma geral *a priori*, não derivada de nenhum evento corporal e psíquico, de conteúdos empíricos cuja existência atual é ligada a eventos exteriores.

Por conseguinte, o horizonte levantado pelo texto de 1933 nos esclarece que o ponto de saída de Merleau-Ponty para o estudo da percepção é a necessidade de sua recolocação num quadro motor: o início do percurso se dá num estudo da dinâmica própria do sistema nervoso, que visa encontrar indícios da totalidade orgânica e da impossibilidade de cisão entre percepção e sensação, entre consciência e corpo, espírito e carne.

Uma noção originária do funcionamento do corpo é gradativamente apresentada no texto de 1933: um esboço da totalidade orgânica começa a surgir na exata medida em que a discussão acerca da relação entre sistema nervoso e pensamento passa a ser fundada a partir da atividade perceptiva, que é recolocada em um *quadro motor*.

O jovem filósofo busca pensar a motricidade não pelo viés de uma teoria da ação que coloque a consciência, e mesmo a razão, como centro de produção dos movimentos corporais, mas antes, como veremos, a expressão do corpo próprio se configura como

um sentido: toda percepção já manifesta uma expressão, uma intenção que toma o todo do organismo.

Além disso, Merleau-Ponty (1990, p. 12) necessita dos resultados da neurologia em consonância com os estudos da *Gestalttheorie* para “[...] recolocar a percepção em quadro motor”. O próprio sistema nervoso deve ser compreendido como detentor de uma *função de condução e articulação*, e não de elaboração do pensamento.

Por outro lado, o desenvolvimento da neurologia explicitou o papel do sistema nervoso, cuja função parece ser cada vez mais uma função de “condução” do influxo nervoso e não uma função de elaboração do pensamento. Ao mesmo tempo em que dispensa os neurologistas de buscar nas localizações anatômicas uma cópia das funções mentais e, nesse sentido, libertar a psicologia do “paralelismo”, esta concepção põe em evidência o papel dos “movimentos nascentes” que o sistema nervoso tem como função provocar e que devem acompanhar toda a percepção: a percepção se acha assim recolocada num “quadro motor” (MERLEAU-PONTY, 1900, p. 12)

A *libertação* da psicologia, e em certo sentido da neurologia e da fisiologia, está relacionada com o que o autor francês denomina de *movimentos nascentes*, noção que se articula com a nova compreensão do sistema nervoso como “condutor”, e não “produtor” do pensamento, que nestes termos já é uma expressão motora em direção ao mundo.

O funcionamento nervoso só possui sentido quando articulado no organismo como um todo. Logo, o comportamento é lugar privilegiado para tal investigação, mas fenomenologicamente falando, toda conduta expressa, em algum momento, um movimento que se ancora na motricidade do corpo próprio como propriedade fundamental do mesmo.

Dessa forma, a gênese do conceito de corpo se relaciona no *Projeto* diretamente com a motricidade pensada a partir da “encarnação” da atividade perceptiva em um quadro motor mais originário. Ela assume a dinâmica própria do sistema nervoso como meio privilegiado da postulação de uma evidência expressiva e como ponto central da totalidade do organismo.

Evidentemente, esse pressuposto se mantém em outras obras do filósofo, tornando-se um dos principais fundamentos de noções posteriores como a de *carne* ou a de *quiasma*. Todavia, nossa arqueologia se depara, em 1933, com um esboço de definição do corpo próprio que se mantém em muitos sentidos com as teses apresentadas nas últimas obras de Merleau-Ponty.

O movimento nascente intencional, expressão de uma totalidade orgânica, retira

os pressupostos do corpo como mediação com o mundo e abre, pela relação com um ambiente específico, a radicalidade da noção de percepção em Merleau-Ponty, conforme nos atesta Caminha (2010, p. 173): “A percepção comporta, por essência, uma ligação interna com o movimento de ir em direção ao que aparece [...] já que perceber é, antes de tudo, pôr-se em relação”.

A atividade perceptiva não é meramente justaposta a um quadro motor mais amplo, mas deve ser entendida como uma propriedade essencial do próprio funcionamento nervoso. Não é a objetividade da percepção, tornada sensação por uma atividade intelectual, que poderia abarcar a totalidade do organismo, mas antes suas estruturas voltadas para um mundo onde a relação é a marca central da originalidade que meu corpo atesta por meio de suas significações criadas diretamente em seus movimentos expressivos.

Adentramos, indiretamente a uma espécie de ontologia indireta nas discussões em torno da percepção e da forma de relação do corpo próprio com o mundo já nas primeiras obras do jovem filósofo.

Uma das teses centrais do *Projeto* (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 12) de que a “[...] extensividade é manifestadamente coerente com a sensação quando se trata da percepção do corpo próprio”, o que nos remete diretamente ao problema da sensação tomada como dados inextensivos.

A intenção de Merleau-Ponty não é manter a discussão no nível da natureza do mental; sua busca se relaciona, antes de tudo, com o restabelecimento do primado da atividade perceptiva. O sentido do primado não pode ser nestes termos tomado como uma oposição ao derivado, mas antes como uma estratégia metodológica que permite a Merleau-Ponty demarcar de forma muito precisa sua opção pela totalidade do organismo, pelo ser da indivisão que desvela a camada mais originária de sua proposta ontológica de compreensão do homem a partir de sua corporeidade.

Ao psicólogo caberia, de acordo com o argumento merleau-pontiano (1990, p. 12), “[...] renunciar a imaginar um universo de sensações inextensivas que a educação dos sentidos converteria num espaço volumoso pela associação progressiva dos dados visuais aos tácteis”.

Não devemos nos esquecer de que o nosso “lado psicológico”, o cérebro, ou mesmo a razão e a consciência são inscritos em um corpo vivo que tem, na expressão, seu meio privilegiado de ação. O movimento se torna, portanto, ponto crucial da filosofia merleau-pontiana na obra de 1933.

As pesquisas efetivadas pela *Gestalttheorie* são fundamentais para a compreensão de Merleau-Ponty acerca da “armação originária”¹² do organismo humano, manifestando um sentido claro de totalidade já no *Projeto*.

A percepção não é mais concebida como derivação, não pode ser julgada como passividade incoerente que estaria à espera de uma coordenação efetuada pelo sistema nervoso; isso definitivamente liberta tanto a neurologia quanto a psicologia e, em certo sentido, a própria filosofia, de adentrar ao tenebroso labirinto da busca de localizações anatômicas como uma cópia das funções mentais.

O problema das relações entre o sistema nervoso e os dados sensíveis se apresenta no horizonte do *Projeto* como uma renúncia em tomar a noção das *sensações inextensivas* numa espécie de fundamento para a construção do conceito de percepção. Dessa forma, a importância do primeiro passo do jovem filósofo francês é remarcada para buscar a unidade do organismo por meio da atividade perceptiva.

Essa primeira grande conclusão do *Projeto*, a saber, a percepção recolocada em um *quadro motor* mais amplo, evidencia claramente a importância do movimento de totalização no horizonte da vida orgânica para o jovem filósofo.

A dificuldade expressa na distinção entre uma matéria e uma forma no conhecimento sensível é mantida por Merleau-Ponty (1990, p. 12), quando tomamos a própria extensividade como *coerente com a sensação quando se trata da percepção do corpo próprio*.

Esse último pressuposto das teorias de inspiração criticistas agrava a questão sob a ótica de Merleau-Ponty, que vê essa tentativa de racionalizar a sensação – principalmente em torno dos *a priori* como condições prévias do conhecimento sensível, as quais serviriam de fundamento para a tese de um “aparelho representacional” que em última instância – se mostra totalmente incompatível com a radicalização da experiência perceptiva requerida pelo filósofo francês.

Contra o dogmatismo criticista, o funcionamento do sistema nervoso rejeita essa categorização e hierarquização, ao mesmo tempo em que assegura como válida a

¹² Koffka (1953, p. 213) nos apresenta, de maneira complexa, a relação entre figura e fundo que aplicamos ao funcionamento do próprio organismo, principalmente ao discutir o campo ambiental, e um campo geográfico do próprio comportamento comum à escola da *Gestalt*. Mas como usamos a tradução espanhola, a palavra armação parece se adequar melhor ao horizonte do *Projeto*, uma vez que o conceito de estrutura ainda não fora trabalhado de maneira exaustiva por Merleau-Ponty neste momento da pesquisa. Podemos atribuir esse aspecto ao fato de que, em 1933, o filósofo francês apenas começava a participar dos cursos de Aron Gurwitsch, nos quais teria seu referencial teórico ampliado de forma decisiva.

correlação estrutural implícita nos sistemas de pensamento. Existe uma dinâmica de correlação que implica a totalidade do organismo em sua ação, não apenas no movimento, mas inclusive na própria experiência do pensamento, estabelecendo claramente a amplitude do quadro motor no qual é recolocada a percepção.

A percepção do corpo próprio é tomada pelo filósofo como questão central da rearticulação das estruturas de correlação orgânica para dar visibilidade a essa totalidade implicada na perspectiva motora do corpo próprio.

O uso direto – e mesmo as pressuposições implícitas do conceito de corpo próprio no transcorrer do texto de 1933 – conotam, no mínimo, que o fundamento necessário à constituição teórica do conceito de corpo próprio já esteja estruturado por parte do filósofo francês.

O corpo próprio é levantado como foco central do primeiro movimento do pensamento merleau-pontiano, perpassando suas primeiras obras de forma explícita, mas sem um ponto objetivo de construção em que o leitor possa acompanhar a sua estruturação.

Tal método de escrita nos leva a tomar a gênese do conceito de corpo próprio nas relações em que o conceito ganha outras noções levantadas pelo autor. O espaço propício para que a radicalização existencial da percepção seja efetivada dá-se justamente nesta estrutura indecomponível que é o corpo vivo, distanciando cada vez mais o sistema proposto por Merleau-Ponty de um reducionismo da consciência ao corpo, ou mesmo do corpo à consciência.

Como vimos, o paradigma da mediação já é eliminado por meio da emergência de um sistema que podemos denominar corpo sujeito, que mantém sua coerência justamente na radicalização da experiência perceptiva e seu sentido explícito de totalidade orgânica.

A percepção colada num quadro motor conota um movimento de totalização do organismo humano pensado como uma correlação, num novo sentido para a própria noção de fenômeno. Assim sendo, o problema das relações entre sistema nervoso e pensamento só pode ser validado quando a percepção é colocada como elemento participante e constituinte dessas relações motoras, as quais são naturalmente expressivas e fundam um mundo cultural.

Estes pontos surgem como principais ganhos no plano conceitual levantados pelo *Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção* de 1933, e podem, apesar das limitações do texto em questão, contribuir diretamente nesta arqueologia das bases de

constituição do corpo próprio em Merleau-Ponty.

Passemos agora, a uma breve análise do texto posterior ao do *Projeto*, intitulado *A Natureza da Percepção* de 1934, buscando seguir a trilha deixada pelo filósofo francês em torno de sua compreensão do corpo vivido.

1.2 A percepção como experiência concreta e radical

A Natureza da Percepção, de 1934, apresenta uma revisão de vários temas anteriormente esboçados pelo jovem filósofo no *Projeto* de 1933, além de evidenciar, de forma consistente, o fio condutor central do tema da percepção: a motricidade.

Sendo assim, os dois textos apresentam os principais pressupostos da atividade perceptiva para Merleau-Ponty (1934), a qual é fundamentada, principalmente, em noções oriundas de três grandes sistemas, a saber: a fenomenologia de Husserl, a *Gestalttheorie* e a teoria da totalidade orgânica como formulara Kurt Goldstein.

As três abordagens e suas formas particulares de compreender o organismo humano em sua relação com o mundo são definitivamente cruciais para encontrarmos a gênese do conceito de corpo próprio.

Essas diferentes perspectivas em torno do vivo são assimiladas por Merleau-Ponty de forma decisiva durante os cursos oferecidos no fim do ano de 1933 por Aron Gurwitsch, nos quais os alicerces fundamentais de toda a discussão merleau-pontiana começam a se estabelecer. Nesse sentido, o texto de 1934 nos parece muito mais completo, pelo menos nos pressupostos da formulação do conceito de corpo próprio.

Temas como a *presença*, a *concretude do mundo vivido* e a *instituição de sentido como pressuposto da totalidade orgânica* estão presentes na obra de 1934, oferecendo ao leitor um primeiro esboço da *síntese de resultados* proposta por Merleau-Ponty no *Projeto* (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 13).

Esse retorno nos permite encontrar um ponto comum nas obras de 1933 e 1934: *revisitar e descrever as relações entre natureza e percepção*. A justificativa de um *novo estudo da percepção* (1990, p. 17) se apresenta em cinco níveis que podem ser distinguidos, mas, como veremos, atravessam uns aos outros dentro do sistema filosófico de Merleau-Ponty.

O primeiro ponto se relaciona com as questões levantadas ao *criticismo* pelas novas filosofias nascidas na Alemanha. Mais uma vez, Merleau-Ponty recorre à corrente fenomenológica como resposta ao domínio dogmático que se instaurara por meio das

doutrinas de inspiração criticista.

A fisiologia do sistema nervoso, a patologia mental e o desenvolvimento psicomotor da criança são outros três pontos centrais para uma nova abordagem do organismo humano. Notadamente, a psicologia experimental, a neurologia e a psicopatologia têm um lugar de destaque nas pretensões do filósofo, sendo consideradas como terreno propício para um novo estudo da percepção.

Somando-se a esses quatro pontos, que justificam uma melhor análise do alcance da percepção para além dos limites consagrados pela tradição filosófica, Merleau-Ponty (1990, p. 17) apresenta como último elemento de fundamentação de seu percurso o *progresso de uma psicologia da percepção na Alemanha (Gestaltpsychologie)*. O autor promove um tênue deslocamento ao passar da *Gestalttheorie*, tomada como base na discussão elaborada no *Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção* de 1933, para a *Gestaltpsychologie*, no texto de 1934.

O jovem filósofo se utilizara da *Gestalttheorie* como uma pesquisa propriamente experimental, que possibilitava sustentar a tese de recolocar a percepção em um quadro motor. Entretanto, os cursos de Gurwitsch talvez tenham demonstrado a possibilidade de ampliação desse argumento por meio da utilização da *Gestaltpsychologie*, justamente em suas relações com a própria fenomenologia.

Note-se que Merleau-Ponty parece manter a *Gestalttheorie* no nível do horizonte aberto pela *Gestalt-terapia*, ou seja, por mais que a obra homônima de Perls, Hefferline e Goodman¹³ seja publicada posteriormente às análises do *Projeto* e da *Estrutura do Comportamento*, o filósofo francês não pretende formular uma *psicologia existencial*, deixando esse campo da clínica psicoterapêutica. Ele adentra diretamente em um campo mais originário da *correlação dos coexistentes*, o que nos aproxima do terreno propriamente ontológico.

A investigação proposta na obra de 1934 se centra, implicitamente, na *facticidade* de um mundo vivido, e não na biografia de um sujeito *egológico*. É somente

¹³ Marcos José Muller-Granzotto e Roseane Lorena Muller-Granzotto apresentam, no texto intitulado *Fenomenologia e Gestalt-terapia* (CF. Referências bibliográficas), as interfaces entre Merleau-Ponty e as bases da psicoterapia fundada na ambiguidade da natureza humana, em partes dada e criada por si mesma, conforme conceberam Perls, Hefferline e Goodman em torno da prática clínica da *Gestalt-terapia*, principalmente nos ajustamentos neuróticos e nas influências das descrições dos *a priori* de correlação como condicionada pela nossa inserção no mundo da vida. As práticas clínicas, fundamentadas principalmente nas noções *de campo* e *de contato*, têm o meio privilegiado de seus métodos, o que denota uma influência do filósofo francês nos terapeutas da *Gestalt*. Entretanto, invertamos aqui o percurso, visando justamente encontrar, na própria *Gestalt-terapia*, uma noção de campo que nos seja útil na reconstituição do conceito de corpo próprio como Merleau-Ponty o concebe, o que nos levou ao encontro de uma análise mais pormenorizada com a *Gestaltpsychologie*.

numa nova compreensão da atitude perceptiva que podemos compreender a busca de uma revitalização do sentido do ontológico expresso no projeto merleau-pontiano, que passa neste sentido, pela efetivação de todo o potencial filosófico das descobertas da *Gestaltpsychologie*.

O interessante é que, no horizonte do *Projeto*, tais resultados da *Gestalttheorie* fundamentam a crítica merleau-pontiana à psicologia tradicional. Dessa forma, o conceito de sensação não pode ser desvinculado da própria percepção, não temos dois momentos distintos marcados pela ação de uma forma intelectual em contraposição com dados materiais confusos oriundos dos sentidos.

Diante disso, o organismo humano é compreendido, porquanto, como um ser de relação, uma totalidade sistêmica que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de uma situação concreta vivenciada no corpo próprio. A atividade perceptiva abre uma inevitável presença de meu corpo vivo em um *mundo próprio*, o que conota novamente o mote da representação como um paradigma a ser revisitado para a concretização das teses merleau-pontianas.

O movimento da obra *A Natureza da Percepção* busca demonstrar a articulação estrutural do organismo humano. Temos aqui diversas teses em torno do problema da percepção do corpo próprio que serão relevantes para Merleau-Ponty.

A abertura da discussão para interlocutores de diferentes áreas leva o filósofo francês a uma revisão geral das pesquisas oriundas da fisiologia, da psicopatologia e da psicologia experimental, na busca de seu principal objetivo: ultrapassar a soma dos processos nervosos e musculares – fisiologicamente definidos e com funções específicas pontualmente localizadas – para um sentido de totalidade que desvenda uma nova dinâmica do organismo humano.

Nesse movimento, o conceito de corpo próprio recebe toda a sua estrutura de constituição no plano teórico, levando-nos a compreender como a gênese do conceito em questão está articulada diretamente com algumas questões que serão exaustivamente trabalhadas em *A estrutura do Comportamento*, terminada em 1938.

Isso evidencia que o primeiro percurso do pensamento de Merleau-Ponty se delimita muito precisamente nestas três obras: *Projeto de Trabalho sobre a Natureza da Percepção* (1933), *A Natureza da Percepção* (1934) e a obra de 1938, que fora publicada em 1942, a saber: “A estrutura do comportamento”.

A Natureza da Percepção, de 1934, traz como ponto central de discussão uma nova proposta de articulação das funções do organismo vivo. Novamente, o argumento

da totalidade orgânica tal como o formula Goldstein é utilizado contra as descobertas de zonas específicas do funcionamento nervoso por parte da fisiologia; esta, na maioria das vezes, adentra os complexos enunciados que tomam o funcionamento orgânico como uma máquina, onde poderíamos encontrar áreas específicas do funcionamento nervoso de uma maneira praticamente “autônoma”.

A antiga psicologia postulava como dados primeiros da consciência as sensações, que se supunha corresponderem termo a termo às excitações locais dos aparelhos sensoriais, de tal modo que uma determinada excitação produzisse sempre a mesma sensação (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 24).

Na maioria das vezes, a presunção de áreas distintas do organismo é interpretada como evidência que permite a definição de funções específicas para cada parte isolada do sistema nervoso. Isso implica, na maioria dos sistemas fisiológicos e psicológicos, à definição de um circuito reflexo como central nos processos nervosos.

O problema nas postulações desse tipo é que, além de recair numa tese que coloca o cérebro como o responsável por produzir a natureza psicológica do homem – o que faz com que as teses em questão recaiam sempre numa espécie de paralelismo psicofísico –, as doutrinas ainda não conseguem vislumbrar a importância do conjunto, da estrutura total do organismo vivo.

De saída encontramos, em *A Natureza da Percepção*, todo um percurso em torno das pesquisas oriundas do que o filósofo denomina de *fisiologia da percepção*. Ele busca, justamente, evidenciar o sentido restrito em que a percepção é articulada no processo de conhecimento do homem quando é meramente contraposta à fisiologia própria do sistema nervoso.

A melhor elucidação sobre as formas de relação entre o sistema nervoso e a atividade total do organismo é definitivamente um passo essencial para o desenvolvimento das teses de Merleau-Ponty.

A demarcação da importância da percepção para o conhecimento, e conseqüentemente, para uma nova compreensão do corpo, assegura ao pensador francês, já em 1934, a necessidade de se conceber “o vivo” a partir do ponto de vista biológico, ou seja, o desenvolvimento das teses de Merleau-Ponty toma como pressuposto fundamental o organismo, e não os pressupostos da atividade racional para a própria definição do homem.

Nestes termos, o pressuposto do corpo como uma realidade mais originária expressa toda uma tentativa de *recolocação* do problema do organismo propriamente

humano no campo ontológico a partir da “promiscuidade” existente entre corpo e mundo.

Merleau-Ponty busca em 1934 encontrar tanto os limites da própria neuropatologia quanto da psicologia experimental, e também reunir, sob o objetivo principal de uma nova compreensão da noção de forma, um novo sentido para o corpo próprio a partir de sua propriedade fundamental de organismo vivo.

Aqui fica evidente que o ponto de partida do jovem filósofo é bastante inovador, principalmente quando observamos o fio condutor de diversos sistemas de explicação do corpo no interior da história da filosofia, dado que, a relação entre sujeito e objeto não é tomada pelo distanciamento causado pela consciência ou pela razão, mas sim pelo resgate primordial da *correlação* originária entre meu corpo e o mundo.

Nestes termos, a constituição do conceito de corpo próprio parte do ponto de vista biológico do organismo humano. Merleau-Ponty acaba por tornar acessível uma via de descrição do comportamento que sublinha a experiência perceptiva num sistema de correlação entre uma totalidade expressa pelo corpo próprio e um horizonte, mundo aberto por minha percepção.

Existe uma noção oriunda do funcionamento do sistema nervoso que é justaposta propositalmente por Merleau-Ponty (1990, p. 18) à *fisiologia da percepção*, e que contribui diretamente para a radicalização da atividade perceptiva requerida pelo filósofo: a *localização cronogênica*.

A gênese da percepção é constituída dentro da obra de 1934 tendo diversos interlocutores, mas tomamos dois nomes *estranhos* à história da filosofia como ponto de partida: C. von Monakow e Henri Paul Hyacinthe Wallon, buscando evidentemente encontrar nesta discussão proposta pelo filósofo francês algumas importantes pistas teóricas implicadas na elaboração do conceito de corpo próprio.

A referência a Monakow é muito breve no interior da obra de 1934, mas aponta justamente uma questão fundamental para a constituição do conceito de corpo próprio: a

¹⁴ Constantin von Monakow nasceu em 1853 na Suíça, onde morreu, em 1930. Ele foi um neuropatologista que estudou na Universidade de Zurique, sendo assistente no Instituto Burghölzli sob a direção de Eduard Hitzig (1839-1907). Suas pesquisas sobre a anatomia cerebral foram notáveis, principalmente em torno das análises sobre as vias sensoriais e motoras, o que levou Monakow a estabelecer as relações funcionais entre diferentes regiões do sistema nervoso e consequentemente do próprio cérebro. Além do termo *localização cronogênica*, utilizado por Merleau-Ponty no texto de 1934, o termo *Diaschisis* demonstra bem o equilíbrio funcional e dinâmico no nível fisiológico do cérebro concebido por Monakow. Para o *psicopatologista*, existe uma *plasticidade* muito peculiar no funcionamento cerebral que permite uma espécie de *autorregulação* que passa dos níveis mais simples aos mais complexos do corpo vivo.

dinâmica e a plasticidade do sistema nervoso.

A fisiologia cerebral e, principalmente, a fisiologia da percepção se fundamenta muitas vezes nos pressupostos oriundos da obra do autor em questão, sem, contudo, interrogarem-se acerca do sentido profundo dos resultados apresentados pelo próprio Monakow no que se refere ao todo do organismo. Essa limitação não está relacionada apenas as limitações técnicas dos experimentos, mas, antes de tudo, a um tipo de reducionismo físico-químico expresso na maioria dos resultados de Monakow.

Ora, se as perspectivas de C. Von Monakow e a noção da “localização cronogênica” fornecem ideias diretrizes à experimentação, não parecem ter dado lugar a suficientes pesquisas particulares para que se possa esclarecer a psicologia da percepção pela fisiologia cerebral. (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 18)

Por *localização cronogênica*, Monakow entende uma dinâmica própria do cérebro que possibilita um tipo de equilíbrio muito peculiar. A *localização cronogênica* é, nesse sentido, uma resposta oriunda da própria neurologia tanto a um tipo de *localizacionismo estreito*, que concebe cada função psíquica como relacionada a um ponto determinado do cérebro, quanto às visões holísticas do funcionamento nervoso que buscam descrever um aporte inespecífico de diferentes zonas do cérebro na constituição de uma imagem mental internalizada.

Temos obviamente, no ponto de partida de Merleau-Ponty (1990) sobre as relações entre *conhecimento sensível e inteligência* no nível das *projeções* e das *associações*, uma interessante justificativa da constatação de um uso muito limitado, na interpretação do filósofo francês, da noção de *localização cronogênica* pela fisiologia da percepção.

A plasticidade presente como característica *auto-regeladora* do sistema nervoso, e mais especificadamente do cérebro, deveria inaugurar uma dinâmica de conjunto nas relações entre as partes e funções do organismo vivo. Merleau-Ponty corrobora que o uso da *localização cronogênica* ainda não fora explorada suficientemente no nível das experimentações fisiológicas, justamente pela falta de compreensão do organismo humano como uma totalidade dinâmica, e não meramente pela questão do desenvolvimento técnico de sua época, dado que o todo não pode ser reduzido à soma das partes.

Em um dos experimentos de Monakow¹⁵, que consistia na remoção do córtex cerebral de uma dada espécie, o pesquisador percebeu uma atrofia em extensas partes do tálamo.

Podemos deduzir que, antes de qualquer interpretação fisiológica, há a dependência de uma função de conjunto do sistema nervoso pela ação do tálamo estar intimamente ligada a uma espécie de organização das sinapses nervosas, dado que a neurologia nos apresenta essa região do cérebro como o lugar onde ocorre um complexo entrecruzamento de diversas vias neurais.

Não buscamos detalhar os experimentos de Monakow, mas o conceito de *localização cronogênica* não fora citado sem nenhuma intenção por parte de Merleau-Ponty.

O interesse do filósofo pelo conceito surge em sua juventude, talvez como manobra metodológica fundamental; isso faz com que ele evite recair numa filosofia da mente, que toma o estudo da atividade perceptiva como uma passagem necessária de uma fisiologia da percepção a uma psicologia da percepção, o que restringiria sua investigação apenas aos pressupostos materialistas e atomistas do organismo e suas relações de implicação, ou mesmo de *não implicação*, de uma natureza mental.

Nesses termos, a pesquisa merleau-pontiana passa por fisiologia e psicologia da percepção, sem recair nos pressupostos dessas áreas. Tal aspecto é definitivamente crucial para que o conceito de corpo próprio possa emergir sem nenhuma referência direta às abordagens estritamente neurológicas ou psicológicas no que concerne ao tema da percepção em seu sentido propriamente filosófico.

É, pois, um novo gênero de análise, fundado no sentido biológico dos comportamentos, que se impõe ao mesmo tempo à psicologia e à fisiologia. A intervenção das influências cerebrais teria por efeito reorganizar o comportamento, elevá-lo a um nível superior de adaptação e de vida, e não apenas associar, dissociar dispositivos preestabelecidos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 26-27).

Nesse diapasão, o uso indiscriminado da noção de *cronaxia* aplicada à discussão em torno do reflexo de extensão nos primeiros capítulos da obra *A Estrutura do Comportamento* nos leva a admitir que a *localização cronogênica* é um artifício utilizado por Merleau-Ponty para a elucidação de um fenômeno que questiona a estrita

¹⁵ Esse experimento específico e as nossas breves considerações sobre Monakow são tecidos a partir da obra *Neurobehavioral Disorders of Childhood – an evolutionary perspective*, de Robert Melillo e Gerry Leisman, (p.81-88, Cf. Referências bibliográficas).

relação entre uma lesão e uma função determinada num dado comportamento. De forma direta, atrela-se a discussão empreendida em *A Natureza da Percepção* com as relações entre o estímulo e a resposta trabalhadas pelo filósofo na obra de 1938.

Se, como parece, o reflexo de extensão estiver condicionado a uma inversão das cronaxias – a dos músculos flexores tornando-se maior do que a dos músculos extensores, e a extensão mais fácil que a flexão –, digamos que a relação, normal ou patológica, dessas cronaxias é determinada, não por algum dispositivo inibidor localizado, mas pela situação nervosa e motora no conjunto do organismo. Conseqüentemente, a ação do cérebro na atividade reflexa não é mais a autorização dada ou recusada por uma instância superior a processos automáticos ou autônomos. Ao mesmo tempo em que perde seu papel de árbitro entre mecanismos prontos a funcionar, o cérebro, reintroduzido no circuito nervoso, assume um papel positivo na própria constituição das respostas reflexas (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 25- 26);

Tal artifício é definitivamente uma forma de compreensão própria da dinâmica cerebral que se opõe às *teses localizacionistas*, ao mesmo tempo em que se coloca distante de qualquer espécie de paralelismo psicofísico. Esse passo é essencial para que notemos a importância da compreensão do organismo, em seu nível biológico, para Merleau-Ponty.

O desenvolvimento posterior da neurologia comprovou principalmente por meio de técnicas como a da *neuroimagem*, que muitas das teses elaboradas por Merleau-Ponty, já aqui em 1934 por meio de sua *re-apropriação* de Monakow, eram definitivamente relevantes com relação à dinâmica própria de organização do cérebro e do sistema nervoso:¹⁶

Não me pareceu possível, contudo, abordar esse estudo da percepção através da fisiologia do sistema nervoso nem pela patologia mental. Pareceu-me que uma e outra deveriam permitir esclarecer a relação entre conhecimento sensível e inteligência, esclarecendo a relação entre a “projeção” e a “associação” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 18).

As alterações de diferentes partes do cérebro não obedecem a um esquema definível apenas no sentido da localização específica da lesão de uma determinada área. Em contrapartida, é possível perceber que até mesmo uma lesão num lóbulo cerebral pode trazer alterações em outro lóbulo.

O mérito dessa constatação, de acordo com Merleau-Ponty, reside num ponto fundamental que se relaciona com o distanciamento do nebuloso problema da relação entre cérebro e pensamento e na imersão de um novo significado para o fenômeno de

¹⁶ Esse não é nosso objetivo central, mas a obra de Andy Clark tem sido muito importante para que possamos vislumbrar toda a potencialidade de Merleau-Ponty no que tange à “filosofia da mente”.

relação entre sujeito e objeto a partir dos pressupostos do organismo, e não da representação.

A dinâmica do sistema nervoso aponta para a impossibilidade de uma delimitação precisa, quando tratamos de lesões em determinadas áreas do cérebro, e de um distúrbio funcional que seria consequência de uma lesão específica – ela expressa uma relação com todo o sistema nervoso e, conseqüentemente, o organismo total.

O interesse de Merleau-Ponty pela noção de *localização cronogênica* de Monakow está relacionado à estruturação de um conjunto do organismo humano. Todavia, Monakow não toma essa propriedade fundamental do funcionamento nervoso em suas possibilidades ontológicas, abandonando de certa forma a compreensão do organismo humano como uma totalidade, o que apresenta de forma clara a dificuldade em se manter o conceito de corpo próprio como devedor apenas dos elementos físico-químicos presentes nas relações “internas” do organismo.

A noção de *localização cronogênica* estabelece o ponto central das dificuldades que uma filosofia da percepção enfrentaria, caso se mantivesse apenas no nível fisiológico de explicação do corpo próprio.

O horizonte levantado por essa tese poderia ser deslocado facilmente para o problema do corpo próprio numa remissão direta ao psicologismo; mas esse definitivamente não é o caminho trilhado por Merleau-Ponty, evitando que tomemos o sistema elaborado pelo filósofo francês como um reducionismo ao corpo.

O problema da percepção, no texto de 1934, é levantado como uma crítica contundente, tanto ao mecanicismo quanto ao atomismo característico da psicologia experimental do início do século XIX.

Mas essa crítica se mantém, em certo sentido, atrelada aos resultados da neurologia e da psicopatologia, principalmente no que tange a uma nova abordagem do organismo humano que ultrapasse a visão fundamentada apenas em seus aspectos de reação no sentido físico.

A radicalização da atividade perceptiva vista em seu aspecto concreto de relação entre meu corpo e o mundo, não pode ser explicitada apenas no horizonte dos resultados da fisiologia cerebral e a da percepção.

Ambas as perceptivas ainda se mantêm no nível de uma explicação estritamente fundamentada nos aspectos físico-químicos da substância nervosa, o que levaria o conceito de corpo próprio, tal como o persegue Merleau-Ponty em seu sentido orgânico, a diversas limitações.

Isso inegavelmente tornaria o comportamento simbólico como devedor de uma explicação idealista fundado numa instituição de sentido estritamente psicológico.

É, portanto, no organismo que devemos procurar o que faz de um estímulo complexo mais do que a soma de seus elementos [...]. Essas observações não introduzem, com a noção de forma ou de totalidade do estímulo, nada que, para ser registrado, suponha uma espécie de psiquismo, e já foi apontado, com razão, que a física conhece máquinas especialmente construídas para receber formas (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13).

Não estamos discutindo a “função” do corpo na percepção. Antes, Merleau-Ponty inaugura, em 1934, uma abordagem que toma a atividade perceptiva de forma concreta e radical, que só poderá se tornar inteligível a partir de um conceito de corpo próprio que, fundado em pressupostos orgânicos, aceite um novo paradigma de relação com o mundo.

É por meio de uma radicalização da ideia de percepção, que passa por um novo sentido para o conceito de forma, que a percepção poderá manter sua concretude numa organização total e numa espécie de construção de um todo novo que cada situação vivenciada deixa emergir. Aqui nos parece ressoarem as palavras de Paul Guillaume (1960) em torno da psicologia da Forma, tão bem assimilada por Merleau-Ponty:

A organização do campo de percepção, tal como era estudada nos primeiros experimentos, aparece, desde então, como um caso muito especial da organização do campo total, do que faz parte o eu, com sua memória e sua afetividade. O problema da percepção inseria-se, então, no problema da ação e da adaptação recíproca do indivíduo e do mundo [...]. Na história da psicologia, como na de outras disciplinas, num certo momento, essas questões chegaram a parecer esgotadas, e suas soluções pareciam definitivas. A crítica, que revelou a fragilidade do edifício, deu ao mesmo tempo, um novo impulso ao esforço construtivo. A teoria da Forma teve o incontestável mérito de ter feito surgir novos problemas e de ter traçado, para os investigadores, todo um programa de trabalho que se revelou frutífero e cujo quadro não cessou de ampliar-se (GUILLAUME, 1960, p. 195-196).

A *Gestalt* é, assim, outro ponto de ligação que nos evidencia o percurso de constituição do conceito de corpo próprio. O “elemento” somático não pode ser compreendido como uma massa de elementos materiais antropomórficos que estariam à disposição do fisiologista para uma análise isolada dos elementos do sistema nervoso. A percepção está numa intrínseca relação com a própria ação, o que lhe garante uma concretude inevitável no mundo vivo do qual participo.

As relações de conjunto do organismo vivo são colocadas, portanto, num lugar privilegiado, fazendo com que Merleau-Ponty assumira todas as conseqüências da

percepção como uma experiência concreta e radical, a qual nos recoloca no mundo de uma maneira muito peculiar: *independentes da vontade e da inteligência*.

Para a *Gestaltpsychologie* um objeto não se põe em relevo pela sua “significação” (*meaning*), mas porque possui em nossa percepção uma estrutura especial: a estrutura da “figura sobre um fundo”. Determinam-se as condições objetivas – independentes da vontade e da inteligência- que são necessárias e suficientes para engendrar a estrutura “figura” (por exemplo, a distância máxima e ótima em virtude da qual muitos pontos são vistos como uma figura, uma constelação – *Wertheimer*) (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 25).

Tal movimento não faz com que o filósofo francês recaia num psicologismo ou na mera redução ao corpo apenas em seus aspectos físico-químicos. A busca pela gênese da percepção faz com que uma visão sobre o organismo humano se mantenha numa constante tensão entre as relações orgânicas no mundo vivo da experiência perceptiva, o que nos leva a um novo sentido para a própria *atividade* da consciência.

Se os aspectos físico-químicos não podem ser considerados como fundamento único para a postulação de um primado da percepção em todas suas conseqüências ontológicas, e por mais que o sistema nervoso evidencie uma função de coordenação, e não de produção da própria ação humana, ainda não nos afastamos completamente de uma espécie de primazia da consciência¹⁷; logo, não estaria Merleau-Ponty caminhando para uma espécie de *metafísica do sentido* que ainda o manteria como devedor das teses dualistas fundadas na primazia da consciência?

O movimento de totalização do conjunto das atividades do organismo em sua relação com um mundo exige que o funcionamento do cérebro, dos órgãos dos sentidos, e de todos os processos físico-químicos no corpo vivo sejam compreendidos por uma nova ideia de forma. Antes de ser uma referência a qualquer espécie de essência imaterial, ela se coloca no plano concreto do comportamento e dos processos estruturais do corpo vivo que não estão totalmente suscetíveis aos mesmos pressupostos da nomenclatura da física e de suas leis.

Há, de forma muito clara, uma limitação na obra de 1934 que não nos permitiria

¹⁷ Essa questão parece central para a crítica e reformulação de uma fenomenologia do vivo, num molde ontológico tomado por Renaud Barbaras a partir das últimas obras de Merleau-Ponty, que é apresentada de forma muito consistente por Luiz Damon Santos Moutinho em seu artigo *De Merleau-Ponty a Barbaras*: “O corpo, por exemplo, não é de ordem inteiramente diversa da consciência, ele é antes uma consciência opaca ou incoativa. Logo, o horizonte da racionalidade persiste como obsessão a marcar o corpo como simples insuficiência. O modelo pendular da Fenomenologia também: a crítica ao empirismo é feita a partir do intelectualismo e vice-versa, o que significa dizer que nem um nem outro modelo é realmente superado” (CHAUI; LACERDA, 2012, p. 66).

adentrar todas as potencialidades das noções de forma e de estrutura. Entretanto, temos a apresentação do percurso necessário para essas formulações posteriormente trabalhadas pelo filósofo no livro supracitado.

A possibilidade de uma “dilatação” do próprio sistema nervoso, numa rede de conexões relacionadas ao todo do organismo, ultrapassa os limites da proposta de Monakow, surgindo obviamente no percurso de Merleau-Ponty como uma resposta filosófica a algumas considerações em torno da objetividade requerida pela própria fisiologia, que a desobrigava de manter outras pretensões ontológicas.

Finalmente a Fisiologia, quando se constituiu como ciência autônoma, analisando os órgãos dos sentidos e as funções do sistema nervoso, foi levada durante o século XIX a abordar o estudo dos processos mentais pelo sistema da experiência objetiva (PIÉRON, 1969, p. 13).

Assim sendo, a fisiologia se propõe a um nível de discussão pontualmente delimitado. Ao deduzir seus resultados *de um fragmento do vivo*, desconsiderando uma visão do organismo humano em sua totalidade, a ciência experimental se torna devedora de um sistema de explicação do organismo que só pode ser validado pela objetividade, como um fator característico do próprio funcionamento orgânico.

Todavia, ao invés de reconhecer, dentro desse sistema, um princípio estrutural que evitaria diversos problemas no nível objetivo requerido pela sua explicação, a ciência experimental se torna indigente com a dinâmica própria do vivo, no exato momento em que toma seus resultados como únicos elementos válidos para a explicação da natureza do organismo humano.

O mérito da pesquisa experimental não é questionado pelo filósofo francês, mas essa linha extremamente rígida faz com que o cientista se mantenha apenas no nível estrito de determinados processos desvinculados do todo. Ela retira da própria investigação fisiológica, o elemento propedêutico de sua atividade: o fragmento do vivo não pode servir de fundamento para a sustentação de uma objetividade pertinente à vida como totalidade num determinado organismo.

Essa crítica é fundamental para que o projeto de radicalização da experiência perceptiva seja efetivado, a partir de um quadro motor, expresso pelo comportamento.

O organismo não pode mais ser considerado como uma mera justaposição de diferentes órgãos, em diferentes sistemas, com funções específicas independentes uma das outras.

Somos, antes de tudo, essa totalidade específica: esse corpo, passível de alterações de algumas de suas partes, é insuperável enquanto aquilo que seu conjunto expressa num dado comportamento que, antes de tudo, deve ser considerado como meu.

Portanto, o problema está relacionado com a pressuposição de que o estudo de partes (ou de funções específicas do organismo) constatadas em laboratório possa ser tomado como modelo de explicação do comportamento dos organismos vivos, o que, invariavelmente, cria, entre o estímulo e a resposta, uma explicação fundada apenas no sentido mecânico e funcional do corpo.

A recorrência às pesquisas de Goldstein e Gelb em torno das lesões nervosas é, pois, mais um ponto comum tanto em *A natureza da Percepção*, quanto em *A Estrutura do Comportamento*. O esboço iniciado na obra de 1934 passa da mera consideração do organismo como uma totalidade para, em 1942, ser fundamental para a discussão com o circuito reflexo, tal como concebido por Ivan Pavlov e a teoria clássica do reflexo.

O argumento central, re-apropriado a partir de Goldstein nas obras em questão, é o uso do pressuposto fundamental do organismo como uma totalidade, que se transmutará no conceito de corpo próprio.

Merleau-Ponty, assim, necessita demarcar muito precisamente que a totalidade orgânica, antes de ser considerada como uma abstração, configura-se como uma condição basilar da organização do vivo.

[...] o primeiro efeito das lesões é romper a continuidade funcional dos tecidos nervosos, e ao “comportamento de laboratório”, em que o animal está colocado numa situação antropomórfica, já que, em vez de lidar com essas unidades naturais que são um acontecimento, uma presa, ele está restrito, a certas discriminações, deve reagir a certos agentes físicos e químicos que só existem isoladamente na ciência humana. Toda reação orgânica supõe uma elaboração de conjunto das excitações que confere a cada uma delas propriedades que não teriam sozinhas [...] (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 64).

A relação de conjunto como propriedade fundamental do vivo é a pedra fundamental que o cientista se esquece na maioria das vezes, deixando que seus próprios resultados recaiam em uma espécie de autonomia com relação ao todo. Ele não percebe que a infinidade dos processos implicados num simples gesto de acasalamento, ou na busca da realização de uma atividade vital é, antes de tudo, uma atividade da estrutura total do organismo.

Por conseguinte, a base interpretativa dos processos cerebrais e do sistema nervoso, no organismo propriamente humano, recai num sistema objetivo da atividade

intelectiva que não resolve as questões da relação entre pensamento e cérebro, e nem efetiva uma explicação plausível sobre a materialidade dos processos representativos: ao contrário disso, ela adentra a um tipo de explicação causal que toma o corpo num sentido essencialmente mecânico.

A ciência experimental não se dá conta de que, no nível da explicação dos processos nervosos, toma como princípio de validação um sistema de explicações causais do tipo físico que impossibilitam a verificação de suas próprias conclusões no nível do organismo vivo fora do laboratório.

A forma como a noção de *localização cronogênica* foi re-apropriada por Merleau-Ponty colabora diretamente para essa nova visão do organismo que busca a compreensão de sua dinâmica própria, em que cada parte está intimamente relacionada com o todo.

O cientista não está proibido de inferir conclusões no nível interpretativo do organismo, mas ele deve, antes de tudo, reconhecer que a constância generalizada das pesquisas no laboratório só pode ser considerada factualmente como uma *pseudoconstância* (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 64) expressa na noção de reflexo.

Não há, no nível do organismo humano, reflexos puros e constantes que possam ser assimilados a todas as situações possíveis de seu comportamento no mundo externo ao laboratório.

Mais uma vez fica claro que a tarefa da psicologia experimental não é contraditória com a atividade filosófica. A busca desenfreada por validações metodológicas nas quais entraram os grandes sistemas científicos de explicação da natureza humana, se nortearam por generalizações que cada vez mais assumem o corpo como uma complexa massa material regida por leis mecânicas.

É Merleau-Ponty que na *Estrutura do Comportamento* reconhece essa falha¹⁸ de uma filosofia indigente com relação à própria noção de comportamento. Buscando não recair na mesma negligência, o filósofo se lança na obra de 1942 em uma breve análise de alguns pontos da fisiologia do sistema nervoso e da neurologia de seu tempo.

Temos inclusive em Henri Piéron, em certo sentido, a mesma preocupação de Merleau-Ponty. Ele analisa como cientista, os precisos limites da filosofia com relação à ciência e desta, análoga à filosofia, mas deixa escapar, em alguns momentos, essa

¹⁸ Essa passagem será trabalhada, com detalhes, posteriormente. Basta-nos, para o presente momento, demonstrar que a noção de comportamento sofreu uma séria negligência por parte da filosofia, a qual, nas palavras de Merleau-Ponty, *não conseguiu pensar* as consequências filosóficas dos resultados das pesquisas de Gueuze Tilquin (*Le Behaviorisme*) e de John Broadus Watson.

intrínseca relação, principalmente quando tratamos da compreensão do organismo humano.

Entretanto, criticam muitas vezes a Psicologia Experimental por não resolver os grandes problemas, como o da alma e do corpo [...]. Certamente não pertence a ela edificar grandes teorias explicativas que fujam à verificação; a função dela é sugerir hipóteses provisórias, submetê-las ao controle dos fatos e favorecer, desse modo, a pesquisa de novas suposições; muitas vezes ela é levada a encontrar em fenômenos orgânicos gerais a explicação de certos processos mentais [...]; mas as conclusões a que ela pode chegar, fundamentando-se nessas constatações, possui apenas um aspecto provisório. Somente a Filosofia, que tem por tarefa ultrapassar a experiência, pode generalizar ou opor-se à generalização, afirmar ou negar a irreducibilidade do fenômeno psíquico (PIÉRON, 1969, p. 23).

O mérito aqui não se relaciona com uma avaliação qualitativa dos campos de investigação a partir do alcance particular e empírico da ciência, de um lado e do universal lógico e abstrato da filosofia, de outro.

Não podemos deduzir que Merleau-Ponty vise ultrapassar a experiência por meio de constatações sobre as condições prévias do funcionamento orgânico em um nível transcendental no sentido em que esse conceito é trabalhado pelas filosofias de inspiração criticistas.

Aparece-nos, pois, uma *filosofia engajada* com a descrição do organismo humano, que tem como *telós* compreender sua existência. Essa *questão enigma* motiva o filósofo francês a compartilhar, com a própria ciência experimental, a importância de se resgatar o campo mais originário do ser, que passa por uma retomada radical da percepção nesse primeiro percurso de Merleau-Ponty.

Esse fato nos fica evidente na forma como Merleau-Ponty lê os experimentos de Monakow. A constatação que o tálamo não apresentou uma atrofia completa no experimento em questão é simplesmente suprimida em prol da derivação de um resultado que remarca bastante a sua extensa atrofia.

As teorias que concebem a percepção como um elemento que se encontra a serviço de processos organizacionais mais complexos e produzidos, em última instância, pelo cérebro, necessitariam de inferir explicações sobre o porquê da continuidade do funcionamento do sistema nervoso mesmo sem o córtex e com algumas extensões do tálamo atrofiado.

Obviamente, tais adaptações são possíveis pela capacidade de *auto-regulação* não apenas do cérebro, mas de todo o organismo. A noção de *localização cronogênica* contribui diretamente para que os postulados recebam validação na perspectiva experimental; entretanto, Monakow não se preocupa em aprofundar essas relações para

o organismo em seu sentido de totalidade, uma vez que a percepção continua sendo vista como um segundo plano que se liga ao sistema nervoso por relações de causalidade num sentido físico.

Percebe-se que a manifestação do fenômeno do vivo integrado em todo o organismo é uma aquisição definitiva das primeiras investigações do filósofo francês, não apenas no caso específico do estudo da percepção a partir de uma dada patologia, mas como exigência de um novo sentido para a própria ciência. Essa situação instaurada em *A natureza da Percepção* de 1934 se remete à célebre passagem de *O olho e o espírito: a ciência manipula as coisas, mas se recusa a habitá-las* (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 85).

Nesse sentido, o estudo do patológico poderia alcançar uma retomada da percepção, nos termos exigidos por Merleau-Ponty. Todavia, as teses apresentadas em 1934 demonstram que constituir uma descrição objetiva dos casos patológicos recai nos mesmos erros da fisiologia, acrescidos de uma nova dificuldade metodológica.

A analogia entre o normal e o patológico tem como ponto fundamental um método aplicado ao desenvolvimento do organismo numa situação muito peculiar. Isso demonstra as dificuldades, no plano teórico, de uma descrição objetiva dos padrões normais e mesmo patológicos, não apenas para Merleau-Ponty, mas para o próprio pesquisador, como é o caso de Wallon (1995, p. 35): “A grande dificuldade da observação pura como instrumento de conhecimento resulta de que usamos uma tabela de referência”.

Além das dificuldades do ponto de vista metodológico existe na interpretação de Merleau-Ponty, alguns fatores que fazem com que o próprio estudo do patológico não possa ser deduzido da própria conduta do sujeito normal; isso demarca, cada vez mais, a importância dada pelo filósofo francês à percepção como estrutura concreta e radical.

A conduta do doente não pode ser deduzida da conduta do sujeito normal por simples subtração de partes, ela representa uma alteração qualitativa, e é na medida em que exigem uma atitude da qual o sujeito não é mais capaz que certas ações são eletivamente perturbadas. Aqui aparece, pois, um novo gênero de análise, que não consiste mais em isolar elementos, mas em entender o desenho de um conjunto e sua lei imanente [...]. é um novo significado do comportamento, comum à multiplicidade dos sintomas, e a relação do distúrbio essencial com os sintomas não é mais de causa/efeito, mas reação lógica de princípio/consequência ou de significado/signo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 99).

Buscar essa integração surge, no itinerário do jovem filósofo, como tarefa verdadeiramente fenomenológica que tem como objetivo central a reabilitação da

própria ontologia como exigência oriunda da recolocação da percepção em um quadro motor. Tal aspecto nos leva a um movimento de *radicalização* da atitude perceptiva que não pode ser encontrado em nenhum outro momento da história da filosofia.

Nesses termos, ainda fica a necessidade de um retorno ao organismo humano em sua forma mais radical; e é justamente na percepção que traz, em si mesma, a significação da ação humana, que Merleau-Ponty encontrará esse acesso.

Fica evidente que a maioria dos resultados, tanto da neurologia quanto da fisiologia em torno da atividade nervosa, pretende formular um sistema objetivo dos processos mentais.

Tomar esta relação de causalidade entre cérebro e mente, entre pensamento e corpo, pode nos conduzir a diferentes respostas. Uma primeira resposta que se funda no “mecanicismo” – o corpo não é mais do que uma complexa máquina composta por diversos sistemas coordenados pelo cérebro; uma segunda possibilidade é o atomismo – que alega como única explicação para o organismo, a materialidade de processos físico-químicos que obedecem em última instância a processos causais do tipo físico enunciados em última análise pelas experimentações da ciência que parece nestes termos ignorar o dinamismo da força de conjunto presente apenas no organismo tomado como uma totalidade.

E talvez seja mesmo no homem que encontremos mais facilmente reflexos puros, porque talvez ele seja o único a poder entregar isoladamente tal parte de seu corpo às influências do meio. Quando examinamos num sujeito humano o reflexo pupilar, poderíamos dizer que o sujeito “empresta” seu olho ao experimentador; então, e apenas então, observamos para um estímulo dado uma reação mais ou menos constante; esta regularidade não será novamente encontrada no uso vital da visão (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 66).

Mas como esse movimento, no plano metodológico, insere a percepção em uma experiência radical e concreta?

Se tomarmos alguns dos argumentos apresentados em torno da análise da *Gestaltpsychologie* e da *psicologia da criança*, dado que, além de ser este um dos últimos temas a ser trabalhado em *A Natureza da Percepção*, ele se configura como um ponto privilegiado para que possamos, de forma definitiva, apresentar toda a inovação da compreensão da atividade perceptiva do corpo próprio tal como a enuncia o filósofo francês.

Para compreendermos melhor esse movimento, apresentemos algumas

considerações sobre a forma como Wallon (1981) concebe a evolução psicogenética infantil a partir de seus estudos em torno do desenvolvimento psicomotor da criança. Ele busca demarcar, nesse percurso, o movimento de re-elaboração efetuado pelo filósofo francês na constituição do conceito de corpo próprio.

Esse primeiro recurso à obra de Wallon não se concentra especificadamente em uma crítica direta as formulações do psicólogo, nem adentra as discussões em torno do desenvolvimento infantil, mas visa essencialmente encontrar, por meio de uma gênese da corporeidade humana, o primeiro percurso da estruturação da ontologia bruta perseguida por Merleau-Ponty desde a sua juventude.

Notamos, claramente, um duplo interesse pelas teses de Wallon por parte de Merleau-Ponty, que se delimitam em dois campos fundamentais: a necessidade de resgatar, como uma tarefa arqueológica, que reconfigura duas pontas da análise fenomênica de nossa corporeidade, as peculiaridades do corpo como organismo total; e a consequência do primeiro, pela precisão de se rearticular essa perspectiva do corpo próprio com a motricidade humana.

Wallon (2005, p. 123) concebe uma espécie de evolução da *psicomotricidade* na criança a partir de uma série de estádios: “Os domínios funcionais entre os quais se dividirá o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa”.

A evolução aqui não se relaciona com uma hierarquia, mas antes com as características próprias de cada um dos estádios, que são suscetíveis de uma espécie de integração: um estágio não elimina os comportamentos apreendidos no *estádio* anterior, evidenciando uma estreita relação entre os diferentes momentos de desenvolvimento da criança. Em linhas gerais, os diferentes *estádios* do desenvolvimento da criança são expressos por Wallon (2005) como afetividade, ato motor, conhecimento e pessoa.

Não é apenas no nível comportamental que a criança demonstra essa evolução, mas também no sentido psicológico, que é marcadamente influenciado, na ótica de Wallon (2005), por transformações abruptas no nível fisiológico. Isso nos apresenta que o problema da função do sistema nervoso parece ser deslocado, pelo autor, de uma mera perspectiva de um paralelismo psicofísico para uma abordagem que releva a compreensão integral da pessoa.

Para Wallon (2005), o elemento cognitivo é uma parte fundamental para a constituição de um novo *estádio*. A interação social é decisiva para o comportamento determinado de um *estádio* específico, chegando ao ponto de ser considerada uma

necessidade orgânica. Cada *estádio* está intimamente ligado a determinadas habilidades motoras e afetivas que reencontram, em última análise, sua gênese no desenvolvimento natural do sistema nervoso, caracterizando um tipo específico de comportamento.

A sensibilidade, no estágio afetivo motor, mantém-se no domínio de uma percepção *exteroceptiva*, em contraste com uma esfera da sensibilidade denominada de *proprioceptiva*. Por mais que os dois níveis da sensibilidade sejam pensados a partir da relação que a criança mantém com seu corpo e o mundo, e que eles estejam estritamente conjugados, a causalidade circular da percepção é tomada como objeto de crítica por parte de Merleau-Ponty.

A sensibilidade do próprio corpo é a que Sherrington chamou proprioceptiva, por oposição à sensibilidade exteroceptiva, que está voltada para o exterior e que tem por órgãos os sentidos. A cada uma das duas correspondem formas de atividade muscular distintas, ainda que estritamente conjugadas (WALLON, 2005, p. 65).

No entanto, notamos que essa crítica específica não é direcionada às teses de Wallon, mas aos pressupostos de Charles Scott Sherrington, principalmente em torno da noção de reflexo com as quais Merleau-Ponty não pode compactuar. Aceitando as hipóteses de Sherrington, Wallon deixa num segundo plano a dialética do desenvolvimento infantil que ele esboçara e que fora elogiada por Merleau-Ponty no mérito que ela possui em evitar qualquer tipo de reducionismo.

Não é somente a Wallon que Merleau-Ponty dirige sua preocupação com as possíveis interpretações meramente fisiológicas que a classificação da sensibilidade pode suscitar. Sherrington, Augusta Déjerine e Henry Head inferem essa distinção da sensibilidade como um de seus principais resultados, levando à formulação de um rígido estatuto da distinção entre percepção e sensação por um processo causal no sentido físico.

A sensibilidade exteroceptiva se relaciona com as sensações superficiais do organismo em sua relação com o mundo exterior, enquanto a sensação proprioceptiva é definida em termos *musculoesqueléticos*, ou seja, na relação intramuscular, nos espasmos e movimentos próprios dos órgãos do sentido.

A sensação contínua definida como um processo nervoso que se inicia num órgão receptor tem seu ápice na atividade do córtex cerebral.

Os pressupostos que concebem a sensação relacionada diretamente à relação causal existente entre um órgão receptor e um conseqüente processo nervoso são expressos implicitamente na distinção da sensibilidade.

Assim o reflexo, efeito de uma dissociação patológica, característica não da atividade fundamental do ser vivo, mas do dispositivo experimental do qual nos servimos para estudá-lo – ou atividade de luxo, tardia tanto na ontogênese quanto na filogênese, pode ser considerado como o elemento constituinte do comportamento animal apenas por uma ilusão antropomórfica. Mas ele também não é uma abstração, e sob esse aspecto Sherrington equivoca-se: o reflexo existe; ele representa um caso muito particular de conduta, observável em condições determinadas. Mas não é o objeto principal da fisiologia, não é através dele que podemos entender o resto. Não poderíamos considera como uma realidade biológica toda reação obtida em laboratório interrogando um organismo doente ou em condições artificiais (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 67-68).

A fisiologia da percepção toma como verdade essas conjecturas, mas a filosofia não pode ser indigente com o todo, tendo por obrigação, na ótica merleau-pontiana, de reconduzir os resultados da ciência para um campo mais originário do ser. A afirmação de Wallon (2005, p. 66), de que a “[...] percepção é tanto atividade como sensação [...]”, não parece suficientemente elaborada para a radicalização requerida por Merleau-Ponty em seu estudo da percepção, mas conota um paradoxo fundamental que motiva o filósofo.

O mesmo autor, ao asseverar que “[...] o estudo do patológico oferece uma ocasião para discernir algumas destas variações que a doença torna mais aparente” (Ibidem, p. 40), parece ser coerente com alguns dos pressupostos tomados por Merleau-Ponty (1990, p. 19), pois, por mais que “[...] o mundo da criança epilética possa ser descrito por uma instabilidade e incoerência, culminando em uma atividade tirânica [...]” e em alguns casos egocêntrica, não podemos intuir nada além do que sua ação visa a um mundo, antes de tudo, *uma massa de coisas exteriores* com as quais ela tece, a seu modo, um comportamento organizado.

Diante disso, a demarcação da infância surge como uma condição que aproxima o corpo próprio ao sentido dado à noção de carne nas últimas obras de Merleau-Ponty. Alguns dos pressupostos de Piaget estariam de acordo com teses bem específicas da *Gestaltpsychologie*, uma vez que, de acordo com Merleau-Ponty (1990, p. 30-31), “[...] a psicogênese não pode ser tomada como uma simples junção ou acréscimo de dados comportamentos apreendidos, mas por uma reorganização do campo perceptivo a partir de conjuntos mal ou diversamente ligados”, articulados em uma situação concreta da atividade perceptiva da criança. A condição primordial expressa no comportamento da criança suscita, por parte de Merleau-Ponty (1990, p. 31), a demarcação muito precisa dessa mudança de atitude por parte de Wallon e suas pesquisas em torno da psicogênese infantil.

É essa característica ambígua da percepção que gera o interesse de Merleau-Ponty (1990, p. 31) pela pesquisa de Wallon: “É significativo que H. Wallon, que parecia conceber a gênese da percepção objetiva segundo as perspectivas tradicionais como uma passagem do interno ao externo, faça implicitamente na sua última obra restrições a essa tese”.

Essa restrição às teses da gênese da percepção objetiva como uma passagem do interno ao externo salva Wallon da crítica de Merleau-Ponty (1990, p. 31), ao mesmo tempo em que indica o caminho prescrito à psicogênese infantil, a partir do ponto de vista propriamente merleau-pontiano que se instaura como “[...] uma fonte de excitações, para um objeto em movimento e interessado em experimentar suas diversas possibilidades”. Ela demarca, muito precisamente, a corporeidade infantil como intencionalidade que explode para um mundo dotado de significações que não se vinculam como sentidos sedimentados, mas como experiências sempre novas.

A psicogênese da criança conota, em Merleau-Ponty, uma configuração de um comportamento *animalesco* em seu sentido *narcisístico*, compreendido pelo filósofo francês em seu sentido essencialmente corporal em que indivíduo busca concretamente a demarcação de seu corpo próprio, num impulso que anseia por um sentido, tendo pelo viés do organismo concreto uma totalidade em ato que não pode ser simplesmente relevada em todos seus aspectos concretos e vivos. Em outros termos a psicogênese da criança não pode receber outro viés explicativo que não o sentido relacional do corpo no mundo, desvendando mais uma vez, o norteamento ontológico da pesquisa de Merleau-Ponty.

Este impulso *animalesco* pelo sentido do corpo próprio só pode ser considerado como um sintoma de anormalidade psicológica pelo paradigma de uma razão objetiva do adulto, que definitivamente desconsidera que a própria consciência adere ao corpo num sistema único, num corpo próprio, num entrelaçamento que mais uma vez apresenta que as pretensões de compreensão da “natureza humana” não podem desconsiderar a percepção como aspecto fundamental da compreensão do homem.

Na perspectiva do filósofo, os trabalhos de Wallon são atravessados pelo intelectualismo que caracteriza as psicologias genéticas. Isso não significa que neles não se encontrem concepções capazes de iluminar uma arqueologia do corpo próprio. A “história” do corpo adquire seu sentido pleno [...] quando se percebe [...] essa unidade vivida. [...] Desde seu primeiro trabalho, *A Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty insiste no fato de que a consciência experimenta a todo o instante sua inerência ao organismo, não enquanto conjunto de aparelhos materiais, mas como história das “etapas dialéticas” que a própria consciência atravessa (VERÍSSIMO, 2011, p. 469)

A experiência perceptiva no mundo se configura não como um acúmulo de comportamentos apreendidos, mas como uma ruptura constante, que tem como elemento comum um direcionamento, um lançar-se cada vez mais ao mundo próprio da criança a um ambiente que se confunde com a própria intenção do comportamento infantil.

A gênese da percepção explicada prioritariamente em seu sentido fisiológico não interessa a Merleau-Ponty. Contudo, o que realmente leva o filósofo a vislumbrar as implicações ontológicas oriundas da psicologia experimental e da neurologia são essa espécie de resistência que o próprio funcionamento nervoso apresenta às tentativas de fragmentação do vivo.

A passagem do interior ao exterior recai numa inteligibilidade, justamente porque a própria noção de comportamento utilizada por Wallon, quando ele se coloca no mesmo sistema desenvolvido por Sherrington, incide numa limitação que se relaciona às dificuldades do estudo dos casos patológicos e à sua transposição ao desenvolvimento normal.

Tomar a percepção como uma reação causal num sentido mecânico leva fisiologistas e neurologistas a postulações interpretativas fundadas em induções condicionadas por uma visão objetiva da fisiologia própria do organismo humano. Eles não percebem, contudo, que o organismo não pode ser interpretado apenas em seu sentido *físico-químico*, pois existe um elemento vital ignorado na maioria das vezes.

Nesses termos, perde o sentido qualquer tipo de localização estritamente relacionada à delimitação pontual, na própria fisiologia do sistema nervoso, como produtora daquilo a que a filosofia e a psicologia vêm denominando vagamente de consciência. Ao mesmo tempo, seria um disparate afirmar que a percepção pode ser diferenciada em dois níveis distintos que, em certo sentido, estariam relacionados com o interior (percepção do próprio corpo) e o exterior (percepção dos objetos exteriores).

A estratégia de Merleau-Ponty é muito clara: utilizar alguns dos pressupostos conquistados por Wallon e Monakow para delimitar, por meio da crítica a duas noções centrais dos estudos da fisiologia e da neuropatologia dos autores em questão, o terreno em que se constituem as bases de seu estudo da percepção.

Entretanto, apenas essa postulação não oferece uma tese positiva sólida para a gênese da percepção. Nesse sentido, a análise das pesquisas de Wallon constitui, para o filósofo francês, tanto a concretização da busca empreendida no *Projeto* de 1933,

recolocando a percepção num quadro motor, quanto a postulação da dificuldade de uma distinção clara no que se refere à sensação e à percepção.

O princípio da motricidade é uma descoberta da fisiologia da percepção, que possui relações diretas com as conclusões de Wallon, principalmente em torno dos estádios afetivo e motor.

A motricidade é definitivamente uma marca importantíssima para se pensar tanto o movimento quanto a expressão do corpo próprio, além de fornecer diretrizes para radicalizar a percepção.

Essa noção reclama uma nova compreensão do sistema nervoso e se aproxima, cada vez mais, de uma atividade estrutural consolidada pelo conjunto do organismo, o que reaproxima as noções de sensação e percepção independentemente de uma topografia do funcionamento orgânico.

Esse último ponto é crucial para que se alcance todo o potencial do projeto merleau-pontiano em torno da experiência perceptiva, dado que encontramos na discussão que se seguiu da apresentação de *O primado da percepção e suas consequências filosóficas* de 1946, a seguinte resposta de Merleau-Ponty (1990, p. 93) a um dos questionamentos de seus arguidores: “*Parodi*: Ficarei tentado a dizer que o corpo é essencial para a sensação muito mais que para a percepção. *Merleau-Ponty*: Pode-se distingui-las?”.

A resposta em forma de interrogação vai ao encontro do horizonte levantado pelos resultados da fisiologia da percepção e da neurologia, ou ao menos na forma como Merleau-Ponty interpreta essas conclusões em um plano mais originário do ser.

A distinção de duas esferas da sensibilidade que, como já vimos, recai numa espécie de reducionismo do psíquico ao físico, não pode satisfazer as pretensões de Merleau-Ponty em torno da gênese da percepção.

Nesse sentido, as pesquisas apresentadas em torno das formas de afecção do organismo incidem em uma das questões centrais em obras posteriores: os prejuízos empiristas e intelectualistas.

A “luta” constante de Merleau-Ponty se mantém contra um conjunto de teses empiristas que tomam o mundo num viés epistemológico, na tentativa de resolver um “[...]problema ontológico advindo da física galileana” (MULLER, 2001, p.50) 19.

¹⁹ Essa interpretação é construída por Marcos José Muller no estudo *Merleau-Ponty: acerca da expressão*, tendo em vista a obra *Fenomenologia da Percepção*. No entanto, podemos notar que o prejuízo dos clássicos e o retorno aos fenômenos já é iniciado tanto em *A estrutura do Comportamento*,

Novamente somos remetidos às novas possibilidades de explicações da relação entre estímulo e resposta para além do domínio de uma interpretação matemática das relações físicas. O foco na obra de 1934 é, porquanto, abrir caminho para que a *radicalidade* da percepção e sua recolocação em um quadro motor possam efetivar a nova condição existencial da consciência.

Mais uma vez, a referência a Wallon no fim do texto de 1934 pode nos ser fundamental para a busca da gênese do conceito de corpo próprio, que passa necessariamente por uma ideia radical da própria “função” da percepção.

A ideia de uma consciência *fechada nos seus “estádios”* (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 31) surge, no interior da análise psicológica da criança em Wallon, como explicação da forma como ela organiza os dados de sua percepção e mantém a distinção entre uma percepção sincrética e uma analítica, com a qual o filósofo francês reluta em compactuar.

Dessa forma, o *egocentrismo* apresentado por Wallon só pode ser validado dentro de uma perspectiva que adote a falta de objetividade em certos *estádios de desenvolvimento da criança*. Essa é uma atitude que, antes de tudo, ignora tais pressupostos, não por julgamento, mas pela falta de sentido desses critérios para a situação vivida pela criança.

Merleau-Ponty ousa indicar essa constatação nos estudos *estesiológicos* de Wallon na formulação de seus *estádios* do desenvolvimento *psicomotor* da criança. A explicação de Wallon, como vimos, tenciona mostrar o comportamento do interesse e da busca de experiências variáveis a partir do fenômeno da sutura entre os campos *interoceptivos* e *proprioceptivos*, de um lado, e o campo *exteroceptivo* de outro, como causa desse comportamento. Existe nesse recurso a Wallon toda uma apresentação da gênese comportamental a partir dos pressupostos da motricidade.

Entretanto, quando atentamos para a questão da motricidade, e como ela complementa o estatuto do corpo próprio na obra de 1934, chegamos a vislumbrar como a experiência concreta e radical do corpo próprio – seja nas intenções animais da corporeidade infantil, seja no comportamento patológico que conota uma dada lógica do significado nas relações tecidas pelo organismo humano com o meio – opera uma superação com toda a concepção tradicional da consciência no sentido dos estádios

quanto em *A Natureza da percepção*, tendo sua crítica ampliada para além de sistemas prioritariamente filosóficos de cunho empirista e intelectualista, mas para os resultados da fisiologia e psicologia da percepção.

apresentados por Wallon ou como pressuposição de uma atividade psicológica definidora de nossas ações.

Mas, justamente, ignorar a objetividade do adulto não é viver em si, é praticar uma objetividade sem medida, e não seria necessário que a fórmula do egocentrismo pudesse sugerir a velha ideia de uma consciência fechada nos seus estádios. As observações de P. Guillaume assinalam ao contrário a precocidade de um comportamento adaptado ao espaço (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 31).

Temos aqui, justamente nessa precocidade de um comportamento adaptado ao espaço, um ponto fundamental que demarca a experiência concreta e radical da percepção no horizonte da obra de 1934, presente não apenas na criança, mas como uma propriedade da estruturação do organismo propriamente humano: a intenção de um comportamento que visa ao mundo próprio de minha estrutura perceptiva.

2 - SEGUNDA CAMADA: O ORGANISMO.

Nossa segunda camada busca estabelecer a importância da noção de organismo para a constituição do conceito de corpo próprio. Partindo do encontro entre Merleau-Ponty e Aron Gurwitsch, ocorrido no período em que o último, fugindo dos primórdios da ameaça nazista por sua origem judaica, se refugia na França; e tomando como base as interpretações levantadas por Maria Luz Pintos Peñaranda, buscamos demarcar de forma muito precisa que a opção de fundamentar o conceito de corpo próprio na noção de organismo, faz com que o filósofo francês concretize o projeto radical em torno da experiência perceptiva, o que definitivamente apresenta muito claramente a inovação de seu projeto filosófico com relação à própria escola da *Gestalt* e mesmo da fenomenologia husserliana.

2.1 O Cenário levantado por Aron Gurwitsch: a obra fecunda de Kurt Goldstein.

Em uma viagem aos Estados Unidos, supostamente²⁰ ocorrida no ano de 1948, Merleau-Ponty não só conhece pessoalmente Kurt Goldstein, mas tem a oportunidade de reencontrar um velho conhecido: Aron Gurwitsch (1901-1973). Os cenários, destes diferentes encontros, remetem a todo um percurso que ultrapassa a mera constatação de influências teóricas e demonstra a efervescência do pensamento francês que se iniciara nos anos 1900.

O resultado dessa “visita” está muito além da publicação, pela editora Gallimard em 1951, da edição francesa da obra *La structure de l'organisme*, de autoria de Kurt Goldstein. Naquela época, além de ocupar o cargo de direção da coleção *Biblioteca de Filosofia* juntamente com Sartre, Merleau-Ponty não exita em escrever uma fervorosa introdução ao livro em questão, estes fatos podem, neste sentido, nos esclarecer sobre a importância que o Kurt Goldstein possui no itinerário do pensamento do filósofo francês, tendo ainda na figura de A. Gurwitsch uma interessante chave de leitura sobre o posicionamento de Merleau-Ponty frente a fenomenologia de Husserl e as pesquisas da escola da *Gestalt*.

Nesse sentido, Maria Luz Pintos Peñaranda (2007), em seu texto *Gurwitsch*,

²⁰ Tomamos como base para a apresentação do percurso histórico e conceitual de Merleau-Ponty a pesquisa de Peñaranda (2007, p. 214), que faz menção a essa viagem remetendo a um ensaio de Elmar Holentein. Nele, o autor faz referência às visitas efetuadas por Merleau-Ponty em sua estadia nos Estados Unidos.

Goldstein, Merleau-Ponty – Análises de uma estreita relação nos apresenta uma interessante visão dos dados biográficos do filósofo francês. Ela defende a tese central de que o percurso histórico apresentado acima é uma forma de agradecimento, por parte do filósofo francês, a uma de suas principais influências: Kurt Goldstein.

A pesquisa de Peñaranda (2007) pode ser considerada como um ponto essencial para se pensar além da gênese da própria filosofia merleau-pontiana: a estruturação muito peculiar do conceito de corpo próprio. É justamente nesse percurso que encontramos algumas pistas de um cenário “primitivo” em torno do corpo vivo, especificadamente nas estreitas relações entre Merleau-Ponty e Kurt Goldstein sobre a totalidade orgânica.

O cenário *goldsteiniano* das primeiras obras de Merleau-Ponty é tomado por Peñaranda a partir de fatos históricos. Seu interesse principal é demonstrar as limitações da leitura efetuada por Theodore F. Geraets em sua obra *Vers une nouvelle philosophie transcendante*, de 1971, em torno das teses sustentadas pelo autor em questão, que buscam apontar que o filósofo francês só toma um posicionamento mais fenomenológico a partir da obra *A Fenomenologia da Percepção*.

Não é nosso objetivo acompanhar essa linha geral da argumentação de Peñaranda, mas tomamos alguns pressupostos de sua discussão em torno da relação entre a fenomenologia e a *Gestalt*, como apontamento válido para que possamos encontrar as bases da formulação do conceito de corpo próprio. Nestes termos, a relação entre Merleau-Ponty, Gurwitsch e Goldstein é delimitada muito precisamente por Peñaranda na citação a seguir que, por mais que se torne longa, é primordial para a nossa investigação:

Para o nosso tema, é muito importante que alguns fatos fiquem claros a partir da biografia de Gurwitsch: **1)** Quando ele se muda para a França, e traz uma profunda compreensão da fenomenologia de Husserl ainda em um tempo em que a fenomenologia era ali pouco conhecida [...]. Conjuntamente a isso traz também a escola da Gestalt - igualmente pouco conhecida, buscando apresentar seus aspectos mais essenciais, e, sempre se permitindo contrastar ambas as escolas com as psicologias do século XIX; **2)** Depois de cinco ou seis meses de sua chegada a Paris, Gurwitsch e Merleau-Ponty se conhecem pessoalmente [...]; **3)** A partir de então, [Merleau-Ponty] começa a acompanhar com frequência Gurwitsch e a participar de todos os quatro cursos lecionados na Sorbonne naquele momento. [...] E é também nestes cursos e palestras além das discussões empreendidas entre os dois, fora da sala de aula, onde Merleau-Ponty tem a oportunidade de receber informações em primeira mão sobre o pensamento de Kurt Goldstein (PEÑARANDA, 2007, p.197-198).²¹

²¹ Tradução nossa de: Para nuestro tema, es muy importante lo que se desprende de estos hechos de la biografía de Gurwitsch: 1) Cuando él entra en Francia, ya trae consigo un profundo conocimiento de la

Aron Gurwitsch é responsável por uma vasta produção bibliográfica, a qual Merleau-Ponty teve, além de acesso privilegiado, a oportunidade de efetivar diversas discussões com o autor em questão. Nosso objetivo não é uma análise das teses de Gurwitsch, mas o que nos interessa neste momento é o cenário que começa a ser construído factualmente no ano de 1933, quando Gurwitsch chega refugiado da Alemanha, por sua descendência judia, à França.

Na Sorbonne, os cursos, as obras e as pesquisas desenvolvidas por Gurwitsch em torno da fenomenologia e da *Gestalt* são definitivamente muito bem acolhidas pelos pesquisadores franceses. Por acaso, fora justamente a ideia geral da fenomenologia de Husserl que o próprio Sartre apresenta com entusiasmo a todo seu círculo de “amigos” nos anos de 1933 e 1934, quando ele visitara a Alemanha. Isso resultaria posteriormente num de seus textos intitulado *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*, publicado como prefácio de *Situações I*, em 1939.

Não é por um mero acaso que a influência do pesquisador alemão da fenomenologia e da Gestalt apareça nos primeiros escritos de Merleau-Ponty sob a forma de uma “aproximação” das duas áreas, tendo ainda em Goldstein um ponto essencial para que novas possibilidades de compreensão da própria estrutura de totalidade do organismo não recaiam em erros cometidos pela psicologia tradicional.

Vale ressaltar que o próprio Husserl não era favorável a tais aproximações com a psicologia da *Gestalt*. Entretanto, a forma como Merleau-Ponty constitui sua argumentação, principalmente no *Projeto* e em *A Natureza da Percepção*, traz implicitamente essa proximidade teórica.

Se nos atentarmos para as obras da maturidade, encontraremos diversos momentos em que a possibilidade de encontro da fenomenologia com a *Gestalt* é traçada por Merleau-Ponty de uma forma muito específica. No curso ministrado na Sorbonne entre os anos de 1949-1952, denominado *Consciência e aquisição da linguagem*, o filósofo francês parte de uma análise de Guillaume para encontrar a noção

fenomenología husserliana y, en un momento en que todavía la fenomenología era allí una desconocida, [...] Outro tanto hace, además, con la escuela de la Gestalt –orientación igualmente poco conocida– para introducir también a sus aspectos más esenciales, y, siempre permitiéndose contrastar ambas escuelas con las psicologías decimonónicas [...]; 2) A los cinco o seis meses de llegar a París, Gurwitsch y Merleau-Ponty se conocen personalmente. [...] 3) Desde ese momento, comienza a verse frecuentemente con Gurwitsch y asistirá a sus cuatro cursos que estaba comenzando a impartir en la Sorbona justamente en ese momento. Y es también en estos cursos y en las frecuentes charlas que mantienen ellos dos, fuera de las aulas, en donde Merleau-Ponty tiene ocasión de recibir información de primera mano sobre el pensamiento de Kurt Goldstein (PEÑARANDA, 2007, p. 197-198)

de percepção da conduta de outrem em Husserl:

Aqui, a análise de Husserl é de toda paralela à de Guillaume [...]. Parece-nos ter assim cumprido uma espécie de círculo: para compreender a aquisição da linguagem estudamos a imitação descobrindo segundo Guillaume, que imitação não é precedida pela tomada de consciência de outrem e pela identificação com ele: ela é ao contrário, o ato pelo qual se produz a identificação com ele. Isso nos levou a buscar saber o que pode ser a consciência – de si e de outrem que realiza esse ato-, e foi então que nos vimos levados à noção de expressão (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 33).

Percebe-se que a relação foi tecida de uma maneira muito específica. Entretanto, para nossos objetivos, a analogia tal como fora proposta por Aron Gurwitsch parece ressoar mais no filósofo francês do que no próprio Husserl.

Foi por meio do contato com Gurwitsch que Merleau-Ponty teve não apenas a oportunidade de conhecer e aprofundar seus estudos sobre a *Gestalt*, como também acerca da própria fenomenologia, com o devido mérito dado a Eugen Fink – esse autor, inclusive, é citado em diversos momentos no interior de *A Natureza da Percepção*. Mas o que realmente nos faz insistir que a leitura de Merleau-Ponty sobre a fenomenologia e a *Gestalt* é fundamentada nas pesquisas de Gurwitsch é a importância da obra de Kurt Goldstein em seus argumentos sobre o organismo humano.

Peñaranda (2007) nos abre, assim, uma importante chave de leitura que parte das considerações da influência recíproca existente na relação de Aron Gurwitsch com Merleau-Ponty. Isso nos fica evidente na forma como a proposta fenomenológica do filósofo francês é construída de maneira muito peculiar quando observamos a perspectiva levantada por Husserl.

Aron Gurwitsch definitivamente conseguiu apresentar a Merleau-Ponty não apenas seus apontamentos sobre a *Gestalt*, mas abriu no itinerário do jovem filósofo, um ponto central que em certo sentido fora muito pouco investigado pela fenomenologia de Husserl: o organismo.

O cenário levantado pela obra de Kurt Goldstein é, porquanto, um aspecto interessante para que possamos buscar outras possibilidades de remarcação da gênese do conceito de corpo próprio, sem necessariamente nos remeter apenas aos pressupostos husserlianos.

É óbvio que não é nossa intenção colocar o filósofo francês em oposição a Husserl. A forma como Merleau-Ponty lida com as teses fenomenológicas é definitivamente um momento crucial para o desenvolvimento de sua filosofia, mas a

discussão com a *Gestalt* e, principalmente, com Goldstein, é decisiva; assim, podemos compreender que a radicalização da vida biológica garantida na noção de organismo comum inclusive em vários aspectos com a psicologia experimental nos apresenta definitivamente, uma marca da novidade apresentada pelo sistema filosófico merleau-pontiano, o que o afasta de um mero devedor das teses da *Gestalt* e mesmo da fenomenologia de Husserl.

Importante ressaltar que, conforme nos apresenta Peñaranda (2007, p. 211), Kurt Goldstein “[...] não pode ser colocado como um integrante da escola da *Gestalt*”, justamente porque sua teoria não parte da *Gestalt* e nem tampouco o autor busca uma aplicação dos resultados da *Gestalt* em seus experimentos.

Para tanto, basta nos atentarmos à leitura do próprio Merleau-Ponty em torno de suas críticas a um suposto realismo da *Gestalt* e à forma como o filósofo francês se mantém fiel à noção de totalidade orgânica de Goldstein, para percebermos essa diferença fundamental.

Entretanto, sem as considerações da *Gestalt*, poderia nos parecer que “[...] a fenomenologia buscaria substituir a psicologia” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.22). Isso, definitivamente, não é o caso, dado que o ponto central de interesse de Merleau-Ponty pelas teses de Husserl, pelo menos em *A natureza da Percepção*, pode ser reduzido a uma espécie de necessidade de se exaurir o tema de uma psicologia descritiva, justamente como a própria fenomenologia exige uma *renovação dos métodos próprios da psicologia tradicional*.

Mas como podemos compreender a precisão do recurso a Husserl, principalmente na discussão em torno da totalidade orgânica, nas obras de 1933 e 1934?

O interesse de Merleau-Ponty na fenomenologia de Husserl parece ser muito pontual, e se relaciona inicialmente com a crítica às filosofias criticistas na busca de um novo sentido para a teoria do conhecimento.

Numa segunda perspectiva, a fenomenologia surge no horizonte das primeiras obras do filósofo, como apelo a uma nova forma de abordagem da percepção a partir de pressupostos diversos aos da psicologia tradicional.

Nota-se que, pelo menos no horizonte levantado por suas primeiras obras, o mundo da vida ainda não é o ponto de interesse do filósofo francês na fenomenologia de Husserl. Tal fator nos remete que a relação entre o organismo e o mundo ainda não pode ser tomada a partir dos dados de uma redução propriamente fenomenológica.

Se nos atentarmos, ainda, à forma de evocação de Husserl dentro da obra *A*

Natureza da Percepção, poderemos notar claramente que o interesse de Merleau-Ponty pelo fenomenólogo é muito pontual:

A fenomenologia de Husserl tem um duplo interesse para nós: 1) Tomada no sentido estrito que Husserl lhe dá, a fenomenologia é uma nova filosofia. O problema primordial não é para ela o problema do conhecimento, mas ela dá lugar a uma teoria do conhecimento absolutamente distinta do criticismo. 2) Costuma-se dizer que Husserl não se interessa pela psicologia. A verdade é que ele mantém antigas críticas ao “psicologismo” e insiste sempre na “redução” em virtude da qual se passa da atitude natural, que é a da psicologia, como a de todas as ciências positivas, à atitude transcendental, que é a filosofia fenomenológica. Essa diferença de atitude basta para estabelecer uma demarcação muito nítida entre, por exemplo, as análises fenomenológicas da percepção e as análises psicológicas referentes ao mesmo tema (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 21).

É por meio da noção de organismo como totalidade que o filósofo francês pode reconhecer, pela percepção, não mais uma mera função específica de apreensão dos objetos do mundo vivido, mas a condição propedêutica de relação, ou, se preferirmos, de *correlação*. Nos fica claro, dessa forma, que o duplo interesse da fenomenologia de Husserl para o jovem Merleau-Ponty é fundado na possibilidade de se basear um novo ponto de partida no estudo da percepção do corpo próprio.

Temos, no entanto, que não é a partir da análise da consciência que Merleau-Ponty ingressará na questão do corpo próprio. Como vimos, se não há nos textos de 1933 e 1934 sequer uma referência ao mundo da vida (*Lebenswelt*), tal como o concebera Husserl, como poderemos compreender esse retorno do filósofo francês à percepção?

Talvez encontremos, em Kurt Goldstein, vários elementos que nos levam a considerar seriamente uma nota de Merleau-Ponty (2006, p. 114) presente em *A Estrutura do Comportamento*, em que o filósofo francês não se furta em assumir que tomou de “[...] empréstimo muitas das concepções de Goldstein”.

É nesses termos que o primeiro movimento da filosofia merleau-pontiana se desenha como um retorno ao organismo. Merleau-Ponty segue os resultados das pesquisas de Goldstein passo a passo, a fim de efetivar a radicalidade de seu projeto em torno da percepção do corpo próprio que tem, como pressuposto fundamental, a compreensão do organismo como uma totalidade.

Esse pressuposto faz com que a teoria do *comportamento reflexo* seja evidentemente questionada em muitos dos seus pressupostos fundamentais, dado que “[...] o próprio organismo também ajuda a criar um ambiente no qual ele é adequado”

(GOLDSTEIN, 1983, p. 36). Com isso, questionamos claramente uma visão estrita das relações entre o estímulo e a resposta apenas pelo viés de explicação proposto pela teoria do arco reflexo tal como a formulara Pavlov, abrindo novos sentidos da correlação do organismo com o seu ambiente próprio.

Tal movimento nos figura não como um abandono da influência de Husserl nas teses desenvolvidas por Merleau-Ponty, mas como a adoção de um novo ponto de vista de aplicação do próprio método fenomenológico. Isso faz passar diretamente para a investigação sobre o organismo, a fim de encontrarmos a gênese do conceito de corpo próprio.

Essa constatação fica ainda mais reforçada se remetermos a Peñaranda (2007), que nos apresenta uma interessante peculiaridade dessa estreita relação. A pesquisadora espanhola se deu ao trabalho matemático de mapear a quantidade de citações que se referem diretamente a Goldstein nas primeiras obras de Merleau-Ponty, mas para o nosso trabalho nos basta afirmar que as citações a Aron Gurwitsch são muito limitadas. Além disso, se nos referirmos à obra *A estrutura do Comportamento*, não ficaríamos surpresos se a evocação à Husserl se apresentar, do mesmo modo, limitada.

Se lançarmos mão da aritmética e fizermos uma recontagem das notas de rodapé das páginas nas primeiras obras de Merleau-Ponty em que o mesmo cita a Goldstein, ou em que o mesmo se refere a alguns de seus escritos, obteremos quantitativamente cerca de 142 notas. Esta é uma quantidade de notas que são definitivamente significativas, ao que nos parece estas notas não podem passar por despercebidas para concluirmos a importância do pensamento goldsteineano no próprio pensamento de Merleau-Ponty, pelo menos nos anos em que ele escreveu suas duas dissertações, que são precisamente os anos em que coincide com a estadia Gurwitsch em Paris. (PEÑARANDA, 2007, p. 211).²²

Temos, de forma muito clara, que o percurso escolhido por Merleau-Ponty não é uma mera tentativa de aproximação da fenomenologia com a *Gestalt*, mas antes se configura como um novo sentido da proposta fenomenológica. Esta, por sua vez, transfigura as noções de consciência, fenômeno, mundo da vida e, principalmente, da intencionalidade a partir da noção de organismo como totalidade, formulada por

²² Tradução nossa de: Si echamos mano de la aritmética y hacemos recuento de las notas a pie de página en las que Merleau-Ponty, en sus dos primeras obras, cita a Goldstein y nos refiere a alguno de sus escritos, obtenemos la cantidad de unas 142 notas. ¡Es ésta una cantidad de notas demasiado importante como para que se nos pase desapercibida la importancia del pensamiento goldsteiniano en el propio pensamiento de Merleau-Ponty, por lo menos en los años en los que redacta sus dos Tesis, que son precisamente los años en los que coincide con la estancia de Gurwitsch en París! (PEÑARANDA, 2007, p. 211).

Goldstein.

Dessa forma, adentrar a obra *A Estrutura do Organismo* parece ser o procedimento mais sensato para que possamos mapear como as influências de K. Goldstein possibilitam, a Merleau-Ponty, diferentes referências e interpretações sobre o organismo humano.

É interessante notar que o papel de Aron Gurwitsch pode ser tomado como central apenas no aspecto de seus cursos, além de ser o principal interlocutor das teses iniciais de Merleau-Ponty. Mas comparativamente ao uso de referências com relação à Goldstein, a presença de Gurwitsch é praticamente nula, o que nos deixa evidente que a opção pelo fundamento merleau-pontiano em torno do organismo não pode ser interpretada nem mesmo como uma inspiração da tentativa de Gurwitsch em aproximar fenomenologia e Gestalt, mas antes como um ato essencialmente inovador do filósofo francês.

Buscaremos compreender como Goldstein apresenta interessantes teses sobre a atitude categorial do organismo. Para tanto, nos deparamos em diversos momentos da obra de Goldstein com leituras e interpretações muito próximas às de Merleau-Ponty, o que nos traz a obra em questão como essencialmente fecunda para o filósofo francês, além de demarcar precisamente a importância do organismo para a compreensão do ser do fenômeno da corporeidade nas primeiras obras de Merleau-Ponty.

Nesse sentido, somos conduzidos para uma reflexão anterior aos problemas levantados por Husserl, principalmente na constituição de uma nova *filosofia da sensação* que contribuem para a radicalização da experiência perceptiva.

Essa filosofia da sensação poderia ser considerada uma aplicação psicológica do tema da “intencionalidade” da consciência apresentado por Husserl. A fenomenologia e a psicologia que ela inspira, merecem, pois, a maior atenção quanto ao que nos podem ajudar a revisar as próprias noções de consciência e de sensação e a conceber de outro modo a “clivagem” da consciência (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 23).

Temos assim, a importância da atribuição de um sentido originário ao fenômeno vivo expresso pelo organismo, principalmente quando esta relação se propõe a dar novos contornos a consciência e ao corpo. O horizonte levantado pela proposta de revisão das noções de sensação e consciência nos abre um fértil apontamento, colocado entre aspas pelo filósofo sob o nome de *clivagem da consciência*.

Quando Merleau-Ponty se utiliza do termo clivagem, não podemos tomar o

mesmo no sentido empregado pela *Embriologia*, a não ser a título de uma possível intuição do filósofo, dado que a referência a um processo específico da divisão celular não foi desenvolvido sequer pela ciência durante o período histórico em que vivera o filósofo.

Mas o sentido orgânico da forma de estruturação do vivo demonstra que Merleau-Ponty faz menção a uma espécie de clivagem do sistema *corpo-consciência*, o que só é aceitável a partir da perspectiva do organismo como uma totalidade pertencente a uma realidade biológica mais originária.

A consciência encarnada, assim, passa necessariamente por esse primeiro movimento de assimilação, ou seja, a clivagem da consciência requer um conceito de corpo próprio como uma experiência radical do organismo como uma totalidade.

É importante ressaltar que a *clivagem da consciência*, ao mesmo tempo em que é fruto de uma revisitação das noções de consciência e de sensação, não pode ser tomada como um atributo apenas da reflexão, ela não é uma atitude que se relacionaria com a aplicação do método da *epoché* fenomenológica, e sim uma situação inalienável do vivo, que só pode ser retomada por meio da aceitação dos pressupostos orgânicos, relacionados com uma esfera pré-reflexiva, terreno bruto e selvagem da correlação dos coexistentes, ou se preferimos uma reabilitação do problema ontológico a partir do conceito de corpo próprio. .

Nota-se que Merleau-Ponty não se furta em ressaltar que essa nova filosofia da sensação seria uma espécie de aplicação do tema da intencionalidade em Husserl.

Esse ponto é definitivamente central para a nossa discussão com relação ao corpo próprio, dado que, se a indistinção entre sensação e percepção é um dos requisitos para se conceber a radicalidade do projeto merleau-pontiano em torno da percepção como experiência radical, e se temos nessa linha de argumentação, o paradigma da motricidade como latência de um sentido e de um direcionamento para o mundo próprio do organismo, não podemos mais atribuir a noção de intencionalidade como um pressuposto da consciência, mas a mesma deve ser “deslocada” para um novo tipo de clivagem que se ancora no corpo próprio.

Encontramos nestes termos, já aqui em 1933 e 1934, um novo sentido para a intencionalidade²³ que seria corrompida do sistema propriamente husserliano,

²³ Esse tema será trabalhado exaustivamente em nossa terceira arqueologia onde buscaremos postular a importância de uma intencionalidade do corpo próprio em Merleau-Ponty, utilizando principalmente de

relacionado ao domínio da experiência transcendental e fenomenológica, garantido pela redução, para o organismo como uma totalidade, ou se preferirmos para o corpo próprio. Contudo, nos fica evidente que a proposta de Merleau-Ponty se coloca em outro nível da experiência do corpo próprio a partir da percepção, o que só pode ser fundamentado no organismo como uma totalidade.

Pela εποχή [epoché]fenomenológica, reduzo meu eu humano natural e minha vida psíquica – domínio de minha experiência psicológica interna – a meu eu transcendental e fenomenológico, domínio da experiência interna transcendental e fenomenológica (HUSSERL, 2001, p. 43).

É esse movimento que nos figura não como um abandono da influência de Husserl nas teses desenvolvidas por Merleau-Ponty, mas como a adoção de um novo ponto de vista de aplicação do próprio método fenomenológico.

O filósofo francês nos envia diretamente para a investigação sobre o organismo, a fim de encontrarmos na propriedade alienável do vivo a gênese do conceito de corpo próprio, ou se preferirmos corpo vivo - *corps vécu*.

Tencionaremos compreender como Goldstein já apresenta algumas teses sobre a atitude categorial do organismo, que serão efetivamente utilizadas por Merleau-Ponty (1990, p. 23) na constituição de seu conceito de corpo próprio.

Kurt Goldstein (1983) tem plena clareza de que a distinção entre o simples e o complexo no nível orgânico não pode ser tomada apenas como meio para a delimitação precisa de funções isoladas de determinadas partes do organismo vivo.

É essa a questão que abre seu livro *A Estrutura do Organismo*, que como vimos se tornara um ponto central de interlocução para Merleau-Ponty. Desta forma não são apenas as pesquisas em torno da patologia mental desenvolvidas pelo psicopatologista que são assimiladas pelo filósofo, mas também as abordagens de Monakow, Piéron e Jacob von Uexküll, referências comuns aos dois autores, tornam-se devedoras da interpretação tecida por Goldstein.

A perspectiva orgânica apresentada por Goldstein se aproxima à questão da clivagem da consciência tal como a aborda o filósofo francês, sendo que “[...] o vivo não se diz em termo de consciência, toda definição do vivo não pode ser mais do que uma abstração indutiva a partir do comportamento” (GOLDSTEIN, 1983, p.12).

Nesse enunciado, há a relação imprescindível entre o organismo e seu

alguns apontamentos efetuados por Paulo Dantas, em seu formidável texto *A intencionalidade do Corpo Próprio*.

comportamento, o que definitivamente nos leva a uma nova via de descrição da natureza orgânica do vivo em termos de uma motricidade do corpo próprio tomado como uma totalidade.

Ora, não temos mais razões para considerar a profundidade como derivada e ulterior. Seria preciso mesmo ver nela um modo de percepção mais simples que a das superfícies. Gelb e Goldstein mostram que a visão das cores superficiais é uma organização relativamente frágil, que é facilmente alterada em certos casos patológicos e dá lugar então a uma visão de cores “espessas” – tanto mais espessas quanto menos claras (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 28).

A abordagem do comportamento patológico é o campo específico das pesquisas de Goldstein que, além de demarcar em um sentido fraco suas diferenças com a escola da *Gestalt*, nos oferece a pressuposição essencial de que ele toma o comportamento patológico em seu sentido estrutural.

O autor em questão, porquanto, se distancia dos problemas enunciados da mera comparação entre o normal e o patológico: “Uma lesão não é a abolição de certas operações isoladas, mas uma desintegração sistemática segundo um princípio bem definido” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12)²⁴.

O comportamento patológico passa a ser visto não mais como mero objeto de interpretação da fisiologia cerebral, que estaria a serviço de uma formulação das especificidades do anormal, possibilitando a construção de uma tabela de referência, de um padrão geral de conduta para que, enfim, pudéssemos definir o que é o comportamento normal por meio de um método comparativo.

Antes disso, o patológico evidencia os processos estruturais do organismo humano, tendo em sua propriedade essencial de vivo uma estreita relação que eleva o corpo a ser pensado como uma totalidade concreta e irreduzível à mera soma de suas partes.

Esse ponto parece ressoar diretamente em um dos principais argumentos de Merleau-Ponty, quando o filósofo se propõe a analisar o sistema das ordens anatômica e fisiológica do circuito reflexo a partir da *lei de Weber-Fechner* em *A Estrutura do Comportamento*, apontando a intrínseca relação entre organismo e comportamento.

²⁴[...] la vie n'est pas dit en termes de conscience, toute définition de la vie ne peut pas être plus d'une abstraction du comportement inductif [...] (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).

Que a conduta do doente, como aliás a do animal, da criança ou do “primitivo”, não possa ser compreendida por simples desagregação a partir do comportamento adulto, sadio e civilizado, é talvez a ideia menos contestada da psicologia moderna [...] digamos que a relação, normal ou patológica dessas cronaxias é determinada, não por algum dispositivo inibidor localizado, mas pela situação nervosa e motora no conjunto do organismo. Consequentemente, a ação do cérebro na atividade reflexa não é mais a autorização dada ou recusada por uma instância superior a processos automáticos ou autônomos. Ao mesmo tempo que perde seu papel de árbitro entre mecanismos prontos a funcionar, o cérebro, reintroduzido no circuito nervoso, assume um papel positivo na própria constituição das respostas reflexas (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 25-26).

O que esse recurso metodológico de Kurt Goldstein (1983, p. 8) apresenta é a compreensão de que a fisiologia e a psicologia tradicional ainda mantêm como objetivo central da pesquisa em torno do patológico, a construção de esquemas topográficos devedores da psicologia associacionista que toma *a vida mental como uma operação isolada*²⁵.

Nesse pressuposto fundamental, o organismo é visto como uma totalidade viva, argumento plenamente condizente com os pressupostos de Merleau-Ponty.

Esse apontamento também ressoa em *A Natureza da Percepção* de 1934, que toma o mesmo pressuposto como alternativa a fisiologia da percepção, apresentando a importância de se rever os pressupostos dogmáticos tanto de uma percepção fundada apenas em uma fisiologia determinável em dados localizacionistas, quanto à ideia de sensação como devedora apenas de fatos psicológicos.

Podemos, dessa forma, apresentar uma das grandes novidades presentes na descrição da percepção normal que reside na configuração de uma totalidade inerente às funções do organismo vivo e na constatação de uma organização própria do sistema nervoso:

Se é possível encontrar uma lei do comportamento, essa lei não poderia vincular diretamente as reações observadas a certos dispositivos locais; ela depende do estado total do sistema nervoso e das intervenções ativas que são necessárias para a conservação do organismo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 35).

A pesquisa de Goldstein apresenta um pressuposto fundamental que faz com que o autor opere com um método muito peculiar de pesquisa em torno das observações dos fatos vitais implicados na atividade nervosa.

²⁵ Utilizamos a edição francesa da obra de Goldstein. Sendo assim, adotaremos a citação em português com tradução nossa e colocaremos, em notas, o texto original quando utilizarmos citações diretas. Para citações de termos no corpo do texto, faremos apenas a menção da página no original francês.

Goldstein busca evitar tanto os problemas de uma compreensão meramente mecânica do organismo vivo, quanto os erros *localizacionistas* atestados pela psicologia associacionista em virtude de uma questão prévia: a organização peculiar do vivo.

Poderíamos pensar que a biologia e, em particular, a biologia geral, deveriam começar por definir o que é verdadeiramente o vivo, o que caracteriza os seres vivos, antes de empreender uma descrição e explicação deles. Na verdade, nós mesmos nos colocamos esta questão, que tentamos por diversas vezes responder. Nós até mesmo denominamos a biologia como “ciência da vida”, considerando que seria sua responsabilidade, antes de qualquer coisa, determinar se a vida deve ser definida como uma combinação de fenômenos físicos e químicos, ou se, em vez disso, ela tem suas próprias leis elementares. (GOLDSTEIN, K. A estrutura do Organismo, Gallimard, 1983, p.11).²⁶

Em tal pressuposto de uma lei elementar própria da biologia, há uma constatação que será crucial para a formulação das teses merleau-pontianas em torno do organismo vivo.

Especificadamente quando tratamos do corpo próprio, não podemos afirmar com facilidade que os processos físicos e químicos, presentes no organismo, obedecem, de forma pontual, às mesmas relações de causa e efeito da física clássica, o que já esboça a peculiaridade do corpo vivo como pertencente a um plano ontológico mais originário.

Goldstein apresenta um traço metodológico que reside nas limitações das teorias de interpretações fisiológicas com base nas relações causais dos processos estruturais do organismo de uma maneira estritamente física, colocando o problema da seguinte maneira: “O paradigma da biologia é descrever sistematicamente os seres vivos dentro do ser original que é justamente em seu lugar e tempo determinado” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).

Essa tese é decisiva para Merleau-Ponty, pois, quando nos propomos a *buscar definições no mundo vivo*, não podemos simplesmente aplicar as leis gerais do funcionamento da física clássica da mesma forma com que se faz com objetos físicos. A peculiaridade da biologia como ciência da vida nos obriga a demonstrar as particularidades das leis do organismo propriamente humano.

²⁶ Tradução nossa: On pourrait croire que la biologie et en particulier la biologie générale devrait, commencer par définir ce qui est proprement vivant, ce qui caractérise des êtres vivants, avant d'entreprendre une description et une explication de ces êtres vivants. De fait, on s'est souvent posé cette question et on a essayé d'y répondre. On a même donné à la biologie et nom de Science da la vie en considérant qu'il lui incombait avant toute de déterminer si la vie doit être conçue comme une combinaison de phénomènes physiques et chimiques ou si, au contraire, elle a ses lois élémentaires propres. (GOLDSTEIN, 1983, p. 11).

Em física, assim como ciências naturais, a fórmula “as mesmas causas produzem os mesmos efeitos” é equívoca. Mas se existem “patamares” em física, esse fato apoiaria uma fisiologia mecanicista apenas se a interpretação física fosse necessariamente mecanicista [...]. Se a fisiologia que se inspira na física ela deve, por sua vez, superar o preconceito da análise real. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 36).

O corte epistemológico fundamental da investigação de Goldstein é afirmado num princípio que o coloca em direta relação com algumas teses de Merleau-Ponty em torno da peculiaridade da vida: “[...] para o momento, pelo menos, não vamos considerar a essência da vida” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).²⁷

Tal escolha em não abordar a vida numa investigação sobre a essência do vivo busca a descrição dos pressupostos estruturais do organismo. Ela desobriga Goldstein a seguir os pressupostos tanto da neurologia quanto da psicologia tradicional em torno da delimitação de funções específicas tomadas, de forma isolada, em determinadas áreas do organismo.

Assim, o psicopatologista centra sua investigação em outro nível epistêmico, pautado na busca das descrições do comportamento patológico não na mera contraposição com o comportamento normal, mas na constatação dos processos estruturais que operam com uma visão do organismo humano num sentido de totalidade.

Fica-nos evidente a influência desse princípio constatado por Goldstein para Merleau-Ponty, principalmente em torno da particularidade da investigação centrada no vivo, o que nos remete diretamente à colocação do neuropatologista:

“Parece, portanto, que a tarefa da biologia, pelo menos inicialmente, é a de descrever sistematicamente os seres vivos incluídos no ser original, do que lhes é próprio em um determinado momento”. (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).²⁸

A peculiaridade em tomar a situação para o organismo como um momento crucial da descrição dos processos vitais faz com que Goldstein não recaia nas mesmas pretensões das *ontologias científicas* que buscam explicar a essência *do vivo* a partir da realidade obtida pela pesquisa experimental. A “essência” perseguida pelo neuropatologista é fundada nos pressupostos da totalidade orgânica numa situação específica.

²⁷ “[...] Le paradigme de la biologie est de décrire systématiquement les êtres vivants au sein de l'original étant que c'est précisément à sa place et de temps déterminé ” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).

²⁸ “Il nous apparaît donc que la tâche, au moins initiale, de la biologie, est de décrire systématiquement les êtres vivants dans l'être original, qui est le leur à un moment déterminé.” (GOLDSTEIN, 1983, p. 12).

Temos aqui uma interessante notação que vale ser apresentada: quando falamos da influência direta que as pesquisas experimentais de Goldstein tiveram no itinerário filosófico de Merleau-Ponty, temos um exemplo basilar nessa questão da essência, em que intuímos uma inevitável aproximação.

A essência do homem deve ser considerada, para os dois autores em questão e de forma uníssona, a partir do nível orgânico, não podendo ser vista como algo imaterial, algo pressuposto pelos antigos em suas noções de forma e, posteriormente, na história da filosofia se configurando ainda como a alma, o espírito, a mente, o *cogito*, a consciência ou as categorias da razão. Para ambos, não há a negação de qualquer uma dessas palavras, desde que o essencial do homem seja o fenômeno do vivo em sua mais fundamental evidência: o organismo como o todo.

A própria forma como o córtex cerebral é tomado como ponto central do sistema nervoso não assume qualquer outra consequência, a não ser a de que esse sistema possua sentido apenas quando insuflado de uma vida. Antes de ser considerada por um viés metafísico ou mesmo transcendental, ela passa a ser definida em termos estruturais: esquecemo-nos do pressuposto fundamental de que o cérebro é corpo em prol de uma analítica cientificista das partes do organismo vivo.

A máxima fenomenológica de que a existência precede a essência assume sua expressão no nível mais originário do ser, em que o aspecto aparentemente limitado de minha percepção se torna o meio privilegiado de compreensão da atitude humana pelo movimento e por sua expressão.

Inegavelmente, ela implica não apenas uma determinada região do cérebro, do sistema nervoso da percepção, mas o organismo como um todo que tem, no mundo da vida, o grande sentido de sua ação dramática mais profunda e realista, como se cada mistério fosse desvelado a cada vez que me volto ao outro sem, contudo, deixar que o desvelar da ação secrete, a cada nova relação, um novo segredo.

Tomamos como ponto de partida de nossas considerações os fenômenos que ocorrem em um homem com danos no córtex cerebral. Escolhemos este caso específico porque acreditamos, primeiramente, e talvez com razão - que é necessário atribuir um significado central proeminente para o córtex cerebral. Os fenômenos que se produzem até o momento da lesão serão especialmente significativos para nós, enquanto tentarmos conhecer a essência do homem. Fizemos essa escolha porque ela nos permite, também, demonstrar algumas leis gerais da desintegração funcional, importantes para que se veja claramente o funcionamento do organismo. (GOLDSTEIN, K. A Estruturado organismo. Gallimard, 1983, p.15).²⁹

²⁹ “Nous prendrons comme point de départ de nos considérations les phénomènes qui se manifestent

A descrição do comportamento patológico mostra a manifestação de uma conexão intransponível como característica fundamental dos processos orgânicos. A fenomenalidade do organismo é assim caracterizada por uma ambiguidade única, não é mais aquilo que processo como uma representação internalizada e racional de um algo externo, mas atesta um fenômeno originário: a manifestação de uma relação, ou uma correlação, mão dupla de contato que só poderia ser fundada em uma concepção que toma o organismo como uma estrutura indecomponível.

Merleau-Ponty (2006, p. 32) toma esse pressuposto de forma radical: “É, portanto, provável que, a partir da mais débil excitação, certos conjuntos musculares e consequentemente nervosos trabalhem por inteiro”.

Porém, não é apenas uma compreensão do organismo como um todo que interessa ao filósofo francês, a crítica ao arco reflexo de Pavlov e aos pressupostos atomistas presentes na discussão como Piéron já aparece presente e se ancora como vimos diretamente nas considerações de Goldstein, o que garante a radicalização da experiência perceptiva.

Cada onda, mesmo a menor delas, parece percorrer todo o sistema: à medida que os procedimentos de observação se aperfeiçoam constata-se, para cada excitação, efeitos mais distantes, e já dissemos que a ablação de certas regiões nervosas modifica todos os reflexos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 32).

Quando Goldstein (1983) tece suas considerações acerca de um paciente com lesão cerebral, ele não se furta em afirmar que o comportamento patológico, nesse caso, não se relaciona com *a perda pontual de uma função específica* dada a uma destruição ou perda de uma determinada área do cérebro. O que existe, pois, é a falta, uma lacuna proveniente da desestruturação na relação total do organismo.

A compreensão de Goldstein leva a uma perspectiva tomada anteriormente por Merleau-Ponty em torno das pesquisas de Monakow. Por meio de Goldstein, o filósofo francês formula sua interpretação de Monakow pela proximidade da interpretação dos dois autores da forma como a particularidade dos fenômenos fisiológicos é descrita pelo autor russo como, por exemplo, na noção de *localização cronogênica*.

chez un homme atteint de lésions de l'écorce cérébrale. Nous avons choisi ce matériel d'abord parce que nous pensons -probablement avec raison - qu'il faut attribuer une signification centrale prééminente à l'écorce cérébrale. Les phénomènes qui se produisent lorsqu'elle a été lésée seront donc particulièrement significatifs pour nous en tant que nous essayons de connaître l'essence de l'homme. Ce choix nous l'avons fait aussi parce qu'il nous permet de démontrer certaines lois générales de la désintégration fonctionnelle, lois qu'il importe de connaître pour voir clair dans le fonctionnement de l'organisme” (GOLDSTEIN, 1983, p. 15).

O deslocamento de Merleau-Ponty e Goldstein em torno da peculiaridade dos fenômenos fisiológicos buscam explicitar, de forma definitiva o organismo como uma totalidade, apontando como as análises físico-químicas da substância nervosa podem remeter a fenômenos somáticos de conjunto.

Mesmo os autores que não consideram de forma significativa a análise físico-química do sistema nervoso afirmam que, na análise funcional, os métodos fisiológicos *per se* fornecem uma base segura que permite obter as leis que regem a atividade do organismo. Nesse sentido, Monakow, por exemplo, discorreu sobre fenômenos fisiológicos, em oposição aos fenômenos psicológicos. [...] Discutindo as formas de se representar a localização no encéfalo, ele refuta energeticamente o método que adota como ponto de partida os dados psicológicos e insiste, novamente, no fato de que somente a consideração fisiológica pode nos conduzir ao nosso objetivo. Monakow não entende isso, certamente, um estudo físico-químico da substância nervosa, mas uma análise dos fenômenos somáticos. (GOLDSTEIN, 1983, p. 103-104)³⁰.

A análise físico-química, no nível do sistema nervoso, não pode visar a algo além da determinação funcional de uma estrutura de totalidade como condição fundamental do organismo. Por conseguinte, não há a negação do mental, ou mesmo das funções específicas do córtex cerebral: o que temos em Goldstein e em Merleau-Ponty é a demarcação muito clara da necessidade do retorno ao organismo como uma totalidade que possui seu campo de ação num mundo determinado, no sentido em que a situação é crucial para pensarmos a dinâmica própria do vivo.

2.2 O organismo e seus transbordamentos: corpo próprio, sentido e reflexo no nível orgânico.

Até aqui, é evidente que a investigação acerca do comportamento humano, tal como é concebida no horizonte das primeiras obras de Merleau-Ponty, toma como ponto fundamental a totalidade orgânica implicada nos processos estruturais do organismo vivo.

O levantamento crítico operado pelo filósofo francês em torno das “lacunas”

³⁰ “Même les auteurs, qui ne comptent pas beaucoup sur l'analyse physico-chimique du système nerveux, affirment que, dans l'analyse fonctionnelle, les méthodes physiologiques seules fournissent une base sûre qui permette d'obtenir des lois régissant l'activité dans l'organisme. Dans ce sens, Monakow, par exemple a parlé de phénomènes physiologiques par opposition aux phénomènes psychologiques”. [...] “Discutant des façons de se représenter la localisation dans l'encéphale, il combat énergiquement la méthode qui prend les données psychologiques comme point de départ et il insiste à nouveau sur le fait que seule la considération physiologique peut nous conduire au but. Ce que Monakow entend par là ce n'est certes pas une étude physico-chimique de la substance nerveuse, mais une analyse des phénomènes somatiques” (GOLDSTEIN, 1983, p.103-104).

deixadas tanto pela fisiologia da percepção quanto pela neurofisiologia nos evidenciou alguns pontos centrais para a fixação do conceito de corpo próprio, o qual se articula como uma totalidade orgânica que não está suscetível apenas aos pressupostos enunciados pela física.

O organismo vivo possui uma maneira muito peculiar de integração dos processos nervosos, que poderia se tornar um apelo a uma espécie de reducionismo, como se as funções desempenhadas no nível orgânico apenas em seus pressupostos propriamente materiais.

Entretanto, não é esse o percurso evidenciado por Merleau-Ponty: será justamente a partir da ideia de significação que a suposta redução materialista ao corpo poderá ser evitada.

Dessa forma, buscaremos reconhecer a relevância que a fisiologia nervosa e a patologia mental apresentam no estudo do corpo vivo no viés propriamente merleau-pontiano, apresentando um breve recurso ao estudo iniciado em *A natureza da Percepção* e desenvolvido com maior precisão em *A Estrutura do Comportamento*, em torno de Henri Piéron (1881-1964).

É significativo que a revisão geral de H. Piéron (*Le cerveau et la pensée*), tão precisa no que concerne à “projeção”, só possa dar indicações hipotéticas a respeito dos fenômenos associativos e de sua relação com as zonas de projeção [...]. Contudo, a fisiologia nervosa e a patologia deverão fornecer informações muito importantes a respeito de dois pontos. Trata-se de um lado dos “reflexos localizadores” (Piéron) e de outro lado, das asterognosias e, de modo mais geral, de agnosias (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 118-119).

Em termos médicos, a *asterognosia* à qual o filósofo se reporta é uma alteração patológica da percepção que consiste na perda (ou ausência) da *faculdade* de reconhecer objetos exteriores por meio do tato.

A interpretação médica trata a fisiologia num sentido estritamente mecânico, inferindo que a causa principal da *agnosia* é uma lesão específica no córtex cerebral. A *agnosia* seria, dessa forma, o sentido geral das alterações patológicas da percepção em um nível que impossibilite a identificação de qualquer qualidade sensorial.

Tal temática é reportada por Merleau-Ponty, na obra de 1934, para ressaltar a questão dos *fenômenos associativos*. Ele tenciona levantar novas possibilidades de compreensão do organismo humano, inclusive de suas funções mentais, num viés epistemológico, sem recorrer às teses oriundas da história da filosofia moderna.

Para efetivar, em toda a sua radicalidade, o retorno ao estudo da percepção,

Merleau-Ponty (1990, p. 18) se utiliza da obra *Le cerveau et la pensée*, de H. Piéron³¹, que possui notadamente um maior alcance filosófico. Contudo, existem algumas considerações tecidas pelo psicólogo francês em sua obra intitulada *Psicologia Experimental* que contribuem com os pontos levantados em *A Natureza da Percepção*.

O esforço de Piéron em apresentar um *diagnóstico* da metodologia dominante da psicologia experimental de seu tempo é definitivamente um fator que, além de diferenciá-lo, nos possibilita uma aproximação pontual com Merleau-Ponty na forma como o psicólogo compreende a importância da biologia para o campo da psicologia.

Encontramos, no prefácio datado de 1926 da obra *Psicologia Experimental*, a seguinte passagem:

Neste pequeno livro, incluído em uma divisão da Filosofia em virtude de tradições universitárias, mas que pertence de fato a um setor da Biologia apresentamos os principais dados gerais que resultam do estudo científico das funções mentais [...] (PIÉRON, 1969, p. 7).

Definitivamente, a biologia será fundamental para a construção do conceito de corpo próprio. Todavia, no desenvolvimento das conclusões, Piéron se afasta cada vez mais dos objetivos do filósofo francês em torno da natureza da percepção.

Assumir que a *psicologia experimental originou-se da física* se configura como uma importante definição histórica da psicologia experimental no desenvolvimento do pensamento de Piéron (1969, p. 10). Apesar disso não há, por parte do psicólogo francês, qualquer esforço para que a psicologia de seu tempo se livre desses pressupostos físicos que são, em última análise, a validação de um tipo de relação entre estímulo e resposta em termos meramente mecânicos.

Além dos pressupostos de uma causalidade estritamente física do organismo humano, a forma de compreensão de Piéron (1969, p. 30), no que concerne ao próprio comportamento como algo *essencialmente reacional*, faz com que o psicólogo francês seja um dos alvos centrais da crítica merleau-pontiana que atinge, também, o próprio arco reflexo desenvolvido por I. Pavlov.

Encontramos em Piéron uma interpretação da psicologia tradicional que busca discutir diretamente com as teses que concebem uma parte específica do cérebro, ou

³¹ A compreensão de Merleau-Ponty sobre a obra de Piéron ultrapassa os limites de *Le cerveau et la pensée*, tendo em vista que o psicólogo era professor de *Psicologia da Sensação* no *Collège de France* entre os anos de 1923 e 1951. Ele passou, inclusive, pela cidade de São Paulo em 1927, quando a obra *Psicologia Experimental* ganhara maior notoriedade; isso nos leva a crer que os resultados e as teses de Piéron não eram estranhos ao filósofo francês.

mesmo do funcionamento nervoso, como responsáveis diretas pela constituição de uma dada imagem mental que forma algo designado muito vagamente pela própria psicologia de seu tempo como *processos mentais conscientes*.

Nesse percurso, Piéron formula sua concepção de fenômenos associativos que buscam efetivar uma resposta sobre a projeção e a associação como processos mentais com correlatos físicos. No entanto, o psicólogo francês apresenta um estudo aprofundado da fisiologia do sistema nervoso, propondo novas soluções que ultrapassam os pontos levantados por Monakow e buscam novas possibilidades de interpretação dos processos mentais específicos no homem.

O movimento de retorno à percepção de uma forma radical, requerido pelo filósofo francês, é uma condição necessária para a constituição do conceito de corpo próprio, fazendo com que ele seja plausível diante de diferentes pontos de vista filosóficos, neurofisiológicos ou psicológicos, o que nos explica satisfatoriamente o recurso a Piéron.

Diante disso, pensar a percepção de acordo com diferentes áreas e pressupostos muitas vezes distintos, pode ser uma tarefa muito complexa e quase impossível. Ao colocar como ponto central a relação entre o conhecimento sensível e a inteligência Merleau-Ponty consegue transitar tranquilamente pelos sistemas apresentados em *A natureza da Percepção*.

É nesse contexto que os *reflexos localizadores* de Piéron surgem, sendo que sua própria gênese e fundamentação aproximam suas conclusões ao *arco reflexo* e à noção de *reflexo condicionado* de Pavlov.

Mas o que de fato faz com que o filósofo francês adentre a esta temática é justamente o *vislumbamento* de novas possibilidades ontológicas presentes nos estudos de Piéron, que em prol da objetividade requerida e muitas vezes não efetivada pelo próprio pesquisador da psicologia experimental, não compreendeu o organismo humano para além de um mera visão mecânica do corpo vivo.

Ao tratar do reflexo condicional, Piéron (1969, p. 38) evidencia a importância dessa noção para a teoria fisiológica dos mecanismos nervosos que estão, na visão do autor, “[...] na origem dos processos mentais para a análise dos fenômenos do comportamento estudados pela psicologia”.

Essa importância do reflexo condicionado efetua uma forma de compreensão do organismo humano estritamente fundado numa causalidade do tipo física e evidencia, por conseguinte, “[...] o fenômeno de transferência associativa que está na raiz de todas

as tendências adquiridas, de todos os progressos da conduta” (PIÉRON, 1969, p. 38).

Aqui nos fica evidente que a crítica de Merleau-Ponty (1990, p. 18) toma “[...] a revisão de Piéron em torno dos fenômenos associativos e suas respectivas zonas de projeção” como apenas uma *indicação hipotética*, que não abarca a percepção em toda sua potencialidade ontológica, aceitando as explicações do comportamento humano apenas pelos pressupostos do reflexo condicionado.

Além desses pontos, Piéron (1969, p. 36) não se furta em radicalizar as consequências de sua crença no reflexo: “[...] O fato capital é que o organismo possui sistemas inatos de reações a certas categorias de estímulo variáveis”. Ele tem, na explicação da variabilidade do comportamento humano, uma tese extremamente mecânica que infere um novo elemento psíquico relacionado à natureza físico-química dos processos fisiológicos e a uma natureza mental denominada pelo autor de inteligência: “A variabilidade do comportamento, adaptado ao complexo das circunstâncias do momento [...] é um critério do que se denomina Inteligência” (PIÉRON, 1969, p. 39).

O psicólogo francês cria um sistema que, além de ser dependente de uma causalidade do tipo física para a explicação de processos mentais, busca invariavelmente sustentar uma noção do sistema nervoso que destitui qualquer originalidade da percepção. Além disso, ele infere, na adaptação da resposta orgânica, o critério da inteligência como definidor da forma como se processa a resposta produzida num dado tipo de comportamento.

Na radicalização efetuada por Piéron (1969, p. 59), encontramos ainda que a orientação da conduta se mantém numa estreita relação com o critério da atenção e da inteligência. Ela oferece, à própria reação afetiva, um sentido de explicação ligado a processos físico-químicos efetivados pela fisiologia do organismo: “A emoção seria caracterizada em suma e acima de tudo por uma hipersecreção das capsulas suprarrenais, estimulando a atividade do organismo e favorecendo sua defesa e luta”.

O exemplo clássico de como a criança adquire o domínio do simples ato de andar demonstra claramente essa compreensão mecânica do organismo humano restrita a fenômenos de associação praticamente impessoais. Piéron desconsidera além da originalidade da percepção a formulação de uma intenção, de um sentido que não está apenas no nível de um sujeito psíquico, mas que é presente na estrutura de seus processos fisiológicos, denotando que o entrelaçamento expresso no sujeito encarnado não reside em qualquer espécie de dualismo.

O aprendizado do simples gesto de caminhar é apresentado por Piéron (1969, p.37) numa perspectiva essencialmente atomista, que toma uma espécie de paralelismo psicofísico, na exata medida em que o autor reconhece uma atitude de impessoalidade. A questão central aqui é relacionada com o desenvolvimento do sistema nervoso de uma maneira automatizada, que toma o próprio elemento psicológico como consequência de um reflexo. O que leva a aquisição na criança do movimento é marcadamente uma impessoalidade, a ação motora é nestes termos desprovida de sentido e reduzida a relações mecânicas produzidas pelo sistema nervoso.

Merleau-Ponty (2006, p. 7) tem outra compreensão do ato de caminhar a partir do nível orgânico, questão que se estabelece em *A Estrutura do Comportamento* quando o filósofo francês, na trilha levantada pela *Gestalt*, se propõe a analisar a forma como o olho intencionalmente acompanha o deslocamento de um raio luminoso: “Na realidade, seu movimento é a integração de uma série de adaptações parciais, como o caminhar se remete a uma sequência de quedas que não chegaram a se efetivar”.

[...] Merleau-Ponty mostra que a aprendizagem não se resume no acréscimo de alguns comportamentos novos aos comportamentos antigos. Uma alteração geral do comportamento se experimenta numa multidão de ações cujo conteúdo é variável e significado constante. Não se trata, portanto de adquirir a capacidade de repetir o mesmo gesto e, sim, de favorecer à situação uma resposta adaptada por diversos meios. (GILES T. M. 1979, p.96)

O autor assume o pressuposto de uma coordenação responsável pela integração de mecanismos parciais no nível orgânico, mas cria uma noção de passividade condicionada pela relação causal do tipo físico entre um estímulo eficaz e uma resposta expressa num comportamento objetivo, que possibilitaria a leitura retrospectiva da gênese da ação e do movimento, diretamente relacionada, com o sistema nervoso, por mais que Piéron não recaia em um tipo de localizacionismo.

Piéron (1969, p. 39) parece efetivamente não conseguir compreender o sentido do funcionamento de conjunto do organismo: “Contudo, a mais completa integração não é suficiente, nem mesmo com o homem, para englobar todos os mecanismos parcelares”.

Mas o que interessa a Merleau-Ponty no pensamento de Piéron é a *noção difusa* que o fenômeno de associação assume para o autor, por mais que algumas dificuldades, principalmente no que tange ao problema da percepção e, como veremos, do elemento vida como definidor das atividades orgânicas em seu sentido de totalidade dinâmica e funcional, não sejam reconhecidas pelo psicólogo francês.

O estímulo sendo de origem externa, o comportamento é focalizado na sua direção. Pode ocorrer que o processo afetivo seja suscitado por um estímulo interno, de ordem associativa e intelectual ou de ordem fisiológica; as reações nesse caso são de natureza associativa e, é o comportamento mental – com suas exteriorizações reduzidas – que é exclusivamente afetado [...]. Os processos provocados por um estímulo interno possuem um aspecto difuso, e não são localizados, não produzem reações dirigidas (PIÉRON, 1969, p. 53).

Notamos aqui que, por meio da visitação das teses negativas em torno da psicologia experimental, encontramos o percurso de constituição do conceito de corpo próprio. Este, por sua vez, passa pela radicalização da percepção, pela gênese da ação e por uma nova visão do funcionamento orgânico.

Podemos, nesse sentido, notar que a *localização cronogênica* de Monakow parece ressoar mais expandida na forma difusa do *fenômeno de associação*. É, pois, uma evidência clara de como a discussão de Merleau-Ponty avança na busca de uma integração completa do organismo expressa pela noção de corpo próprio, ou, se preferirmos, corpo vivo.

Algumas questões levantadas por Piéron são extremamente caras ao filósofo francês. O comportamento focalizado a partir do estímulo externo conota implicitamente que o organismo tem uma intencionalidade latente: o problema central é a forma como o psicólogo francês, por meio de uma interpretação fisiológica, presume que o comportamento interno, marcado por uma espécie de difusão que não pode ter sua localização pontual, seja distinto da intenção.

É esse tipo de visão fundada num paralelismo psicofísico que Merleau-Ponty não pode assumir. Ela aparece em diversos momentos em Piéron (1969, p.67) que chega a afirmar, por meio da psicologia experimental quando ela se apropria de experiências estritamente fisiológicas, que “[...] um gato cujo estômago foi retirado não se alimenta mais espontaneamente; perdeu completamente a sensação de fome”.

Este resultado pode contribuir na leitura merleau-pontiana, como evidência de que a relação entre percepção e sensação é muito mais estreita do que postula a interpretação da fisiologia do organismo.

Se um gato perde a sensação de fome, tento o estômago retirado isso implica no mínimo que não podemos distinguir a sensação e percepção, mas esta não é a conclusão de Piéron, que a partir dos dados oriundos das pesquisas experimentais, se mantém apenas no nível da interpretação fisiológica, nada acrescentando no sentido mais

ontológico da compreensão do organismo humano propriamente dito.

Duas questões são, em certa medida, ignoradas pelo psicólogo francês: o primeiro ponto se relaciona à interpretação meramente fisiológica que não consegue ultrapassar o nível objetivo do comportamento por não possuir pretensões ontológicas. Ele fica à mercê de uma conclusão deslocada que se mantém impregnada pela causalidade e numa visão mecânica do funcionamento do organismo, dado que a relação causal entre o estômago e a sensação de fome está em jogo na leitura dos resultados da experiência em questão.

O segundo ponto se relaciona a uma questão metodológica da abordagem experimental que a psicologia, a neurologia e a fisiologia parecem ignorar completamente: o elemento vida.

A tentativa artificial de construção de um quadro determinado para a validação de tal experimento não corresponde, em hipótese alguma, a uma situação em que, por motivos *naturais*, um gato não possuísse o estômago. As reações e os comportamentos em um contexto experienciado pelo animal *per si* só podem ser hipoteticamente aproximados do comportamento observado no laboratório.

A introdução das noções de atenção que trazem as tendências, as necessidades e a atividade instintiva são no percurso de Piéron (1969, p.68), uma constante descrição de diversas experiências da fisiologia que sempre nos levam a perceber a impossibilidade de uma elaboração clara sobre a gênese e os padrões do estímulo e da resposta no organismo vivo.

O problema é que Piéron não reconhece o elemento vital como grande limite de seu estudo, e talvez por isso tenha dificuldades em ultrapassar os limites de uma mera interpretação fisiológica para a tentativa de compreensão mais originária do organismo.

As relações entre filosofia e psicologia recebem, em Merleau-Ponty, uma ressalva sobre algumas noções inocentes que recaem num amorfismo que demarca a crítica do filósofo francês às visões mecanicistas do organismo:

“Ora, a psicologia da percepção está carregada de pressupostos filosóficos que se introduzem com as noções aparentemente mais inocentes – de sensação, de imagem mental, de recordação, entendidas como um ser permanente [...]” (MERLEAU-PONTY, 1990, p.20).

Nesse entremeio, não há nenhuma inocência por parte de Piéron. Na verdade, ao tentar explicar os processos mentais por meio de uma regulação promovida por funções afetivas, o psicólogo busca subordinar a própria percepção, a memória e o raciocínio a

uma confusa definição de afetividade como princípio fundamental da ação humana. Ele recai num paralelismo psicofísico que, a partir do reflexo, apresenta um correlato psíquico, num esquema essencialmente mecânico do organismo que o próprio Husserl denominara de “Psicologismo”.

O problema da consciência fica implícito nas pesquisas de Piéron, atingindo ainda um elemento correlato essencialmente psíquico, resguardado por suas noções de *movimento* voluntário e involuntário. Nesse sentido, percebemos a presença de um *sujeito impessoal* determinado pelas relações fisiológicas em seu sentido físico, que se manifestam como constituinte da ação em seu sentido objetivo, expresso pelo comportamento.

Piéron (1969, p. 40) chega a afirmar que “[...] a maior parte do processos orgânicos, indiretamente influenciados pelo funcionamento mental, fogem definitivamente ao controle do comportamento voluntário”; logo, temos um quadro extremamente dualista que toma o princípio de um paralelismo psicofísico, fundado numa concepção mecânica do reflexo.

Se o organismo é influenciado, indiretamente, pelo funcionamento mental – mas esses estados mentais não conseguem direcionar ou possuir o controle do comportamento e das funções do organismo –, temos novamente, de forma velada, uma questão que justapõe mecanicamente consciência e organismo como duas noções distintas.

O domínio do involuntário, assim como do voluntário, são fundamentados puramente na esfera da reação do organismo como um encadeamento de diferentes funções a partir de uma causalidade fundamentada em pressupostos da física, que tem como objetivo maior levar as interpretações fisiológicas para o campo psicológico. As noções de inibição e educação cumprem essa exigência interna do sistema elaborado por Piéron, uma vez que buscam descrever as relações de instinto e tendência em contraposição com a repressão e a inibição, deixando evidente, e de forma definitiva, o paralelismo das teses do autor em questão.

Piéron acrescenta ainda pela noção de educação como princípio de combate a certas tendências e à predisposição evidenciada na busca pela satisfação do organismo. É impossível não perceber a remissão a Freud nesse ponto, sendo que Piéron busca, numa eminente preocupação de demonstrar seu ponto de partida como totalmente distinto da abordagem freudiana, demarcar que o campo da fisiologia seria anterior a qualquer tipo de abordagem propriamente psicológica, ou se preferirmos consciente, no

organismo humano³².

A consciência do reflexo involuntário só é possível no percurso de Piéron pela manifestação do princípio da reação afetiva, e não do inconsciente, como fator determinante da ação. O psicólogo francês fundamenta essa proposição na fisiologia própria do organismo, lançando mão de uma atitude *pré-perceptiva* como base nas constituições da atenção e da reação de espera entre um estímulo e sua resposta, sem contudo explicitar, de forma clara, como é possível deduzir o elemento condicionante da operação mental em “reflexos involuntários”.

Por outro lado, a consciência do reflexo voluntário leva o autor a postular o primado das funções mentais na base da ação do organismo humano num claro reducionismo da fisiologia ao domínio nada inocente da atenção e da acomodação.

Percebemos que o princípio do equilíbrio dinâmico é utilizado pelo autor, mas a importância dessa noção para as relações de conjunto do organismo são abandonadas em prol de um condicionamento que passa do nível fisiológico ao nível mental, sem, contudo, oferecer fundamentos claros nesse salto explicativo.

Diante disso, a noção de atitude *pré-perceptiva* não faz menção a um domínio mais originário da percepção, mas as formas de atuação das funções nervosas no ato do reflexo – um princípio originário da atividade perceptiva que seria necessáriaa em nossa relação com o mundo – não é definitivamente o objetivo buscado por Piéron com essa noção.

Mas antes, a atitude *pré-perceptiva* é devedora da atenção, ou seja, se relaciona com o princípio do movimento que explicaria as diferenças dos comportamentos individuais com um apelo a diferentes graus de preponderância psíquica num nível difuso interno ao organismo; num nível de foco assegurado por uma consciência impessoal voltada para os objetos, denominados pelo autor quando interiormente dados como sensações; ou numa projeção existente na relação com objetos exteriores, em que seriam chamados de percepção.

O valor afetivo da ação é reduzido a uma crença objetiva dos elementos

³² Piéron vê na questão do voluntário e do involuntário no nível orgânico a grande falha interpretativa de Freud sem, contudo, se dar conta que o direcionamento de suas pesquisas tomam pela oposição completa aos estudos do psicanalista, a aceitação de processos mentais com correlatos fisiológicos específicos que não são evidentemente descritos com precisão: “Esses dados foram analisados inicialmente por Freud, que infelizmente levou ao extremo as consequências teóricas de elementos bastante exatos, criando uma metafísica do inconsciente em que se digladiariam certos demônios familiares: um deles estaria encarregado da censura, o aspecto social da questão, o outro representaria a libido, a força afetiva – exclusivamente sexual – e procuraria enganar, aproveitando-se de suas distrações ou se disfarçando habilmente” (PIÉRON, 1969, p. 72).

psicológicos da sensação expressos nas atividades de interesse e atenção. Há, pois, manifestação clara que essa evidência é garantida pelos processos mentais, e não pela atividade total do organismo, da função específica dos fenômenos de associação e projeção.

Os fenômenos associativos são, nesse sentido, marcados por uma arbitrariedade que centra as potencialidades de sua ação sob os critérios de que lhe são agradáveis e desagradáveis – ela é subsidiada por uma vaga noção de inteligência que não fora explicada satisfatoriamente por Piéron.

Não há sentido na ação, que se rende aos pressupostos da atenção e se configura como uma interpretação objetiva das funções afetivas num processo estritamente mental com correspondentes fisiológicos observáveis e expressos no comportamento.

Reencontramos a percepção novamente inserida num circuito de relações causais no sentido físico, ou se preferirmos, ela é reduzida ao conhecimento intelectual.

Todas as formas da atividade humana que não são automatismos, e em número bastante grande até mesmo os próprios automatismos, suscetíveis de pôr em movimento ou de parar, correspondem a uma determinada tendência que expressa a influência estimulante de um processo afetivo complexo, de um sentimento, com diferenças nos comportamentos individuais relacionadas com a natureza dos sentimentos [...]. Mas o conhecimento intelectual e a previsão das consequências dos atos acrescentarão a antecipação perceptiva do objetivo, o desejo do resultado, à força afetiva que fornece o impulso motor da conduta (PIÉRON, 1969, p. 71).

Esse percurso é o alvo da crítica de Merleau-Ponty (1990, p. 20) a Piéron que, conforme a ótica do autor francês, recai num grave erro metodológico amparado nos tipos de *ensaio de interpretação fisiológica*. Em última instância, ainda é ao conhecimento intelectual a quem devemos remeter a gênese da ação; é nele que temos a *força efetiva que fornece o impulso motor da conduta*, sendo uma atividade intelectual propedêutica que garante a motricidade do corpo no jogo entre estímulos e respostas.

Ao apresentar o reflexo condicional como uma resposta definida sob determinadas condições prévias, com uma característica oriunda da tradução francesa de Pavlov (*conditionnel*), Piéron (1969, p. 38) tenta apresentar uma nova forma de se conceber essa noção pela sua tradução inglesa, em que o reflexo condicionado faria referência a uma associação prévia no próprio organismo como condicionante anterior da resposta (*conditioned*).

De fato, a tentativa de Piéron é definida num retorno à resposta do organismo de

forma a não recair nos problemas deterministas do arco reflexo de Pavlov. Os *fenômenos de associação*, o *princípio da motricidade* e a *atividade pré-perceptiva* poderiam contribuir diretamente com essa dinâmica própria da ação do organismo de uma maneira mais originária; entretanto, o movimento ainda continua refém de uma íntima ligação entre o processo físico e o sentido afetivo correspondente.

Dessa forma, o cérebro ainda seria o responsável por associações sinérgicas ou sinestésicas e pela síntese de informações sensíveis que orientariam a conduta geral de um organismo humano. O cérebro não pensaria por meio dos músculos, mas pelos movimentos efetivados na conduta do organismo; temos, em última instância, uma nova forma de se conceber a relação entre o que se percebe e o que se sente a partir dos fenômenos associativos, que garantem a primazia da atividade afetiva. Esta, na verdade, oculta uma visão do sistema nervoso e do cérebro como produtores do pensamento e do movimento, deixando novamente a percepção em um segundo plano.

Não adentraremos mais profundamente a obra de Piéron, nem as leituras propostas pelo psicólogo francês em o torno da *Gestalt*, mas o demasiado apreço ao reflexo condicionado na conduta do organismo, já nos basta para que possamos perceber como a noção de atitude pré-perceptiva do psicólogo francês se faz praticamente impossível de ser acompanhada na formulação radical da percepção e mesmo na constituição do conceito de corpo próprio, tal como requer Merleau-Ponty.

A forma como a percepção é tomada quando se assume como pressuposição a teoria do reflexo tal como a descreveu Pavlov reduz a percepção a uma espécie de receptáculo, uma passividade pura. Logo, o essencial para a resposta do organismo é o reflexo condicional visto como uma estrutura do próprio funcionamento nervoso.

Diante disso, a radicalidade do projeto do conceito de corpo próprio exige que a percepção seja absorvida pela própria atividade do organismo em sua totalidade. Mas como efetivar essa assimilação da atividade perceptiva ao sistema nervoso sem recair numa falácia fisiológica?

A resposta a essa questão parece estar intimamente relacionada à leitura merleau-pontiana dos resultados das pesquisas em torno de lesões cerebrais e da tese determinista que julga tais lesões como causa direta da constituição de patologias, sejam elas num nível motor ou no linguístico.

Interessante notar que o percurso escolhido pelo filósofo francês não se origina na antinomia clássica da relação entre pensamento e cérebro. Se preferirmos, Merleau-Ponty não está preocupado em encontrar algo próximo à *Glândula Pineal* cartesiana

que, de forma muito confusa, tentou oferecer uma interpretação das relações entre o pensamento e a fisiologia do sistema nervoso, *res cogitans* e *res extensa*.

Além disso, a gênese da ação não se relaciona, na ótica de Merleau-Ponty, nem com uma espécie de motivação subjetiva, nem com um determinismo fisiológico; sua intenção é, antes de tudo, encontrar nessa tensão as referências propícias para a constituição do organismo humano como essencialmente relacional.

O filósofo francês busca, nas relações entre sistema nervoso e percepção, não uma certeza indubitável no que tange ao pensamento da coisa e da coisa em si, mas uma nova compreensão da amplitude do organismo humano quando falamos em *conhecimento sensível*. Talvez o recurso a Piéron se torne uma pista importante para compreendermos a elaboração do conceito de corpo próprio, principalmente em torno da questão da gênese da ação.

A gênese da ação nos parece um bom caminho de leitura para esse movimento da obra do filósofo francês na construção das bases do conceito de corpo próprio. Ao emergir nas relações entre o estímulo e a resposta, como vimos, as teses que se mantêm apenas no entorno de concepções fisiológicas estritamente relacionadas com funcionamento do sistema nervoso negligenciam um dos temas mais caros a Merleau-Ponty: a aderência ao mundo da vida, residindo um apontamento que o distingue de todas as pesquisas apresentadas até aqui.

Existe em *A Natureza da Percepção* um esboço de crítica às concepções que tomam a representação como marca definidora de nossa humanidade. Essa tese é fundamentada primeiramente numa crença cega na reflexão crítica, que recai no que é denominado por Merleau-Ponty de filosofia criticista, dado que não se leva a própria crítica até suas últimas consequências. Há ainda um segundo ponto de erro numa demasiada preocupação em elaborar um paralelismo psicofísico, contrapondo as atividades do sistema nervoso e as de associação de distintas representações processadas pela consciência.

Nesse sentido, percebe-se uma mudança abrupta da atividade orgânica que parte do funcionamento nervoso para um segundo nível em que elementos são justapostos pela consciência, como se a associação de conteúdos fosse sua função específica. Todavia, ainda é mantida inteligível a própria observação, seja pela ótica fisiológica do organismo, seja por meio de uma filosofia estritamente dualista.

Ao romper com essas questões, Merleau-Ponty (1990, p.20) desconstrói a noção de localização utilizada com a finalidade de evidenciar uma primazia do sistema

nervoso como fonte da atividade psíquica, além de dar importância à dinâmica de conjunto presente na atividade vital do organismo: “deve-se observar que a conjectura vai sempre das perturbações sensoriais e psíquicas observáveis para as localizações apenas presumidas”.

Sendo assim, a aplicação dos dados oriundos das pesquisas em torno da localização de lesões em determinadas regiões do cérebro e o desencadeamento de algumas patologias específicas deve ser antes de tudo, analisado na minuciosa descrição do comportamento.

Para Merleau-Ponty (1990, p. 20); “Gelb e Goldstein concluem a partir daí que a primeira tarefa, antes de qualquer ensaio de interpretação fisiológica, é dar a descrição mais exata possível do comportamento mórbido” eles rejeitam, como ponto de partida da análise do organismo humano, qualquer perspectiva que se justaponha ao que é denominado pelos autores de “ensaios de interpretação fisiológica”.

O organismo não é uma massa composta por elementos que estão suscetíveis, em última análise, à redução de suas propriedades físico-químicas. Estas são, todavia, o resultado de uma *armação* própria do organismo vivo, que demonstra claramente a importância de seu entrelaçamento de seu conjunto.

Mesmo que a ciência, sob o álibi *objetivista* da pesquisa experimental, reduza a matéria viva a um fragmento, esta não pode mais ser considerada como o organismo total, pelo menos no sentido em que as relações de conjunto de um dado ser vivo apresentam quando integradas “naturalmente” e invioladas pela ciência.

Isso pode nos parecer, num primeiro momento, uma fobia dos métodos científicos, mas na verdade essa objeção só seria válida se, e apenas se, pudéssemos afirmar com certeza que um fragmento qualquer do organismo vivo ainda conseguiria manter as mesmas relações de conjunto quando isolado de seu todo, o que é definitivamente uma falácia. O fragmento ainda mantém a propriedade de vivo quando retirado do organismo, graças ao desenvolvimento técnico da ciência, mas não podemos inferir de tal fato laboratorial que essa parte é o todo do organismo em questão.

Inicialmente, essa particularidade das pesquisas de Goldstein pode parecer apenas uma opção metodológica, mas basta nos aproximarmos da compreensão da estrutura do organismo para que possamos entender que o enunciado expresso pelo autor se relaciona com o reconhecimento de uma força viva que sustenta as articulações de conjunto do organismo.

Todos os apontamentos levantados até aqui, na trilha deixada por Merleau-Ponty

ao longo de seu texto, nos levam a um novo entendimento da limitação que o conceito de reflexo condicionado possui quando tratamos do organismo devido à complexidade de funções e estruturas implicadas na resposta do organismo propriamente humano.

É nesse sentido que o filósofo francês segue as teses de Kurt Goldstein, que toma como princípio fundamental uma ruptura com quaisquer pretensões de interpretação fisiológica do orgânico que se fundamentem em relações causais do tipo físico. Os fenômenos orgânicos são constituídos, antes de funções psicológicas ou de relações de causa-efeito, por uma intrínseca relação de totalidade que lhes é inerente.

Existe, nessa relação de totalidade, uma tendência natural ao equilíbrio do organismo. O pressuposto de *autorregulação* funciona como uma tendência direcional que age diretamente nas mudanças estruturais do organismo vivo – a própria plasticidade do cérebro efetivada pela noção de *localização cronogênica* é vista, por Goldstein, como presente no todo do organismo.

Esse sistema de equilíbrio, em toda sua dinamicidade e relações estruturais e não meramente físicas ou mecânicas, é definitivamente a grande novidade das pesquisas efetivadas por Goldstein e que vai influenciar alguns desdobramentos da própria *Gestalt* e a constituição da forma como Merleau-Ponty poderá consentir, ao corpo próprio, um lugar central para a compreensão do homem.

É a partir dos estudos de Goldstein que Merleau-Ponty (1990, p. 24) pode aprofundar os resultados da própria *Gestalt*, sem recair no problema materialista ainda deixado em aberto pela escola alemã. Ele critica diretamente a tese de que os dados primeiros da consciência seriam as sensações que, além de *elaboradas pela memória, o saber, o julgamento da matéria pela forma*, teriam no processo de conhecimento uma função muito particular que se relacionaria aos pretensos dados processados pela consciência, tal como a postulava a filosofia das sensações e a antiga psicologia.

A crítica merleau-pontiana à teoria do reflexo e a sua explicação causal da elaboração do pensamento começam a ser constituídas, tendo como primeiro ponto central uma ruptura com a sensação tomada como representação distinta de dada experiência sensível. Em outros termos, as excitações sensíveis não podem ser compreendidas meramente como dados estimulantes de um sistema nervoso especialista em operar, com representações sustentadas, por uma vaga noção de consciência.

Uma nova articulação entre as partes e o todo do organismo propriamente humano começa a surgir, de forma radical no pensamento merleau-pontiano, a partir de uma revisão dos resultados da *Gestalt* e das pesquisas de Goldstein – “nasce”, portanto,

o corpo próprio.

A escola que nos ocupamos explica de um lado pelo fato psicológico chamado *Gestalt* o que a antiga psicológica reputava a interpretação e ao julgamento. A *Gestalt* é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos “elementos” do “todo” articulados em todos mais extensos. Essa organização não é como uma forma que se colocaria sobre uma matéria heterogênea, não há matéria sem forma, há somente organizações mais ou menos estáveis, mais ou menos articuladas (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 24).

A radicalização da percepção é tomada em consonância com a compreensão do organismo em Kurt Goldstein, o que possibilita uma desconstrução da perspectiva dos elementos mentais inextensos como estruturantes de toda uma vida psíquica; em última instância, eles são sustentados por uma noção idealista da consciência. Essa crítica à compreensão da sensação como dado inextensivo a serviço de uma substância intelectual não extensiva, que exerceria a reabilitação dos dados sensíveis, é efetivada de forma simultânea no percurso da obra de 1934, por meio das descobertas da *Gestalt* psicologia, o que leva Merleau-Ponty (1990, p. 25) a afirmar de forma clara: “Nossa percepção cotidiana não é a de um mosaico de qualidades, mas de um conjunto de objetos distintos”.

A psicologia tradicional denomina de “saber”, ou em termos da filosofia criticista “julgamento”, que em última análise seria o mesmo que uma operação da consciência, esta recordação tanto de experiências anteriores quanto da imagem mental criada frente a um dado objeto exterior, Merleau-Ponty na trilha das descobertas da *Gestalt* psicologia e de Goldstein busca reencontrar a originalidade do fenômeno da percepção como fundador de um novo tipo de relação entre o organismo e o estímulo “exterior”.

É a própria relação que deve ser vista como central na experiência do corpo próprio, e não a consciência ou as modificações fisiológicas que possam ser mapeadas de uma maneira essencialmente física. Há, pois, uma nova compreensão do fenômeno orgânico que reconstitui a resposta do organismo numa nova armação que se dá na expressão do comportamento propriamente humano.

O sentido das “coisas exteriores” a meu organismo, como o realismo e o intelectualismo buscam definir não como uma propriedade advinda de uma operação intelectual da consciência com um correlato físico no sistema nervoso ou, se preferirmos, do próprio cérebro, mas surge pelas condições estruturais do próprio organismo humano que são definidas pela *Gestalt* como uma estrutura sobre um fundo.

Nesse sentido, o significado de um objeto não é relacionado com os dados sensíveis que este me ofereceria como uma representação internalizada na qual projeto um sentido. Pelo contrário, as condições de instituição de valor do objeto se relacionam com a própria estrutura de meu organismo e o sentido não está nas coisas, muito menos em um *a priori* pronto a entrar em ação quando, enfim, represento um dado objeto, mas na relação que mantenho com ele por meio de sua presença, seja ela oriunda de uma lembrança ou pelo espetáculo da coisa que me é apresentada.

Tal perspectiva não ignora as condições objetivas possíveis nessa correlação. Todavia, se há uma objetividade na forma como atuo no mundo vivo, ela não é garantida por noções como a de inteligência, vontade ou juízo; sua significação é fundamentada pela estrutura de meu organismo que tem, nesse campo perceptivo específico, uma organização espontânea que garante a originalidade da percepção.

Essa nova visão do organismo possibilita a Merleau-Ponty (1990, p. 25), tanto um resgate da originalidade da percepção, quanto uma nova saída para se pensar o corpo próprio como totalidade. Segundo Gelb e Goldstein, certas cegueiras psíquicas, que seriam interpretadas como uma impotência de “projetar” as recordações convenientes sobre a sensação, constituiria uma perturbação dos processos estruturais indicados.

A percepção se estabelece como ponto central da discussão no exato sentido em que a “[...] percepção primitiva refere-se antes a relações que a termos isolados – relações visíveis e não concebidas” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 26).

A remissão a Max Wertheimer e a Koffka demonstra que os resultados da *Gestalt Psychologie* são somados aos experimentos de Goldstein numa interessante revisão crítica que busca efetivar o desenvolvimento do estudo do organismo em um plano ontológico mais fundamental.

Desse modo, a relação entre a figura e o fundo, como base de uma percepção de bloco inerente à dinâmica própria de como o organismo vive num dado ambiente, começa a ser tomada como fundamento central da forma como a natureza da percepção se volta a projetar um mundo de significações.

A *lei de pregnância*, oriunda de Wertheimer e retrabalhada por Koffka, recebe uma leitura essencialmente vinculada ao modo de operação vivo da percepção, sem recair numa perspectiva explicativa das variações da continuidade do excitante, ou mesmo do excitado. Merleau-Ponty parece requerer uma simultaneidade que a escola alemã, às vezes, deixa escapar sob o álibi da tradição psicológica e que figura nas leis de

unidade, significação, similaridade, proximidade, continuidade e fechamento.

A lei de pregnância é vista não como resultado da ação de diferentes *juízos* simultâneos na estrutura da percepção, mas como fenômeno propriamente humano da relação com o mundo, estrutura fundamental da espontaneidade do organismo vivo que faz com que essa “lei” opere “[...] como um caso muito particular da lei geral de pregnância estabelecida por Wertheimer” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 26).

É conveniente comparar nossos progressos com o início do capítulo, onde enunciamos um princípio fundamental da organização: a lei da simplicidade, que vinculava as organizações estacionárias resultantes a certos princípios de máximo e mínimo. De fato, essa lei esteve presente em toda nossa análise. Nós a encontramos de diversas formas, como unidade, uniformidade, boa continuação, forma simples e fechada. Mas falta um ponto mencionado no início e não se considerou posteriormente: a diferença entre o que denominamos a simplicidade de um feito de máximo e outro de mínimo. A grosso modo, a simplicidade mínima será a simplicidade da uniformidade, e a simplicidade máxima será a simplicidade da articulação perfeita. (KOFFKA, K. *Princípios de Psicologia da Forma*, Editora Paidós, 1953, p.205).³³

A *pregnância (Prägnanz)* é uma intenção exata e concisa que só tem sentido frente a uma nova compreensão da presença do sujeito no mundo sob o viés da *presentificação*, que em Merleau-Ponty é tomada numa radicalização da atitude perceptiva que só pode ser sustentada a partir do conceito de corpo próprio.

O ato perceptivo não remete necessariamente a qualquer possibilidade de descrição de diferentes leis que estariam vinculadas a essa situação vivenciada, nem à distinção qualitativa entre organizações mais simples e mais complexas que possibilitariam a delimitação de sentidos mais fortes e fracos na percepção.

Merleau-Ponty parece ampliar tais considerações da *Gestalt Psychologie* em prol de uma organização espontânea do campo perceptivo, de forma a radicalizar o ato perceptivo em seu sentido mais originário. Mas essa crítica ao que será denominado pelo filósofo francês de *realismo* da escola alemã, fundamentado em uma espécie muito particular de hilemorfismo, só se desenvolverá no interior da obra *A estrutura do Comportamento*, que será oportunamente abordada.

³³ Es conveniente comparar nuestros progresos con el comienzo del capítulo donde enunciamos un principio fundamental de la organización: la ley de pregnancia, que vinculaba las organizaciones estacionarias resultants con ciertos principios de máximo y mínimo. En verdad, esta ley ha penetrado todo nuestro análisis; la hemos encontrado en varias formas, como unidad, uniformidad, buena continuación, forma simple y cierre. Pero queda un punto que se mencionó al principio y no se consideró en le examen ulterior: esto es, la diferencia entre lo que llamamos la simplicidad de un hecho de máximo y otro de mínimo . Hablando en términos gruesos, simplicidad mínima será la simplicidad de la uniformidad; simplicidad máxima la de la perfecta articulación. (KOFFKA, . *Princípios de Psicologia de la forma* 1953, p. 205).

A própria noção de campo apresentada em linhas gerais na obra de 1934 possui uma relação direta com os pressupostos apresentados por Wertheimer:

[...] certos pontos importantes de nosso campo sensorial (pontos de “ancoragem”) determinam como que um “nível espacial”, e as linhas do campo são afetadas imediatamente por indícios “para o alto”, “para baixo”, sem julgamento nem comparação. Determinam-se pela experimentação rupturas de equilíbrio ou mudanças desse nível e verifica-se que não se trata absolutamente nestes casos de uma operação intelectual [...] (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 29).

O contato do campo sensorial surge, no percurso do texto de 1934, não apenas como um dado de elucidação da satisfação e realização de uma *Gestalt* específica da estrutura psíquica do sujeito, mas como condição prévia da própria estruturação da percepção que vai, a seu modo, se organizar de forma dinâmica e espontânea a cada nova relação com o mundo.

Existe nesse movimento de complementação entre as pesquisas da *Gestalt* e os estudos de Goldstein uma preocupação expressa na reabilitação ontológica do problema do corpo próprio. Isso faz com que Merleau-Ponty ultrapasse as barreiras da tradição filosófica para, em seguida, retornar ao centro da questão das relações entre sujeito e objeto com um novo fundamento, fruto desse percurso pelas ciências experimentais.

Em 1934, o jovem filósofo aponta um novo sentido para o reflexo, tomando como ponto central de discussão a *Gestalt* e a fenomenologia. Entretanto, *A Natureza da Percepção* ainda possui certas limitações no que tange ao comportamento, o que nos permite apresentar, apenas, a estrutura geral da percepção em consonância com a radicalidade do projeto merleau-pontiano do corpo próprio, mas que será efetivamente constituído de forma mais clara e densa na obra de 1942, a qual fora concebida em 1938: *A Estrutura do Comportamento*.

A importância desse estudo ultrapassa a resposta em torno dos dois pontos levantados por Merleau-Ponty. Basta que nos atentemos aos dois primeiros capítulos de *A Estrutura do Comportamento* para percebermos que muitos dos pressupostos apontados nas primeiras obras do autor são revisitados de maneira muito séria.

Isso não implica que as teses levantadas anteriormente sejam abandonadas pelo filósofo francês. Antes disso, o movimento do sistema merleau-pontiano abre o problema da instituição de sentido como uma resposta necessária a várias questões em torno do funcionamento nervoso, o que desemboca na colocação de novos elementos em torno da radicalização da experiência perceptiva possibilitada pelo conceito de

corpo próprio.

A proposta de constituição de uma filosofia da percepção exige de Merleau-Ponty não apenas uma fundamentação de suas teses no interior da filosofia, mas antes de tudo, o pensador francês deve se manter em um diálogo constante com a psicologia de seu tempo na busca de respostas a duas questões problemáticas: 1) o problema da relação do conhecimento sensível com a consciência 2) os pressupostos psicológicos do conhecimento e a representação.

O primeiro ponto é central para o itinerário do filósofo francês. Qualquer negação de que o organismo humano seja capaz de operar com recordações, operações intelectuais, juízos e pensamentos sem a presença efetiva de um dado objeto seria simplesmente insustentável. Entretanto, não podemos deduzir que tais operações intelectuais são necessariamente produzidas e coordenadas por uma consciência que, em última instância, estaria numa estreita relação com o cérebro.

Antes de tudo, o cérebro é um órgão inserido num sistema que, por sua vez, estabelece novas conexões com fibras e nervos. O que definimos por nervoso é, portanto, um sistema que não pode ser simplesmente isolado (ou analisado objetivamente) como se o corpo não fosse uma organização complexa que só possui sentido em seu conjunto.

Essas reflexões em torno do sistema nervoso, do reflexo e da ação só fazem sentido se mantermos firmes nosso propósito de apresentar as bases conceituais de discussão. Sem elas, o conceito de corpo próprio ficaria extremamente prejudicado em sua arquitetura.

O segundo ponto, entretanto, só pode ser visto por meio de um recurso à nova filosofia que emana da leitura merleau-pontiana da fenomenologia. Nova filosofia justamente porque, ao mesmo tempo em que se propõe a ser uma ciência de rigor, ela abandona algumas visões tradicionais na definição de homem, em busca de um novo sentido para a consciência, resultando numa verdadeira revolução na forma de se conceber a ação do homem no mundo, até mesmo para a psicologia tradicional.

Nesse caso, Merleau-Ponty retoma a fenomenologia de Husserl para demonstrar a importância do transcendental, ou nas palavras do filósofo francês, da *fenomenologia constitutiva*. O transcendental herdado da fenomenologia de Husserl já é, em Merleau-Ponty, tomado com um novo sentido, o que nos impede em colocar o segundo autor como um mero seguidor irrestrito das teses propriamente husserlianas.

Essa retomada da fenomenologia tem como questão fundamental a elucidação

do problema psicológico no interior do pensamento husserliano, demonstrando claramente que a posição da fenomenologia é distinta da atitude naturalista da psicologia. A abordagem da questão no nível psicológico recai num naturalismo da substância psíquica, o que vincula, a essa linha de investigação, a noção de percepção e de estados de consciência com os quais Merleau-Ponty não pode compactar.

Temos aqui o início do percurso da investigação merleau-pontiana em torno da consciência, e basta que apontemos para o contexto em que esse problema aparece no texto de 1934 para que possamos intuir as conseqüências do conceito de corpo próprio em sua acepção mais concreta e radical, que se traduz numa nova perspectiva de ação e de projeção no mundo não mais pelo paradigma da representação, mas antes como vimos, pela perspectiva da *presentificação*.

A investigação sobre a percepção é aberta no exato sentido em que conseguimos compreender as relações entre consciência e sistema nervoso, de forma a evitar os problemas nos quais recaíram algumas vertentes da psicologia e da filosofia. O que está em questão não é a natureza dos processos intelectivos, e sim a forma de relação entre um eu de cada instante com um inevitável mundo circundante.

A recusa das filosofias criticistas que, numa espécie de crença cega na atividade crítica, recaiu num tipo de idealismo racionalista e numa adesão sem reservas à noção de representação como lugar propício da atividade crítica da razão, torna a fenomenologia de Husserl nos moldes em que Merleau-Ponty a concebe um ponto de partida fundamental para a criação do conceito de corpo próprio. Distante de qualquer psicologismo, o filósofo francês aborda a percepção como ponto originário da atribuição de sentido, o que definitivamente já se configura como uma *resignificação* do modo de abordagem fenomenológica da percepção por parte de Merleau-Ponty.

Isso não nos parece estranho se nos atentarmos a partir dos comentários de Étienne Bimbenet (2000) sobre a obra *A Estrutura do Comportamento* no que tange ao abandono de uma filosofia da substância efetivado por Merleau-Ponty em prol de uma nova definição de forma que se estabelece por meio da consolidação da noção de estrutura.

É nesse percurso que a leitura de Husserl contribui diretamente na compreensão do primeiro percurso do pensamento merleau-pontiano. As investigações em torno dos temas da recordação e da imagem, fruto da redução fenomenológica, apresentam importantes resultados para a própria psicologia: o próprio Husserl se lança numa renovação dos métodos psicológicos a partir do terreno das ciências experimentais,

evidenciando que o método *eidético* não mantém uma relação de exclusão com o método indutivo.

Nesse diapasão, o resultado de uma análise no sentido fenomenológico, no que concerne aos temas da imagem e da recordação, leva Husserl a conceber a importância do mundo da vida e da intencionalidade da consciência em detrimento a problemas suscitados pelas pesquisas psicológicas e filosóficas precedentes, as quais mantêm a discussão sobre as duas noções apenas no nível de um paralelismo psicofísico.

Merleau-Ponty (1990, p. 23), desse modo, não se furta em afirmar que “[...] as análises de Husserl conduzem ao umbral da *Gestalt*psychologie. Enfim, chama-se ainda de fenomenologia num sentido muito amplo, toda psicologia ‘descritiva’”. É a partir de Husserl e dos apontamentos de Goldstein que a psicologia pode se libertar dos pressupostos de interpretação fisiológica que a levavam irrevogavelmente à postulação de uma primazia da atividade psíquica.

É ao conjunto do organismo ou se preferirmos a seu esquema corporal, a sua estrutura concreta, e não a uma região ou a uma determinada atividade específica, que devemos nos remeter quando buscamos adentrar a questão da consciência. O esquema corporal não pode ser reduzido a um dos fragmentos que o compõe; no organismo vivo, o todo não pode ser confundido com a soma das partes, pois é na força de conjunto que reside a propriedade fundamental de organismo.

Nosso contato com o mundo é essencialmente corporal, não há como negar uma troca constante com o que a física denomina de mundo real. Nessas interações, o corpo sofre uma acomodação motora, como se o organismo estivesse estruturalmente preparado para se encaixar no mundo. Como uma peça se encaixa em um quebra-cabeça, o corpo é, ao mesmo tempo, doador e criador de sua imagem que só tem sentido quando vista em sua totalidade.

O elemento vital do organismo que sustenta essa significação do todo exige uma reciprocidade propedêutica quando tratamos do problema do corpo próprio. Precisamos observar que todas as diferentes ações humanas possuem um sentido, e mesmo quando esse sentido nos parece anormal, não é a consciência que devemos investigar, mas a história, a biografia de ações desenvolvidas pelo sujeito em sua existência.

O estar no mundo num viés fenomenológico propriamente merleau-pontiano não pode ser reduzido apenas à dimensão material, ou mesmo físico-químicas, que o corpo possui. O essencial, quando tratamos da vivência do corpo, é a compreensão de seu significado temporal; afinal de contas, o registro da história de meu eu enquanto sujeito

não é uma tela distante em que, por um passe de mágica, vejo projetar todas as minhas experiências da infância, os primeiros sentimentos adolescentes ou as frustrações de minha maturidade. Pelo contrário, é no corpo que encontro as marcas de que um sujeito é esta “máquina”, corpo sujeito, corpo ego, que é, e não está, não há habita como um “inquilino” estranho em uma “casa alugada”.

Percebemos, assim, a necessidade da passagem por Piéron como movimento que apresenta um dos traços fundamentais perseguido por Merleau-Ponty, quando tratamos do elemento mental no organismo propriamente humano.

O sistema nervoso não pode ser concebido como uma central eletrônica anatomicamente desenvolvida para produzir determinados conteúdos *inextensivos*. Ele possui uma função que se *adéqua* a um conjunto mais amplo, ou se preferirmos, o sistema nervoso é um fundo de uma figura maior em que o contexto orgânico não pode ser reduzido a nenhuma de suas partes, antes de ser e como o quer a fisiologia da percepção (mecanismo fisiologicamente delimitado). O sistema nervoso é corpo vivo, experiência em ato de vivência no mundo, movimento expressivo, comportamento em um dado segmento de espaço e tempo.

O que de fato interessa a Merleau-Ponty nas pesquisas de Goldstein é a descrição mais ampla da dinâmica própria do organismo humano. A destruição por um acidente, por exemplo, de uma área específica do cérebro leva a substituições funcionais, denotando que a plasticidade desse órgão não pode ser compreendida sem que tomemos o pressuposto de que uma nova relação de conjunto é estabelecida entre a área afetada, o novo ponto responsável por uma dada função e o todo do organismo.

É essa função de conjunto que importa a Merleau-Ponty. Na totalidade orgânica, a própria noção de sensação não pode mais ser sustentada como sendo geralmente secundária e advinda da consciência. Merleau-Ponty (1990, p. 23) não se furta em dizer que a visão criticista acompanha as teses da fisiologia da percepção, definindo que “[...] a espacialidade e o sentido em geral são secundários e adquiridos pela consciência”.

Apoiando-se em Maurice Pradines, o filósofo francês (1990, p.23) considera a tese como um absurdo biológico pela impossibilidade de constatação destes *sentidos superiores* tomados como o modo de operar da consciência num tipo de autonomia que considera nossa situação existencial como irrelevante.

Para Merleau-Ponty, o sentido do objeto já está presente na percepção, pois não estamos tratando o corpo como mera mediação. *A Natureza da Percepção* consegue, portanto, apresentar algumas considerações sobre a percepção, as quais são

fundamentais para a constituição do conceito de corpo próprio.

A trilha levantada pela própria *Gestalt*, principalmente com Wertheimer, se contrapõe diretamente às concepções criticistas, por mais que exista uma limitação nas teses da *Gestaltpsychologie* apresentadas em *A Estrutura do Comportamento* como veremos: “Dado que se julga sempre o que se vê pelo que aparece na retina e dado que os pontos escalonados em profundidade num só plano, seria necessário supor que o sujeito reconstitui a profundidade, a conclui, mas não a vê” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 28). Observamos claramente um resgate de um novo sentido para o *sujeito*, não mais como um mero piloto de uma consciência pautada em juízos de dados oriundos da percepção, mas a simultaneidade na relação do organismo como um todo, sendo que seu mundo perspectivo começa a ser desvendado.

Desse modo, a percepção pode nos oferecer a contraposição direta, tanto a filosofia criticista quanto as definições que a própria física oferecem ao funcionamento nervoso e ao movimento. Merleau-Ponty (1990, p. 29) não se furta em apresentar, já em 1934, algumas considerações que serão efetivamente cruciais para o desenvolvimento do conceito de corpo próprio; nossa percepção do movimento não poderia, pois, ser assimilada à estimativa de uma distância crescente entre dois pontos isolados percebidos, ao movimento como o físico o define.

O filósofo francês acompanha a *Gestaltpsychologie* em torno de sua análise do espaço perceptivo, mas reconhece as limitações da escola alemã quando ela mantém suas constatações vinculadas diretamente a uma herança representativa com as quais a *Gestalt* ainda encontra dificuldades em romper: “Essas observações não pretendem esgotar a análise do espaço perceptivo segundo a *Gestaltpsychologie*. Retivemos principalmente as observações novas que ela põe sob rubricas tradicionais” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 29-30).

Merleau-Ponty faz referência aos *capítulos novos* abertos pela *Gestaltpsychologie*, os quais podem ser compreendidos como a libertação das análises funcionais da psicologia a partir dos pressupostos neurofisiológicos, somente.

As funções cerebrais possuem uma significação articulada com o todo do organismo. Elas não são indiferentes ao substrato material pelo qual são processadas, mas não podemos deduzir que elas são produzidas no exato local em que podemos, com a ajuda dos aparelhos, monitorar uma movimentação da massa cerebral. A remarcação dos pressupostos da estrutura do funcionamento do sistema nervoso, numa perspectiva que dê relevância à totalidade do organismo, é o principal objetivo das citações de

Goldstein na obra de 1934.

Existe nesse sentido, na obra em questão, uma aproximação de Goldstein com os resultados do que Merleau-Ponty (1990, p. 17) denomina de *uma nova psicologia da percepção*. A *Gestalt* apresenta um paradigma a ser pensado nos níveis psicológico, fisiológico e filosófico das pesquisas em torno da percepção: a estrutura do organismo.

Tal constatação deixa implícita a *pérola* descoberta pela *Gestalt*, que infelizmente não foi levada até suas últimas consequências filosóficas, mas que fora simultaneamente trabalhada por Goldstein na busca por oferecer melhores respostas a uma tradição fisiológica, neurológica e psicológica do determinismo de dadas lesões, que fora assimilada diretamente pela própria filosofia.

A *Estrutura do Comportamento* nos possibilitará exaurir essa questão. Todavia, encontramos em 1934 a gradual construção de um pressuposto que será fundamental para as concepções de estrutura e consequentemente do próprio conceito de corpo próprio: *a relação entre estímulo e resposta no nível orgânico*. Essa parece ser a base perseguida por Merleau-Ponty na obra em questão, quando o mesmo se propõe a tratar a dinâmica própria do organismo vivo.

A velha distinção entre *um mundo de coisas* e *uma consciência transcendental fundada apenas na evidência do cogito* encontra seu lugar numa fisiologia fundada apenas em dados físicos, fisiológicos e centrais. Ela não pode ser mais mantida sem uma séria revisão dos pressupostos experimentais nos quais é fundada, sendo que a percepção ancora novas possibilidades de se conceber a nossa corporeidade.

[...] Parece que a noção de *Gestalt* permite fazer justiça às duas séries de observações. Porque a percepção sincrética, a de um bloco uniforme, e a percepção analítica, em que os detalhes justapostos existem sozinhos, em vez de se oporem uma a outra, como frequentemente se acredita, opõem-se ambas a percepção estruturada do adulto, em que os conjuntos são articulados e os detalhes organizados (MERLEAU-PONTY, 1990, p.30).

As teses *localizacionistas* da consciência são questionadas, inclusive o próprio Piaget é mencionado a fim de demonstrar a importância dessa percepção bruta do mundo infantil que não opera com um mosaico de impressões, mas com conjuntos mais articulados. Nota-se que, mais uma, vez Merleau-Ponty (1990, p. 30-31) acusa a falta de uma radicalização dos pressupostos no interior das teorias psicológicas.

Nesse entremeio, a consciência não está relacionada à materialidade ou à imaterialidade de dados processos nervosos, mas a força do conjunto orgânico superaria as dificuldades meramente especulativas em prol de uma nova filosofia da percepção

que procura se afastar das tentativas de cindir o homem em duas partes: pensante e sensível.

A falta de referência direta a um sistema de pensamento filosófico específico em torno do problema da alma e do corpo é essencialmente proposital na obra em questão, e nos mostra que o objetivo em 1934 é articular as pesquisas experimentais de forma a estabelecer todo o referencial necessário para a constituição do conceito de corpo próprio. As investigações nesse texto se relacionam muito mais com o apontamento ontológico dos resultados oriundos da própria psicologia experimental e da neurofisiologia, do que propriamente à continuidade do método eidético ou da remissão direta às aplicações do método da *Gestaltpsychologie*.

Esta concepção nova do conteúdo da consciência tem consequências importantes para a teoria do conhecimento sensível. Essas consequências são ainda pouco estudadas. No interior da *Gestaltpsychologie* a questão não é debatida. Adota-se a atitude de todas as psicologias: a distinção entre um mundo de coisas e uma consciência imanente. A organização ou a estruturação da consciência é explicada por fenômenos fisiológicos centrais (fenômenos transversais de Wertheimer) cuja existência é aliás muito contestada. Fora da *Gestaltpsychologie* afirmou-se que o problema do conhecimento colocar-se-ia para esta escola nos termos em que se colocou para Kant (Gurwitsch, trabalho citado). É em direção a uma solução muito diferente que cremos, é preciso nos orientar (MERLEAU-PONTY, 1900, p. 32).

Nesse sentido, resta-nos mais uma vez apresentar sucintamente os pressupostos evidenciados na obra de 1934, os quais serão cruciais na formulação do conceito de corpo próprio. Como informação, em nenhum momento da discussão de *A Natureza da Percepção*, o termo corpo é utilizado, talvez para evidenciar, de forma clara, que a radicalidade da percepção é o primeiro passo requerido pelo filósofo francês para um novo sentido de nossa corporeidade, que culminaria no conceito de corpo próprio.

A conclusão da obra *A Natureza da Percepção* esclarece que a passagem por Piéron é outro artifício para a constituição do conceito de corpo próprio, no exato sentido em que a pesquisa empreendida por Merleau-Ponty conduz o filósofo para uma nova solução em torno do problema do conhecimento sensível.

A remissão a Gurwitsch, no fim do texto, nos coloca que Merleau-Ponty parece não se satisfazer com a leitura do problema do conhecimento em termos levantados por Kant, apontando já aqui as limitações da própria *Gestaltpsychologie* justamente em torno da questão dos conteúdos da consciência.

A refutação do paralelismo psicofísico surge nestes termos vinculada a uma nova ideia de relações transversais no próprio sistema nervoso, como nos aparece por meio da

constatação dos processos estruturais de conjunto presentes no organismo vivo: “Esse fato nos obriga a estabelecer, entre os circuitos nervosos, relações transversais” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27). Isso instaura a necessidade da nova noção de forma, para que as teses fundamentais em torno da estrutura do organismo vivo possam ser mantidas tanto no nível fisiológico e científico quanto no nível ontológico e filosófico.

Não se trata de arriscar uma hipótese entre outras, mas de introduzir uma nova categoria, a categoria de “forma” que, tendo sua aplicação tanto no domínio inorgânico quanto no domínio orgânico, permitiria fazer a aparecer no sistema nervoso, sem hipótese vitalista, as “funções transversais” de que Wertheimer falara e cuja existência é confirmada pela observação. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 69).

Se necessitássemos de uma conclusão provisória em torno dos resultados alcançados por meio da análise da obra *A Natureza da Percepção*, de 1934, ela seria postulada em torno de um primeiro pressuposto da existência de uma resistência *sui generis* da percepção em ser definida apenas como uma espécie de mecanismo de passagem de dados sensíveis. Estes seriam livrados de toda e qualquer confusão sensível por meio de uma consciência internalizada que estaria, em última instância, intrinsecamente relacionada aos processos cerebrais.

Entretanto, se contrapormos os resultados da obra de 1934 com a grande discussão empreendida por Merleau-Ponty em torno dos comportamentos superiores em *A Estrutura do Comportamento*, na qual Piéron ainda se mantém como principal interlocutor, perceberemos com facilidade que o filósofo francês começa a articular um novo argumento em torno da relação entre o estímulo e a resposta que, definitivamente, nos envia para o campo do comportamento.

As teses implicadas pela argumentação de Piéron acerca de um paralelismo psicofísico conduzem Merleau-Ponty a uma nova possibilidade de explicação da própria fisiologia do sistema nervoso. O filósofo terá, necessariamente, de ampliar sua compreensão da fisiologia, e nesse percurso, a noção de comportamento será fundamental.

A novidade apresentada por Merleau-Ponty parece apontar para uma espécie de instituição de significado a partir do nível orgânico, que deveria manter a tensão entre realismo e idealismo transcendental. Mas o sentido do transcendental em Merleau-Ponty é definitivamente muito peculiar ao filósofo.

Destarte, as teses em torno da percepção exigem que tal posicionamento seja

melhor elucidado, principalmente a partir de algumas considerações que nos demonstram a importância da instituição de um significado ainda no nível orgânico: “Não são apenas valores espaciais e cromáticos que o funcionamento nervoso distribui, mas também valores simbólicos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 140).

Por meio de uma nova ideia de forma e da análise da estrutura do comportamento a partir de um novo sentido da fisiologia própria do organismo humano que o filósofo francês conseguirá apresentar seu conceito de corpo próprio.

O problema do realismo é superado no exato sentido em que o objeto exterior a mim não pode ser determinado como um duplo, - o objeto exterior e a representação interna do objeto.

O mecanicismo se torna também nestes termos ultrapassado dado que o sentido da percepção de um objeto ocupa, a partir do paradigma da instituição de significado no nível orgânico, o status de fenômeno, numa correlação orgânica e não meramente dada por dados psicológicos ou mesmo no nível da representação do ânimo tal como formulara Kant.

O comportamento simbólico, como veremos, abre assim um novo sentido para a questão do *a priori*, que nestes termos se desloca de uma propriedade do ânimo para se tornar presente ao organismo.

A inibição geral à qual assistimos não foi construída conforme as leis mecânicas do condicionamento; exprime uma lei de um novo gênero: a orientação do organismo em direção a comportamentos que tenham um sentido biológico, em direção a situações naturais, isto é, um *a priori* do organismo. Existe, pois uma norma inscrita nos próprios fatos. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 194)

Temos assim que é por meio da forma simbólica do comportamento que a radicalidade da estrutura perceptiva requerida por Merleau-Ponty é garantida. O sentido muito preciso da própria noção de intenção, como uma propriedade inerente ao organismo, nos aparece no plano do corpo vivo como uma estrutura resistente que nos abre uma nova visão da intencionalidade como ponto fundamental da própria motricidade humana recolocada na expressão de um comportamento.

Merleau-Ponty(2006, p.125) afirma que: *O problema desaparece a partir do momento em que a especificidade local dos circuitos associativos é a eles atribuída em cada caso pela estrutura do conjunto.*

Nestes termos o paralelismo será aceito por Merleau-Ponty apenas em seu sentido funcional “Porque, assim, a construção do campo espacial não é mais um

fenômeno centrípeto mas um fenômeno centrífugo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 125).

Esta implicação, nos levará diretamente as estruturas do comportamento que se constituem a partir da ideia de forma; passemos então a uma melhor elucidação da articulação da noção de forma com a de comportamento a partir dos pressupostos assimilados até aqui em torno do conceito de corpo próprio, tendo em vista a relação entre o estímulo e a resposta no plano do comportamento.

3 - TERCEIRA CAMADA: COMPORTAMENTO E CORPO PRÓPRIO.

Ao desvendar todas as implicações da noção de organismo, tomada como fundamento primordial do conceito de corpo próprio, somos direcionados a nossa terceira camada. O conceito emerge assim sob um paradigma de sustentação distinto tanto das pesquisas efetivadas pela *Gestalt*, quanto dos pressupostos da fenomenologia de Husserl. Este último ponto nos permite indicar não apenas a gênese do conceito de corpo próprio, mas apresentar de forma sucinta uma propriedade fundamental do corpo vivo: a intencionalidade, demarcando de forma muito precisa que, a intencionalidade em Merleau-Ponty não é um paradigma da consciência, mas do corpo. Nosso estudo atinge assim seu ápice no sentido em que toda a reflexão produzida até o presente capítulo, estrutura todos os elementos de constituição do conceito de corpo próprio.

3.1 Significação e reflexo no nível orgânico: a emergência do comportamento

A estrutura do organismo, tomada como uma totalidade começa a ter seus contornos mais bem delimitados a partir das discussões empreendidas por Merleau-Ponty nos três primeiros capítulos da obra *A Estrutura do Comportamento*.

O filósofo francês levanta, a partir da discussão em torno dos problemas do paralelismo psicofísico em Piéron, uma interessante questão a fim de enunciar “[...] o setor central do comportamento e entender sua inserção no corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 94). Mais uma vez, o problema da consciência é contornado por meio da demarcação da importância das relações de conjunto do organismo expressas pelo conceito de corpo próprio.

Merleau-Ponty (2006, p. 126) apresenta o percurso da seguinte forma: “Ainda aqui escolhemos como típica a exposição que H. Piéron faz a esse respeito e nos

perguntamos se a ideia de integração ou de coordenação basta para resolver as dificuldades do atomismo fisiológico”.

O comportamento surge como uma forma de recusa da compreensão de Pavlov no que concerne ao funcionamento de circuitos fisiologicamente determinados que subsidiariam a criação de leis que regeriam o reflexo:

A necessidade em que Pavlov se encontra de corrigir a todo momento uma lei por outra lei prova, sem dúvida, que ele não descobriu o ponto de vista central a partir do qual todos os fatos poderiam ser coordenados (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 81).

Assim, a enunciação dos resultados conseguidos por meio da contraposição das pesquisas de Piéron e de Pavlov aos resultados de Goldstein constitui três pontos fundamentais do pensamento de Merleau-Ponty (2006), expressos na seguinte ordem:

1) *Uma lesão, mesmo localizada, pode determinar distúrbios de estrutura que afetam o conjunto do comportamento.*

Esse princípio remete diretamente às constatações de Goldstein e demarcam a importância do organismo na constituição do corpo próprio. Na atividade de conjunto do comportamento, há o ponto privilegiado da constatação das relações estruturais do corpo vivo, o que nos impede de qualquer postulação dualista no pensamento do autor francês. O corpo próprio deve ser compreendido como totalidade de ação, conjunto, armação em que a soma das partes é uma nova organização, mantendo a diferença fundamental com cada parte isolada do organismo, como elucidada o arco reflexo de Pavlov.

2) *Não podemos tratar o funcionamento nervoso como um processo global em que todas as partes do sistema interviriam da mesma maneira; a função nunca é indiferente ao substrato pelo qual se realiza.*

Essa tese não implica num localizacionismo estreito das funções motoras do comportamento a um substrato determinado. O termo indiferente demonstra que existe uma relação entre determinada expressão motora no organismo e seu sistema privilegiado de realização.

Entretanto, o substrato da ação no nível orgânico, tomado por Merleau-Ponty como uma totalidade, possui variações intrínsecas e abre uma dinâmica própria do vivo, a qual permite que algumas estruturas possam ser mais utilizadas em detrimento de outras que, nem por isso, deixam de participar deste movimento total do organismo.

A aparente limitação do sentido da atividade global do sistema nervoso apresentada pelo filósofo visa reforçar a noção de estrutura por meio da inovação presente na ideia de forma.

Uma determinada ação não implica na atividade de todas as partes do sistema nervoso, dado que “[...] A própria coordenação aparece como um resultado: o fenômeno de estrutura ou de forma” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 125).

Nesse diapasão, a estrutura de conjunto do organismo não é abandonada. O filósofo francês admite certo nível de especialização das regiões cerebrais sem, contudo, recair nos problemas do mecanicismo, do dualismo do atomismo. De acordo com Giles (1979, p. 91):

[...] localização, não se entende em termos do local onde o fato fisiológico de uma excitação transmitida se torna o fato psicológico da reação, da maneira como em determinado lugar a nuvem se torna chuva. [...] essa espacialidade do comportamento nos transporta para fora do espaço físico.

Existem relações constantes com densidades diferentes no funcionamento do organismo vivo ou, se preferirmos, mais ativas em termos de atividade e nas determinadas situações motoras. O corpo próprio, no nível orgânico, é tomado como uma totalidade, uma unidade que não implica em homogeneidade.

Se tudo dependesse realmente de tudo, tanto no organismo quanto na natureza, não haveria nem leis nem ciência. Os processos de conjunto de Koehler admitem uma clivagem interior e a teoria da *Gestalt* se mantém a uma igual distância tanto de uma filosofia da simples coordenação (*Und-Verbindungen*) quanto de uma concepção romântica da unidade absoluta da natureza (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 63).

A própria questão da *cronaxia* é retomada por Merleau-Ponty (2006, p.71) para explicitar a importância dessa dinâmica própria do sistema nervoso: “[...] A teoria da *cronaxia* evidencia, como a função própria do sistema nervoso, a organização de novos trajetos a cada momento”.

O sentido de *produção* do comportamento é deslocado do cérebro para uma relação distributiva que permite a demarcação de certas estruturas privilegiadas de organização. Nem por isso, elas nos remetem aos problemas de localizacionismo e atomismo: “O cérebro é composto de neurônios que, como todos os outros, podem mudar de *cronaxia*” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 72).

3) *O lugar na substância nervosa tem consequentemente um significado equívoco. Não se pode admitir senão uma concepção mista das localizações, uma concepção funcional*

do paralelismo.

Essa terceira conclusão elaborada por Merleau-Ponty (2006, p. 112) nos auxilia na compreensão da força e do sentido das relações de conjunto implicadas no comportamento do organismo. A radicalidade exigida pela experiência perceptiva não é afetada em nenhum de seus sentidos pela aceitação de uma concepção funcional do paralelismo. Diante disso, o filósofo francês começa a elaborar uma interessante constatação que surge a partir da análise das limitações da teoria do reflexo condicionado, dado que, segundo Giles (1979, p. 94): “Longe de ser uma descrição fiel do comportamento, a teoria dos reflexos condicionados é uma construção inspirada nos postulados atomistas da análise de realidades materiais”. Os termos de aceitação desse paralelismo funcional são apresentados de maneira muito clara pelo filósofo francês:

O percebido seria explicável apenas pelo próprio percebido, e não por processo fisiológicos. Uma análise fisiológica da percepção seria pura e simplesmente impossível. A partir da palavra como fenômeno físico, como conjunto de vibrações do ar, não poderíamos descrever no cérebro nenhum fenômeno fisiológico capaz de servir de substrato ao significado da palavra [...] (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 145).

A pergunta formulada por nós durante nossa segunda arqueologia só pode ser respondida de forma satisfatória a partir da discussão direta com Henri Piéron e Pavlov. Se quisermos compreender a passagem do estudo da percepção para o do comportamento, sob a ótica do organismo como uma totalidade, devemos necessariamente nos remeter às perceptivas levantadas pelo filósofo francês a partir das limitações do arco reflexo na explicação do comportamento do organismo vivo.

O problema do “atomismo” é levantado pelo filósofo com vistas a demarcar a importância dos processos estruturais do organismo vivo, que se distanciam das explicações clássicas:

Tanto na teoria do funcionamento central quanto na teoria do reflexo, a maioria dos autores se comporta como se bastasse corrigir o atomismo por meio das noções de integração e de coordenação. A nosso ver, essas noções são equívocas (MERLEAU-PONTY 2006, p. 120).

Dessa forma, a noção de atomismo deve ser substituída pela noção de estrutura que, para o filósofo francês, surge como uma necessidade de se rearticular radicalmente a noção de consciência com o corpo, problemática denominada anteriormente como a questão da *clivagem da consciência*.

Tal posicionamento representa, além de uma verdadeira “[...] reforma do entendimento psicológico e fisiológico”, um abandono total da explicação pautada “[...]”

pelas antíteses do atomismo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 120).

A problemática da consciência é justaposta nesse plano de discussão desde o início da obra *A Estrutura do Comportamento*. A famosa passagem em que Merleau-Ponty (2006, p. 1) delimita o objetivo geral de suas pesquisas nos é descrita nos seguintes termos: “[...] Nosso objetivo é compreender as relações entre a consciência e a natureza – orgânica, psicológica ou mesmo social [...]”. Mas encontramos, ainda no interior da obra em questão, um ponto essencial para que tal objetivo seja efetivado: a constituição de uma nova ideia de forma a partir da nova possibilidade de descrição do comportamento.

O próprio Merleau-Ponty (2006, p. 4, nota 3) interpreta a noção de comportamento, oriunda de Watson, a qual é associada indevidamente para o filósofo francês por Tilquin, como subordinada ao sistema nervoso e não como evidência da importância da vida para a compreensão do organismo propriamente humano.

Dizemos de um homem ou de um animal que tem um comportamento, o que não dizemos de um ácido, de um elétron, de um cascalho ou de uma nuvem se não por metáfora. Dizia-se que o comportamento não está localizado no sistema nervoso central que reside entre o indivíduo e seu meio, sem uma palavra de fisiologia, e que finalmente ele se refere a um fluxo de ação que o ser vivo projeta, que atribui aos estímulos um sentido característico. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3-4, nota 3).

A análise científica do comportamento recai em uma dificuldade de princípio que se relaciona aos problemas já enunciados em torno da *crença cega*, a qual se manifesta como uma *pseudoconstância* do comportamento reflexo.

Merleau-Ponty (2006, p. 64) busca superar essa proposição em torno do comportamento reflexo, buscando enunciar uma “[...] autorregulação dos órgãos (Eigenreflexe de Goldstein) em que esses trabalham, por assim dizer, por conta própria”. Nesse ponto específico da pesquisa de Goldstein, a totalidade orgânica parece requerer uma nova compreensão da ideia de forma.

É por meio dessa nova ideia de forma que a compreensão do organismo em seu sentido estrutural – como bem demarcara a *Gestalt* de Kofka como uma armação, um conjunto – será enunciada conforme o conceito de corpo próprio, tal como o formulara o filósofo francês.

Entretanto, bem sabemos que Merleau-Ponty critica a maneira essencialmente realista com que a *Gestalt* analisa o comportamento. Essa crítica é ampliada para o próprio behaviorismo; todavia, a relação com as descobertas de Watson parece ter suas

críticas direcionadas a uma filosofia indigente, que não ousou aprofundar os resultados da discussão em torno do comportamento, do que propriamente ao esforço criador do autor citado.

A relação entre o behaviorismo e a teoria do reflexo condicionado é sobremaneira evidente quando tomamos a própria questão da aprendizagem, como bem nos ajuda a pergunta de Giles (1979, p. 97):

E se o behaviorismo continua a se apresentar como a única teoria científica da aprendizagem, perguntamos-lhes então (pois o progresso do comportamento é o fruto de um ensaio desprovido de intenções) por que toda espécie animal, desde o momento em que o seu equipamento físico e fisiológico comporta receptores e permite gestos requeridos, não é apta para toda espécie de aprendizagem?

Isso nos leva a crer que a radicalização da experiência perceptiva requer, necessariamente, que os pressupostos da relação entre o estímulo e a resposta devam ser reconsiderados com base numa nova perspectiva do organismo. Esse movimento requer uma nova filosofia da forma: “Assim, a teoria da forma tem consciência das consequências que um pensamento puramente estrutural acarreta e procura ampliar-se numa filosofia da forma que substituiria a filosofia das substâncias” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 206).

A tarefa da nova filosofia da forma se delimita como uma “[...] resposta aos postulados realistas que são os de toda psicologia” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 206), devendo lançar mão de uma recusa da perspectiva do *materialismo* e do *espiritualismo*. Isso conota diretamente como essa nova compreensão da forma ou, se preferirmos, da atividade estrutural do organismo humano, desencadeia uma nova noção do próprio comportamento, tendo como pressupostos fundamentais a intenção e o sentido.

Do mesmo modo, o behaviorismo contenta-se em dizer que a cortina branca se torna estímulo condicionado das reações “positivas” e confunde, sob esse nome, as reações visando ao objeto que ele poderá efetivamente acionar após adestramento, e as reações preparatórias visando à solução que ele não poderia fixar. Na realidade a dificuldade é de princípio (MERLEAU-PONTY, 2006, p.150).

A ciência parece postular outro nível de “realidade exterior”, como se a “realidade interior” do organismo implicasse na aceitação, garantida pelo reflexo condicionado, de uma ideia de consciência e representação. Mas definitivamente esse não é o percurso de Merleau-Ponty quando ele se propõe a descrever as estruturas do

comportamento.

É pela análise do exemplo da percepção de um foco luminoso num determinado quarto escuro que Merleau-Ponty parece apresentar a cisão entre o sujeito e o objeto, operada por aqueles que tomam o comportamento estritamente ligado ao reflexo. Logo, é por meio da aplicação da causalidade estritamente física ao organismo vivo que se constitui a maioria das leis prescritas por Pavlov, tendo como agravante uma radicalização das teses por meio da noção de adestramento, tal como a concebera o behaviorismo.

O estudo da atividade perceptiva em torno do foco luminoso no horizonte de Pavlov, e em certo sentido no próprio behaviorismo, opera uma espécie de *fixação* expressa em dados *comportamentos adquiridos*, que pode ser fundada em última instância no arco reflexo.

No caso específico do ponto luminoso que “impressiona” minha retina, há, de um lado, uma aparência qualitativa pautada pela força de atração, a qual faz com que a retina se volte para o ponto de luz que se movimenta em meio à sombra como um reflexo, uma variação mecânica de minha fisiologia em seu sentido atomista; e por outro, o movimento vibratório de um agente físico que possui a propriedade de “impressionar” minha retina, uma força que aparece diante de meus olhos por um conjunto de relações causais ou, se preferirmos, uma luz real, que tem como função específica desencadear uma nova relação causal, agora no nível fisiológico.

O exemplo do foco luminoso abre o primeiro capítulo da obra *A Estrutura do Comportamento* e busca elucidar que o organismo propriamente humano não pode ter seu comportamento definido apenas em virtude de um arco reflexo, tal como o postulava Pavlov: “[...] se estou numa sala escura e um foco luminoso aparece na parede e começa a deslocar-se, direi que ele atraiu minha atenção” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 5).

É a partir desse exemplo que Merleau-Ponty levará, até as últimas consequências, os resultados desencadeados por uma análise estrita do comportamento reflexo quando tratamos da compreensão do organismo vivo.

Por mais que fique evidente uma intenção e um sentido na *busca* do foco luminoso para o próprio organismo, esse elemento é simplesmente desconsiderado no que tange ao comportamento reflexo, tal como o concebem Pavlov e o behaviorismo.

De fato, o comportamento parece “[...] sempre orientado, dotado de uma intenção e de um sentido” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 5), mas os pressupostos parecem não satisfazer as prerrogativas objetivas perseguidas pela ciência: “A ciência

parece exigir que rejeitemos esses caracteres como aparências sob as quais devemos descobrir uma realidade de outro gênero” (Ibidem).

Como não remeter essa intenção presente no comportamento a uma re-elaboração do tema da intencionalidade de Husserl a partir da compreensão do organismo como uma totalidade?

A re-elaboração da fenomenologia, em seu sentido husserliano, é um dos primeiros passos da obra *A Estrutura do Comportamento*. Merleau-Ponty deixa escapar que a opção pelo estudo do comportamento tem uma motivação fenomenológica.

Merleau-Ponty (2006, p. 3) precede sua análise do comportamento *partindo de baixo*. Desse modo, a perspectiva reivindicada pelo filósofo francês toma como metodologia primordial, no estudo do comportamento, uma nova aplicação da redução fenomenológica.

Notamos, evidentemente, uma apropriação do pressuposto básico da fenomenologia, que se constitui no horizonte de Husserl como a suspensão de juízo, propedêutica a toda redução fenomenológica.

A neutralidade da noção de comportamento, para Merleau-Ponty, remete a uma escolha fundamental que visa recuperar o estatuto filosófico da existência por meio do sentido ontológico do corpo próprio, perdido por uma filosofia indigente³⁴.

Esta, por sua vez, tomou o pensamento causal ou mecânico em detrimento do pensamento dialético, na formulação e retomado da clássica distinção entre o psíquico e o fisiológico, dado que a noção de comportamento “[...] nos parece importante, porque, tomada nela mesma, é neutra com relação às distinções clássicas do “psíquico” e do “fisiológico” e pode nos dar a ocasião de defini-los novamente” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3). Essa escolha inicial permite que outros conceitos centrais na obra de Merleau-Ponty, como o de estrutura, sejam tomados em toda sua potencialidade, proporcionando uma séria revisão das distinções clássicas tanto da filosofia, quanto da própria psicologia entre um mundo de aparências sensíveis e uma parte mental e inextensiva. Isso promove uma cisão irreparável quando tratamos do organismo propriamente humano.

O deslocamento operado pela noção de estrutura e de sua articulação com uma

³⁴ Em uma longa nota de rodapé que abre a obra *A Estrutura do Comportamento*, citada anteriormente por nós, Merleau-Ponty (2006, p. 4, nota 3) não se furta em afirmar que “[...] Em nossa opinião (que não é a mesma de Tilquin), Watson visava, quando falava de comportamento, ao que outros chamaram de existência, e a nova noção só poderia receber seu estatuto filosófico se o pensamento causal ou mecânico fosse abandonado em prol do pensamento dialético”. Veremos, mais à frente, como a noção de dialética é importante na elaboração da atitude categorial e no conceito de ordem no autor francês.

nova ideia de forma, que visa se contrapor a uma filosofia da substância, tem, por meio da emergência do comportamento no sistema filosófico merleau-pontiano, sérias consequências que tocam novamente no problema da consciência sobre um novo ponto de partida que não se delimita no da representação; pelo contrário, elas se referem à questão do organismo.

Ora, de uma maneira geral, o surgimento da razão, o surgimento do sistema nervoso superior, transforma as próprias partes do comportamento que dependem do cérebro médio e que parecem ser as mais instintivas. Um dualismo de simples subordinação é impossível (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 27).

As relações entre natureza e consciência não são pautadas por uma análise que toma a intimidade psicológica como definidora da instituição de significados. Elas são, porquanto, um retorno à experiência concreta em seu sentido mais radical, sustentado pela noção de forma e em sua articulação com o conceito de estrutura, que efetiva a intrínseca relação entre percepção e mundo.

O conceito de corpo próprio garante, de forma definitiva, toda a sua radicalidade por ser constituído nesse embate do estímulo e da resposta no nível orgânico. É importante ressaltar que a relação entre o corpo e o mundo não gera uma dificuldade no que tange à diferenciação entre o eu e o outrem, ou entre o eu e as coisas, dado que a própria noção de forma garante essa pregnância originária do corpo próprio em um mundo próprio, e se coloca no plano do que Giles (1979, p. 86) brilhantemente denominou de *dialética encarnada*:

Não se trata de construir uma metafísica da natureza e, sim, de mostrar como devem ser as relações do meio e do organismo, da percepção e do mundo. O comportamento é a dialética encarnada que exclui o materialismo, o naturalismo, o animismo e o angelismo.

A síntese é garantida por meio da *dialética encarnada* pelo que Merleau-Ponty denominara de *terceira dialética*. Esta não se mantém apenas no nível da percepção de objetos de uso ou, se preferirmos, objetos criados pelo homem, mas nos comportamentos significativos que podem ou não ser compartilhados.

Dito isso, a diferenciação é garantida não por uma operação de negação, de uma presença perturbadora do outro que não eu, pelo contrário: o sentido do termo existência em Merleau-Ponty não pode ser considerado sobre outro plano de explicação que não o da percepção.

Assim, o corpo próprio faz com que a exigência requerida pelo filósofo da percepção como experiência concreta e radical seja garantida pela própria resistência da percepção frente a determinadas situações vividas pelo organismo. Mais uma vez, a ambigüidade reaparece nesse percurso, determinando que toda relação no plano vivo do organismo é marcada pelos sentidos positivo do significado e negativo, dos limites de meu campo perceptivo.

A única certeza que o corpo próprio me garante nessa relação com outrem³⁵ é a de que o outro é um diferente; uma experiência motora de significação à qual não tenho acesso completamente. Ela não é uma pura negação, mas um campo de significados latentes em expressão pela linguagem própria do corpo próprio como motricidade presente em minha situação atual.

Merleau-Ponty (2006, p. 26) determina, de maneira muito precisa, a importância da biologia por ter, no organismo, o ponto fundamental de sua investigação: “[...] é pois um novo gênero de análise, fundado no sentido biológico dos comportamentos, que se impõe ao mesmo tempo à psicologia e à fisiologia”.

O corpo próprio se estrutura nessa correlação, que constitui um todo novo, um mundo próprio:

As propriedades do objeto e as intenções do sujeito não apenas se misturam, mas ainda constituem um todo novo. Quando o olho e a orelha acompanham um animal que foge, na troca dos estímulos e das respostas é impossível dizer quem começou (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 14).

Tal constituição de um todo novo não se confunde com uma essência, não se configura estritamente com a busca *eidética* da tradição fenomenológica.

Há, pois, a constatação de que uma explicação razoável do homem deve abandonar os pressupostos mecânicos e os princípios de uma causalidade no sentido físico, adentrando ao comportamento como expressão de processos vitais voltados para o sentido ontológico, e não ôntico³⁶, o qual é constituído no mundo pelo organismo humano.

Se há algo de valioso na fenomenologia com ciência rigorosa para Merleau-Ponty é a noção de mundo da vida (*Lebenswelt*). Fica evidente que a forma como o

³⁵ Aqui chegamos ao limite das possibilidades desta discussão em torno da intercorporeidade como da intersubjetividade, que definitivamente se tornam centrais a partir da obra *A Fenomenologia da Percepção*, com a qual optamos em não trabalhar no presente momento.

³⁶ A distinção entre o sentido ontológico como a busca por significados sempre novos, e o sentido ôntico como terreno sedimentado das significações já dadas, será efetivada por Merleau-Ponty na obra *Fenomenologia da Percepção*, na análise da linguagem. Aqui demarcamos a distinção para a instituição de sentido do corpo próprio.

filósofo francês toma o conceito em questão não parece ser a mesma aplicada por Husserl.

O *mundo da vida* se configura como uma necessidade de princípio, e não como fruto de uma redução. O mundo é condição para que o *eu posso* do organismo se realize de forma radical, e não há como tomar o mundo aberto pela percepção como fruto de uma consciência intencional, mas antes como expressão privilegiada de meu corpo próprio, como um todo, uma estrutura: “Unidade interior inscrita um segmento de espaço e resistente, por sua causalidade circular, à deformação das influências externas, a forma física é um indivíduo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 213).

Temos, nesse sentido, que a relação entre o indivíduo e o meio é decisiva para sua própria constituição. Não há um determinismo pelo fato de as condições materiais da produção de uma singularidade receberem, por parte da totalidade orgânica, um sentido positivo da ação que não pode ser reduzida à mera atividade mecânica de um reflexo pontualmente determinado pelo sistema nervoso.

O corpo próprio é uma totalidade; não há espaço para dualismos, ao mesmo tempo em que não é ao espírito que devemos nos remeter na busca de uma explicação da motivação do comportamento, mas antes à intenção, à sua intencionalidade corporal que se relaciona novamente com uma propriedade orgânica no nível molar, haja vista que [...] a forma é um indivíduo molar (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 214).

É nesse movimento que a radicalidade do sistema *corpo-próprio-mundo* exige que as teses em torno da percepção sejam efetivamente tomadas num deslocamento da consciência intencional para um corpo intencional. Isso nos aparece nas primeiras obras do filósofo francês numa estreita relação com o organismo.

Assim, a noção de forma nos leva aos pressupostos da estrutura descobertos pela *Gestalt*, os quais são aplicados de maneira original por Goldstein na compreensão da totalidade orgânica – ela demarca a articulação entre esses dois pressupostos fundamentais no percurso filosófico de Merleau-Ponty.

Com isso, o comportamento emerge dotado de uma significação, de uma totalidade própria, em cada situação vivenciada pelo organismo propriamente humano. Ele abre, nessa relação, um campo perspectivo que, ao mesmo tempo em que se distancia de uma análise meramente física, deixa transparecer a importância do sistema *mundo-próprio-corpo-próprio* para o filósofo francês.

É a partir dessa relação entre estímulo e resposta que Merleau-Ponty (2006, p.162) retira uma conclusão central de seu sistema, referindo-se a uma *emersão*. Ele

coloca a atividade própria do organismo como um comportamento, uma expressão motora.

O filósofo francês se utiliza diretamente dos resultados das pesquisas de Goldstein, para demarcar que não há espaço para uma interpretação vitalista de sua noção de organismo em virtude da pressuposição do conceito de estrutura e de sua articulação com a noção de forma, as quais sustentam a diferença entre as referidas formas.

Se quisermos dar às palavras um sentido preciso, devemos chamar de instintivo um comportamento que responde literalmente a um complexo de estímulos mais que a certos traços essenciais da situação. Os comportamentos que chamamos normalmente instintivos implicam estruturas muito menos “aderentes” que as descritas anteriormente. Assim, é muitas vezes difícil distingui-los dos comportamentos “inteligentes” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 164-165).

As formas sincréticas do comportamento orgânico são colocadas por Merleau-Ponty numa ligação direta com os aspectos “abstratos” da situação, como se essa camada do comportamento estivesse estreitamente relacionada com o quadro das condições “naturais” dos estímulos.

Em outros termos, não podemos descrever que as formas sincréticas do comportamento possam ser relacionadas com qualquer possibilidade de tomar as situações dadas como inéditas, mas sim como propriedades vitais para o organismo.

Ao utilizar uma passagem de Buytendijk³⁷, Merleau-Ponty (2006, p. 164) não se furta em definir a forma sincrética, tendo em vista o seguinte pressuposto: “[...] as reações que provoca são determinadas não pelas particularidades físicas da situação presente, mas pelas leis biológicas do comportamento”.

A referência às relações, no plano das formas sincréticas, do comportamento orgânico diz respeito à limitação das relações possíveis. Nesse ponto, ela toma o estímulo como um sinal que se delimita pelos esquemas instintivos da espécie, o que não ocorre nas formas amovíveis do comportamento.

Nesse entremeio, Merleau-Ponty (2006, p. 165) ressalta as formas amovíveis numa nova forma de relação com o meio:

³⁷ Frederik Jacobus Johannes Buytendijk (1887 - 1974) foi um notável pesquisador que transitou pelas áreas da psicologia, da biologia e da fisiologia. Durante sua carreira, teve contato com pensadores como Hans Driesch, Max Scheler e Viktor von Weizsäcker, trabalhando com temas da fenomenologia, da própria *Gestalt* e das ciências do comportamento. Buytendijk é uma referência comum tanto nos trabalhos de Goldstein, quanto nas investigações de Jacob Von Uexküll.

Logo que vemos aparecer na história do comportamento sinais que não são determinados pelos esquemas instintivos da espécie, podemos presumir que são fundados em estruturas relativamente independentes dos materiais nos quais se realizam.

A forma de relação entre o estímulo e a resposta se desloca, do mero condicionamento das formas sincréticas para um novo sentido do próprio comportamento.

É no plano das formas amovíveis que a significação começa a ganhar um melhor contorno para o organismo, sendo que Merleau-Ponty (2006, p.172) afirma: “O estímulo condicionado dá lugar, desde então, a reações especiais, que se distinguem cada vez mais das reações visando ao objeto. Podemos dizer, em linguagem humana, que se torna o meio de certo fim”.

Podemos determinar a importância dessa forma de ver o objeto no plano das formas amovíveis como um esboço de intenção, de busca que ultrapassa o mero sentido vital da espécie, em prol de um tipo de adequação específica do organismo à situação dada. A referência aos experimentos de Köhler³⁸ se mostra, nesse percurso, crucial para a sustentação das teses de Merleau-Ponty, como é expresso no trecho retirado da obra do autor em questão (s/d apud MERLEAU-PONTY, 2006, p. 185):

O que falta ao animal é exatamente o comportamento simbólico que lhe seria necessário para encontrar no objeto exterior, sob a diversidade de seus aspectos, uma invariante comparável à invariante imediatamente dada do corpo, e para tratar reciprocamente seu próprio corpo como um objeto entre os objetos.

As formas simbólicas do comportamento são demarcadas por Merleau-Ponty, no que tange ao ultrapassamento do signo, como mero sinal para um símbolo propriamente dito.

A maneira como o signo é incorporado na relação entre o estímulo e a resposta se configura, no horizonte das formas simbólicas do comportamento, como um tipo de

³⁸ Wolfgang Köhler (1887 - 1967) é um dos mais notáveis nomes da psicologia da *Gestalt*, sendo que seu trabalho junto a Max Wertheimer e Koffka contribuiu para a criação e a continuidade da escola alemã. Em 1913, Köhler deixou Frankfurt e partiu para as Ilhas Canárias, onde tinha sido nomeado diretor da Academia Prussiana de Ciências. Durante a estadia, sua pesquisa em torno da forma como os chimpanzés resolviam determinados problemas elaborados por ele o levou a concluir que os chimpanzés não tinham chegado a tais métodos por meio de tentativas e erros, mas sim com a hesitação proposital, expressão determinada pelo autor.

adaptação que possibilita ao organismo se orientar com relação ao possível e de uma maneira totalmente imprevisível, conforme o sentido atribuído pelo próprio organismo.

O comportamento simbólico tem seu meio privilegiado de expressão na ação do homem. Nota-se que o paradigma aberto no plano das formas simbólicas do comportamento não é fundado no critério da consciência, mas antes da intencionalidade que, nesse sentido, se relaciona diretamente à intenção do organismo.

Para Merleau-Ponty (2006, p. 189), “[...] esse uso do signo exige que ele deixe de ser um acontecimento ou um presságio (e menos ainda um ‘excitante condicionado’) para se tornar o tema próprio de uma atividade que tende a exprimi-lo”.

A forma como o signo se faz presente para o organismo humano atrela diretamente a percepção e o mundo num sistema único, abrindo um tipo de relação muito específica que nos remete à questão da motricidade: “Uma atividade desse gênero já se encontra na aquisição de certos hábitos motores, como a aptidão de tocar um instrumento ou de datilografar” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 189).

Percebe-se que o conceito de corpo próprio é essencial para esse percurso, dado que a remissão à estrutura do comportamento simbólico se ancora numa intencionalidade que só pode ser garantida pela radicalização da experiência perceptiva.

Sendo assim, o nível superior do comportamento simbólico exige que os sinais expressem o estímulo por si mesmo por meio de uma aptidão específica que se coloca no plano da instituição de sentido, como nos termos usados por Giles (1979, p. 85): “[...] o comportamento já não é dotado de uma simples significação, ele mesmo é significação”.

Merleau-Ponty (2006, p. 189, nota 189) não se furta em assumir que toda “[...] aptidão adquirida com relação a um objeto de uso é uma adaptação à estrutura humana desse objeto e consiste em tomar posse, com nosso corpo, de um tipo de comportamento artificial”.

Nesse entremeio, a forma de relação entre o estímulo e a resposta, a ação e a intenção em um mundo próprio ao organismo humano, exigem que a própria noção de real seja tomada por um novo sentido do fenômeno fundado na correlação dos coexistentes.

A própria forma, a unidade dinâmica e interior que dá ao conjunto o caráter de um indivíduo indecomponível, é apenas suposta pela lei como condição de existência. [...] a existência dessa estrutura no mundo é apenas a interseção de uma multiplicidade de relações que remetem a outras condições estruturais. Estrutura e lei são dois movimentos dialéticos e não duas potências do ser (MERLEAU-PONTY, 2006, pp.220-221).

A emergência do comportamento simbólico requer um novo sentido para a própria corporeidade, a qual só pode ser sustentada a partir das relações abertas pelo conceito de corpo próprio. Assim sendo, o conceito de ordem, bem como o de forma, serão decisivos para que as teses em torno do comportamento desenvolvidas até aqui possam efetivamente ser aplicadas como um retorno ao sentido mais ontológico do organismo.

3.2 O “mundo próprio” da estrutura perceptiva: a *hecceidade* e a emergência do conceito de corpo próprio

Não há percepção sem significado; não há significado que não tenha sua expressão num comportamento; e não há comportamento que não se relacione com o corpo próprio. Tais proposições nos parecem centrais para pensarmos a consolidação não apenas do conceito de corpo próprio, mas da articulação de outros dois conceitos fundamentais implicados nesta discussão: comportamento simbólico e intencionalidade.

A articulação desses três conceitos parece evidenciar um tema essencialmente complexo e controverso no pensamento de Merleau-Ponty: a encarnação. É interessante notar como nossa arqueologia do conceito de corpo próprio remete a uma questão usualmente relacionada com um “segundo” Merleau-Ponty, que insurge a partir da obra *A Fenomenologia da Percepção*.

Isso leva a crer que tal distinção só teria sua validade quando pensada em seu sentido didático. Todavia, como partimos de uma pressuposição de que a própria atividade do filosofar não pode ser concebida isoladamente de seu anseio de comunicação, a distinção entre um primeiro e um segundo Merleau-Ponty, fundamentada nas limitações de algumas teses de suas primeiras obras, torna-se incompreensível para nós.

Alguns comentadores tomam o tema da encarnação da consciência no corpo como um ponto essencialmente embaraçoso da filosofia de Merleau-Ponty. Renaud Barbaras (2000), por exemplo, se apresenta como um pioneiro dessa constatação.

Por parte de Barbaras, essa evidência se apresenta por meio de dois pontos fundamentais: o primeiro se relacionaria com a falta de explicação razoável da forma de encarnação da consciência no corpo próprio, conotando uma espécie de idealismo, ou mesmo de dualismo que ainda se manteria no pensamento merleau-pontiano.

Apenas tardiamente que o conceito de natureza de Merleau-Ponty se torna o objeto de uma reflexão autônoma. Até os anos de 1956 e 1957, Merleau-Ponty utiliza esta noção de maneira pouco crítica e confere a ela o sentido filosófico corrente. [...] Esta é a concepção clássica da natureza, comum a Descartes e a Kant, que Merleau-Ponty conserva (retem) aqui se, uma vez bem entendido, ao interrogar a possibilidade do aparecimento, no cerne desta natureza, de uma consciência a a qual ela surgiria. (BARBARAS, 2000, p. 1)³⁹

Barbaras fundamenta sua interpretação principalmente em torno da noção de natureza tomada no horizonte da obra *A Estrutura do Comportamento*. De acordo com o comentador em questão, esse conceito ainda é mantido, por Merleau-Ponty, próximo ao horizonte de Kant e Descartes.

Esse autor apresenta, porquanto, a limitação no que concerne à compreensão do conceito de natureza sem, contudo, perceber a radicalidade do projeto merleau-pontiano nos termos exigidos pelo ponto de partida do filósofo: a compreensão biológica do organismo vivo como uma propriedade fundamental.

As teses apresentadas nos textos anteriores à obra *A Estrutura do Comportamento* não recairiam na limitação apontada por Barbaras. Isso se deve ao fato de o problema da consciência, nas obras *pré-estrutura*, se manter no campo da motricidade, fazendo com que Merleau-Ponty não tenha a necessidade de definir precisamente o conceito de natureza.

Os escritos anteriores à obra *A Estrutura do Comportamento* tomam a natureza da percepção apenas no nível da constituição um organismo total. O comportamento e a instituição de sentido aparecem apenas como consequências da argumentação – vale salientar que essas teses ainda não são explicitamente apresentadas pelo filósofo francês.

Entretanto, se o sentido de totalidade repousa harmonicamente no corpo próprio, já podemos notar que a totalidade orgânica implica que o natural no homem deve ser interpretado como uma instituição de sentido. Esta, por sua vez, integra-o a um plano de objetos culturais, sendo que não há natural no homem que não se relacione com o cultural.

³⁹ Ce n'est que très tardivement que, chez Merleau-Ponty, le concept de nature en vient à faire l'objet d'une réflexion autonome. Jusqu'aux années 1956-57, Merleau-Ponty utilise cette notion de manière non critique et lui confère le sens philosophique courant. [...] C'est bien la conception classique de la nature, commune à Descartes et à Kant, que Merleau-Ponty retient ici même si, bien entendu, en interrogeant la possibilité du surgissement, au sein de cette nature, d'une conscience à qui elle apparaît [...] (BARBARAS, 2000, p. 1)

Mas quando adentramos na obra de 1942, algumas pistas com relação à forma como Merleau-Ponty (2006, p. 217) compreende o conceito de natureza nos são apresentadas. Ela tem, como ponto fundamental de discussão, a compreensão inovadora da própria noção de lei quando tratamos do mundo concreto de nossa experiência: “A lei não podendo ser separada dos acontecimentos concretos no quais se entrecruza com outras leis para com estas receber valor de verdade”.

O *entrecruzamento concreto das leis* conota, no mínimo, uma compreensão da natureza não mais como representação da consciência, mas como propriedade fundamental do fenômeno mundo. Não nos parece, por acaso, que Merleau-Ponty (2006, p.1) em *A Estrutura do Comportamento* apresente uma análise do problema da natureza em momentos muito específicos da discussão: “O mundo é o conjunto das relações objetivas sustentadas pela consciência”.

Logo de saída, a relação entre natureza e consciência faz com que o autor retome muitos apontamentos das obras de 1933 e 1934. É perceptível que, ao invés de utilizar, como fizera nos textos “pré-estrutura”, de uma filosofia de inspiração criticista, ele ressalte o pensamento criticista em si, promovendo um deslocamento direto para os pressupostos propriamente kantianos.

Essa descrição explicita algumas noções centrais da filosofia kantiana, como fenômeno, coisa em si e transcendental. Elas parecem ser colocadas propositalmente pelo filósofo francês, a fim de estabelecer uma compreensão fundamental da percepção que esteja estruturada em um ponto totalmente divergente do filósofo alemão – ele segue, passo a passo, o percurso apresentado na conclusão de *A Natureza da Percepção*.

Em nossa interpretação, a coragem de se contrapor diretamente ao sistema kantiano, principalmente em torno do aparelho representacional e da compreensão da natureza como ponto de acesso concreto a coisa em si, dá-se pelo aprofundamento dos estudos conforme as relações entre *Gestalt* e fenomenologia, propiciado principalmente pelo contato com Aron Gruwstich.

Relativamente à natureza física, o pensamento criticista dá a esse problema uma solução bem conhecida: a reflexão descobre que a análise física não é uma decomposição em elementos reais, que a causalidade no seu sentido efetivo não é uma operação produtora. [...] Não existe, pois, natureza física no sentido que acabamos de dar a essa palavra, nada existe no mundo que seja estranho ao espírito. Podemos dizer que, em seu desenvolvimento, a física justifica efetivamente essa filosofia. Vemo-la repregar indiferentemente modelos mecânicos, dinâmicos ou mesmo psicológicos, como se libertada de pretensões ontológicas, ela se tornasse indiferente às antinomias clássicas do mecanicismo e do dinamismo que supõem uma natureza em si (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 1).

Mas o que nos interessa aqui, além da remissão às obras *pré-estrutura*, é como esse complexo plano de contraposição conceitual, tomado com extrema naturalidade por parte do filósofo francês, já passa às análises do arco reflexo de Pavlov.

Como não considerar esse trecho como uma formulação fundamental do próprio conceito de natureza, de maneira autônoma, por parte de Merleau-Ponty? Por mais que o contexto seja pontual e vise compreender as relações entre natureza e consciência, a atitude imprescindível de tomar uma natureza em si a partir das antinomias clássicas do mecanicismo e do dinamismo ainda se mantém no plano do atomismo, de uma filosofia da substância que não consegue ultrapassar a noção de fenômeno para além de uma representação interna da consciência.

Essa forma de dualismo mais refinado é combatida a partir do pressuposto ontológico, visto não como propriedade do ser enquanto ser, mas como um significado da própria natureza instituída pela intrínseca relação com a percepção do mundo.

O sentido de uma operação produtora não pode ser mantido com a explicação causal que fundamenta essa filosofia. A expressão “operação produtora”, aplicada às relações presentes na natureza, é central para o desenvolvimento das teses de Merleau-Ponty, o atomismo e a filosofia da substância, bem como à própria redução fenomenológica em termos husserlianos, à filosofia criticista e à experiência significativa do *cogito* cartesiano. Portanto, não podemos conceber as relações do mundo natural como produtoras.

É importante ressaltar como o pensamento de Merleau-Ponty mantém uma unidade. Nos textos *pré-estrutura*, vimos que, quando o autor se propõe a discutir as filosofias de inspiração criticista, a noção de “movimentos nascentes” é utilizada para um novo tipo de compreensão do papel do sistema nervoso na ação humana. A radicalização da percepção o leva a enunciar uma seqüência de teses negativas que desestruturam o dualismo por meio da análise crítica do arco reflexo, sendo que não há qualquer possibilidade idealista (ou dualista) no percurso filosófico de Merleau-Ponty.

A percepção e a motricidade conotam um direcionamento ao mundo não como uma consequência de relações físicas, mas como a abertura ao campo de significados. Sendo assim, a intencionalidade nos aparece como uma propriedade dessa operação produtora no nível do organismo humano.

É óbvio que Merleau-Ponty não postula que a propriedade de instituição de sentido poderia ser presente num elétron, numa nuvem ou num cascalho, como já vimos pelo sentido metafórico de seus comportamentos. Entretanto, o vivo em todos os níveis

resiste à mera interpretação mecânica, fundada na causalidade, tendo em vista a peculiaridade de cada organismo e as suas estruturações.

Nesses termos, a ruptura com a filosofia das substâncias na elaboração do conceito de corpo próprio requer um afastamento do atomismo, ao mesmo tempo em que implica na revisão da própria noção de natureza.

A remissão a Wertheimer esclarece ainda mais como Merleau-Ponty (2006, p. 211) concebe a totalidade de maneira radical, inclusive no plano do conceito de natureza: “Pouco importa de que material as partículas do universo são feitas, o que conta é o tipo de totalidade, o significado da totalidade”.

Apreende-se que tal propriedade dos organismos vivos se mostra como presenças formais da própria natureza orgânica dos seres. Assim, Merleau-Ponty (2006, p. 208) pressupõe que a própria natureza não pode ser descrita como refém da ideia de uma causalidade física: “[...] não se poderia nem sequer supor uma relação de derivação ou causalidade, nem conseqüentemente, exigir modelos físicos que sirvam para sustentar no ser as formas fisiológicas ou psíquicas”.

A relação entre o estímulo e a resposta tem, nesse ponto, sua gênese no plano da própria relação presente na natureza. Os fenômenos naturais implicam numa nova possibilidade de compreensão das causas e dos efeitos no mundo; o fenômeno é, por si, uma coisa em si à qual tenho acesso, e a consciência não é o paradigma da constituição de um mundo objetivo das representações que me colocaria a questão fundamental sobre o que é permitido conhecer. Por conseguinte, não há regras determinadas apenas pelo domínio da razão, para o mundo da vida.

Merleau-Ponty (2006, p. 291) afirma uma metáfora esclarecedora que nos servirá para contrapor a importância dessa concepção inicial da natureza para a noção de corpo: “O corpo está presente para a alma como as coisas exteriores; em ambos os casos não se trata, entre os dois termos, de uma relação causal”. Diante disso, a causa e o efeito parecem não satisfazer a concepção de natureza em Merleau-Ponty.

Do mesmo modo, a lei da queda dos corpos somente é e continuará verdadeira se a velocidade de rotação da terra não for aumentada gradativamente com o tempo; [...] a lei não poderia exprimir uma propriedade absoluta do mundo, ela representa certo estado de equilíbrio das forças que determinam a história do sistema solar (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 215).

Não aprendemos um mundo como uma natureza anônima e passiva. Mas a partir do pressuposto da estrutura, a própria definição do homem sofre um deslocamento que

ressoa nas formas de relação com um “mundo natural” incubado de significados disponíveis.

O sistema *corpo próprio – mundo*, em sua originalidade de ser bruto ou selvagem, desloca-se de uma apreensão da consciência, constituindo um fenômeno em terceira pessoa, para atestar uma “lei de imanência”, um campo, um espetáculo garantido pela abertura que é a assegurada pela percepção do corpo próprio, conforme Merleau-Ponty (2006, p. 214): “Expressões diferentes implicam diferentes possibilidades, o que resulta que a lei é imanente. As propriedades são deste ponto. Não há propriedades absolutas”.

O corpo próprio, como lugar privilegiado em que se entrecruzam sentido e consciência, inaugura uma via de explicação do organismo humano que não recai nos termos da encarnação de uma consciência *auto-suficiente*, a qual “desceria” a um corpo e exigiria que a própria noção de natureza sofresse um deslocamento.

A tomada de consciência nada acrescenta às estruturas físicas, é somente o índice de estruturas físicas particularmente complexas. Essas estruturas, e não a consciência, devemos dizer, é que são indispensáveis para a definição do homem. Enquanto virmos no mundo físico um ser que abarca todas as coisas e quisermos aí inserir o comportamento, seremos, remetidos a um espiritualismo que somente mantém a originalidade das estruturas biológicas e psíquicas opondo substância a substância [...] (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 212-213).

O problema é deslocado: não mais estamos tratando de duas entidades distintas, mas de um sistema único que mantém seus pressupostos de diferenciação. Todavia, estes fazem “[...] explodir no campo fenomênico uma intenção num ciclo de gestos significativos, ou soldar nas coisas em que vive as ações que estas solicitam” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 292).

É esse o tema fundamental, o qual faz com que a consolidação do conceito de corpo próprio exija uma ampliação, a partir da perspectiva motora do comportamento e de sua intencionalidade latente, para um novo sentido do transcendental. A relação entre corpo próprio e mundo se faz por meio de um transbordamento de significados, o que implica numa nova maneira de se compreender o “mundo próprio” da estrutura perceptiva.

O problema da encarnação se liga à falta de uma concepção de natureza que acompanhe a radicalidade requerida pela noção de corpo próprio. Barbaras (2000) aponta, com razão, que a compreensão da natureza necessita acompanhar a percepção como experiência concreta e radical, mas há um ponto que escapa ao grande

comentador de Merleau-Ponty. A influência das teses de Goldstein na elaboração do conceito de corpo próprio é reconhecida por Barbaras (2000) que, no entanto, não atenta a outra questão oriunda da obra do neuropatologista, ressoando diretamente em *A Estrutura do Comportamento*: o mundo próprio, conforme Jacob Von Uexküll, o *Umwelt*.

O meio (*Umwelt*) se recorta no mundo segundo o ser do organismo – dado que um organismo pode ser apenas se encontra no mundo um meio adequado. Seria um teclado que se moveria por si mesmo, de modo que oferecesse – e segundo ritmos variados – algumas de suas notas à ação na mesma monótona de um martelo exterior (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 15).

Diante disso, o paradigma da adaptação é aceito por Merleau-Ponty sob o ponto de vista fundamental do *Umwelt*, haja vista que o filósofo francês busca tanto a recusa da substancialização do organismo no molde mecanicista, quanto o distanciamento de uma visão estritamente relacionada à interioridade do vivente.

Com isso, a totalidade orgânica requer necessariamente que o organismo possua suas formas próprias de adaptação, reagindo de maneira peculiar na conservação e na instituição de novos sentidos e significados para seu meio próprio.

Essa “estruturação” do estímulo e da resposta nos delimita que, para Merleau-Ponty (2006, p. 232),

[...] cada organismo tem, pois, na presença de um meio dado, suas condições ótimas de atividade, sua própria maneira de realizar o equilíbrio [...], e as determinações [...] desse equilíbrio não são dadas por uma pluralidade de vetores, mas por uma atitude geral com relação ao mundo.

As formas peculiares de elaboração da resposta do organismo abrem um mundo próprio, uma forma particular que constitui o comportamento simbólico no caso específico do homem. O ambiente integra o comportamento do organismo e o organismo individual integra sua existência normal no ambiente, por mais que possamos apontar variações possíveis.

Essa mesma tese é acompanhada por Kurt Goldstein, o que mais uma vez nos apresenta a influência do neuropatologista para a filosofia de Merleau-Ponty.

Os trabalhos fundamentais de Uexküll, aos quais nos remetermos, são fundamentados a tal ponto nos fatos, e possuem uma aplicação de princípio tão geral, que não seria difícil que encontrassem objeções. Quanto (para) aquele acometido por lesões cerebrais, nossas próprias pesquisas chegaram, em todo o caso, aos mesmo resultados (GOLDSTEIN, 1983, p. 75).⁴⁰

⁴⁰ “Les travaux fondamentaux d'Uexkull, qui s'y rapportent, sont à tel point fondés sur les faits et d'une application de principe si général qu'ils ne sauraient guère rencontrer d'opposition. o o Pour ce qui est des

A própria questão da motricidade nos é demonstrada diretamente nessa estreita relação entre Merleau-Ponty e Goldstein, tendo agora, em von Uexküll, mais um ponto comum que apresenta valor intrínseco na instituição de significado como expressão de um comportamento particular do organismo que não pode ser reduzido a leis.

A força das relações de conjunto *dos músculos* e *dos nervos* com o meio evidencia a ruptura com as concepções que concebem o organismo como resultado de processos ocasionais. Estes resultariam, em última instância, na manutenção dos mais preparados numa seleção natural das formas vivas – esse não é definitivamente o percurso elaborado pelo *Umwelt*.

O foco de Uexküll, desde seus primeiros trabalhos em torno da fisiologia do ser vivo, é a demarcação das propriedades do vivo numa estreita relação com o meio. Ele pretende destacar a organização própria dos seres vivos na constituição de um mundo próprio (*Umwelt*).

As realizações de Uexküll no campo da fisiologia muscular, dos estudos do sistema nervoso dos animais e, de forma geral, das propriedades de integração do organismo vivo com seu meio são extremamente consistentes e ressoam em diversas áreas do conhecimento.

As concepções de Uexküll correspondem exatamente às nossas próprias concepções básicas, no sentido de se afastarem da interpretação tradicional de excitação no sistema nervoso como um fenômeno oscilatório [...] (GOLSTEIN, 1983, p. 80).⁴¹

Um dos principais pontos defendidos por Uexküll na investigação sobre vivo e seu meio próprio é o abandono da perspectiva antropocêntrica. Com isso, há uma proposta de *desumanização* da natureza.

Tal procedimento conota a coerência do trabalho do biólogo alemão por buscar um mergulho na percepção própria de cada animal na construção de um “mundo próprio”. Este amplia as relações entre o estímulo e a resposta, marcando a importância dos processos de equilíbrio dinâmico com o mundo.

O projeto de Uexküll se coloca no campo de descrição das condições de relação entre um organismo vivo e um mundo próprio a partir da percepção sensorial como

malades atteints de lésions cérébrales, nos propres recherches ont abouti dans tous les cas aux mêmes résultats.” (GOLDSTEIN, 1983, p. 75).

⁴¹ “ Les vues d'Uexkull correspondent assez exactement à nos propres conceptions fondamentales, en tant qu'elles s'écartent de l'interprétation traditionnelle de l'excitation dans le système nerveux comme d'une phénomène oscillatoire [...]” (GOLDSTEIN, 1983, p. 80).

característica própria dos animais

Esse autor remete ao papel decisivo do sujeito para a sua biologia por meio de uma espécie de apelo ontológico implícito em suas considerações sobre a percepção animal.

No caso do mundo próprio do organismo propriamente humano, dotado de um plano de função específico que lida com determinados significados próprios, a relação entre o corpo e o mundo atinge o terreno das significações; a noção de *Umwelt* encontra, então, uma realidade estrutural divergente da operação causal em seu sentido físico.

O termo *Umwelt* abre um campo de investigação muito peculiar em biologia e em zoologia (*Umweltforschung – pesquisa ambiental*), tomando as propriedades orgânicas como dinâmica própria que potencializa o equilíbrio do organismo com seu meio próprio, na constituição de um todo novo.

Para o fisiólogo cada ser vivo é um objeto que se situa no seu mundo próprio do homem. Examina-lhe os órgãos e o seu funcionamento total, como um técnico examinaria uma máquina que seja nova para ele. O biólogo, ao contrário, toma em conta que cada ser vivo é um sujeito, que vive num mundo que lhe é particular, de que ele constitui o centro e por isso, pode comparar-se não a uma máquina, mas apenas ao maquinista que maneja a máquina (UEXKÜLL, p. 24).

Uexküll (s/d, p. 29) inaugura, pela noção de *Umwelt*, um novo viés de compreensão do vivo, que parte da ideia de mundo de percepção, fundada na estreita relação entre a ação e a percepção de cada ser vivo:

Não se trata de qualquer reciprocidade de forças entre dois objetos, mas sim das correlações entre um sujeito vivo e seu objeto, e estas se manifestam num plano inteiramente diferente, a saber, entre as percepções do sujeito e o estímulo do objeto.

A compreensão do biólogo alemão nos abre uma estreita correlação entre o “sujeito” perceptivo e o horizonte aberto pela situação vivida por esse organismo particular.

O mundo próprio é uma determinação relativa a cada organismo peculiar, sendo que existem determinações estruturais de cada organismo, mas não há como elaborar, definitivamente, leis que regeriam essa perfeita adaptação: “Cada sujeito fia as suas correlações como só fios de uma aranha relativamente a determinadas propriedades das coisas, e tece-as numa sólida teia que suporta a sua existência” (UEXKÜLL, s/d, p.29).

De certa maneira, há uma recondução do próprio campo de investigação da

biologia para a filosofia no aspecto da compreensão da natureza. Amparado pela noção de *Umwelt*, o autor pode sustentar uma quebra com a lógica científica do realismo de um mundo único onde estejam hierarquicamente ordenadas todas as espécies animais, as quais são regidas por leis físicas universais.

Uexküll lança mão de uma constituição de variáveis mundos perceptivos familiares a cada organismo, conectados por relações próprias da estrutura de cada espécie, sem recorrer a uma hierarquia qualitativa quando tratamos das propriedades do vivo.

Ao que nos parece, ele não se coloca em oposição a muitos dos apontamentos de Merleau-Ponty em torno da necessidade de se reconhecer a unidade estrutural com um *Welt* único, próprio a cada organismo.

As relações eficazes em cada nível, na hierarquia das espécies, definem um *a priori* dessa espécie, uma maneira que lhe é própria de elaborar os estímulos, e assim o organismo tem uma realidade distinta, não substancial, mas estrutural. A ciência não trata, pois, os organismos como os modos acabados de um mundo (*Welt*) único, como as partes abstratas de um todo que evidentemente os conteria. Lida com uma série de ambientes e de meios (*Umwelt, Merkwelt, Gegenwelt*), em que os estímulos intervêm segundo o que significam e valem para a atividade da espécie considerada. Da mesma maneira, as reações de um organismo não são edifícios de movimentos elementares, mas gestos dotados de uma unidade interior (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 202).

A significação como instituição própria da estrutura do organismo humano, relacionada o esquema fundado em sinais de direção – o qual poderia ser relacionado à particularidade do corpo próprio e à sua estrutura formal do comportamento simbólico – mostra um ponto muito específico de confluência entre Merleau-Ponty e Uexküll.

Tal aspecto diz respeito à compreensão da inutilidade na noção de mediação, dado que, para Uexküll (s/d), a percepção de um mundo próprio se dá no plano do organismo sem recair em qualquer espécie de dualismo.

Nesse entremeio, a promiscuidade entre o corpo próprio e o mundo é garantida pela própria estrutura orgânica do sujeito, numa explicação que ultrapassa a mera questão da consciência, da razão ou de uma subjetividade, fazendo do orgânico uma totalidade. O homem não é uma união, mas uma unidade, expressa pela noção de corpo próprio.

Assim, a mediação se torna um problema de entrecruzamento, e não da mera soma de processos isolados; e a clivagem da consciência demonstra que a vida no corpo é uma propriedade do plano orgânico, e não um pressuposto da consciência, o que torna

qualquer tentativa de manter os dualismos, quando tratamos do corpo próprio, um falso problema.

Assim que a presença ou a apresentação de uma coisa para a consciência, em vez de permanecer, como na experiência ingênua, uma relação ideal, é interpretada como uma operação real da coisa sobre o corpo e sobre o sujeito perceptivo torna-se impossível reconstituir como efeito, o conteúdo descritivo da percepção, o espetáculo efetivo do mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 299).

Faz-se necessário lançar mão da importância da noção de presença, uma vez que a promiscuidade aberta pela percepção em toda a sua *radicalidade* exige, das relações do corpo próprio com um mundo próprio, um sistema em que o comportamento ganha dimensão simbólica.

A expressão de um sentido dado pelo movimento, pela motricidade de um corpo sujeito, nos devolve o espetáculo efetivo do mundo. Este tem seus contornos mais próximos na experiência concreta do corpo próprio, e não apenas numa consciência intencional.

O espetáculo efetivo do mundo é definitivamente um novo sentido para o fenômeno. O acesso que o corpo próprio institui, pela radicalidade da experiência perceptiva, exige de Merleau-Ponty (2006, p. 345) um interessante apontamento apresentado no fim da obra de 1942: “[...] seria necessário definir de novo a filosofia transcendental a fim de nela integrar até o fenômeno do real”.

Nota-se que o sentido do transcendental em Merleau-Ponty se relaciona diretamente à integração do fenômeno do real, que tem como núcleo a questão do conhecimento por perfis ou, de acordo com o filósofo, com uma hecceidade do conhecimento por perfis. Antes de se configurar como limitação da percepção e consequentemente da própria sensibilidade, ela demonstra a radicalidade do projeto merleau-pontiano.

De fato, a redução (ou o acesso ao transcendental) se coloca no terreno concreto da experiência perceptiva, conforme nos atesta o próprio Merleau-Ponty (2006, p. 332): “Assim, a obscura casualidade do corpo se reduz à estrutura original de um fenômeno, e não cogitamos em explicar ‘pelo corpo’ e em termos de pensamento causal a percepção como evento de uma consciência individual”.

O conceito de ação é, na interpretação Merleau-Ponty (2006, p. 292), uma forma de “[...] fazer explodir no campo fenomênico uma intenção num ciclo de gestos significativos”. Temos que a relação aberta pelo corpo próprio com o mundo vivo cria

uma peculiaridade na adaptação do organismo propriamente humano num mundo: a radicalidade da experiência perceptiva que, recolocada em um quadro motor, leva Merleau-Ponty (2006, p. 292) a afirmar que o corpo sujeito é uma atribuição de sentido que intenciona “[...] soldar nas coisas em que vive as ações que estas solicitam por uma atração comparável à do primeiro motor imóvel”.

Dito isso, a definição do conceito de forma em Merleau-Ponty (2006, p. 218) se coloca de maneira contrária à definição dada ao conceito pelos pressupostos atomistas da filosofia da substância inspirada pela física: “Quando dizemos que existem formas físicas, a proposição é equívoca”.

É esse o ponto central da crítica do filósofo francês à *Gestalt* que ainda visa, como a ciência, definir o universo físico como um campo homogêneo, recaindo no erro da possibilidade de encontrar estruturas no seio da natureza. Isso se configura como uma ideia oriunda da ciência positivista, que não toma a noção de forma em si, mas as elaborações da representação e das leis da natureza por parte de uma consciência constituinte.

O conceito de forma é tomado em seu aspecto fenomênico, o que o coloca no plano do concreto. Para Merleau-Ponty (2006, p. 220), a “[...] própria forma, a unidade dinâmica e interior que dá ao conjunto o caráter de um indivíduo indecomponível, é apenas suposta pela lei como condição de existência”.

Diante disso, a lei implicada no conceito de forma não se torna devedora dos aspectos causais pressupostos numa filosofia da substância fundada no atomismo; antes, configura um novo sentido existencial do próprio organismo e de sua estrutura peculiar. Nas palavras de Merleau-Ponty (2006, p. 220), o *feixe de relações* aberto pelo conhecimento físico não pode ser considerado apenas em seu sentido físico, mas sim em seu significado fenomênico.

A existência dessas estruturas no mundo se configura como a intersecção de uma multiplicidade de relações que só podem ser evidenciadas a partir do conceito, como o concebe o filósofo francês. Merleau-Ponty (2006, p. 221) não se furta em asseverar que a “[...] forma não é um elemento do mundo, mas um limite para que tende o conhecimento físico e que ele próprio define”.

Tomado como um limite, o conceito de forma, tal como o concebe o filósofo francês (ibidem), transfigura a própria noção de natureza, e isso é compreensível a partir do corpo próprio, pois o que é exigido “[...] pela física não é, de modo algum a afirmação de um *physis*, nem como reunião de ações causais isoláveis, nem como o

lugar das estruturas, ou a potência de criar indivíduos em si”.

A constituição do conceito de forma aponta para o “[...] fundo não-relacional sobre os quais se fundam as relações estabelecidas pela física” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 223), o que definitivamente assegura a importância do corpo próprio e da percepção. A partir da descrição do comportamento que parte das formas sincréticas até as formas simbólicas, o filósofo francês pode afirmar que “[...] Estrutura e lei são dois momentos dialéticos e não duas potências do ser” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 221). O alvo de Merleau-Ponty é a rejeição do dogmatismo das leis, em seu sentido causal ou mesmo apriorístico, que explicaria os campos temporal e espacial como as únicas condições necessárias implicadas no conhecimento.

Nesse entremeio, a definição do conceito de forma é constituída em articulação com o conceito de natureza e, consequentemente, pela promiscuidade entre mundo e corpo assegurados pela percepção como atividade concreta e radical no plano do organismo vivo.

Isso nos induz à sua importância para com o conceito de corpo próprio: “A forma é, pois, não uma realidade física, mas um objeto de percepção, sem o qual, aliás, a ciência física não teria sentido, já que é construída em função dele e para coordená-lo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 224).

Falamos ao contrário de estruturas orgânicas, quando o equilíbrio é obtido, não em relação a condições presentes e reais, mas a condições apenas virtuais que o próprio sistema faz surgir – quando a estrutura, em vez de relaxar, sob a pressão das forças exteriores, as forças que a atravessam, executa um trabalho fora de seus próprios limites e constitui para si um meio próprio (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 227).

A natureza não pode ser tomada como ponto autônomo de relação, não é um “em si”, mas mantém suas especificidades formais no plano do organismo vivo, uma vez que as “[...] relações do indivíduo orgânico com seu meio são verdadeiramente relações dialéticas” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 232). Essa perspectiva nos abre mais uma noção articulada ao conceito de corpo próprio: a dialética.

Chegamos, por meio do conceito de forma, a outro ponto crucial na constituição do conceito de corpo próprio: os movimentos dialéticos colocados, por Merleau-Ponty, como ponto de apoio da própria noção de estrutura em seus aspectos formais.

A dialética vital é expressa pelo filósofo francês na descrição, a partir dos pressupostos formais dos comportamentos e das peculiaridades de ordem física, vital e

humana: “O físico químico só revela dialética vital se baseia no antropomorfismo. Não há vida no organismo se ele for pura matéria” (MOUTINHO, 2006, p. 71).

Enquanto um sistema físico se equilibra considerando as forças que o rodeiam, e enquanto o organismo animal forja para si um meio estável que corresponde aos *a priori* monótonos da necessidade e do instinto, o trabalho humano inaugura uma terceira dialética, já que projeta entre o homem e os estímulos físico-químicos objetos de uso “(*Gebrauchsobjekte*) – as roupas, a mesa, o jardim “objetos culturais” – o livro, o instrumento de música, a linguagem que constituem o meio próprio do homem e fazem emergir novos ciclos de comportamento (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 256).

Não apresentaremos uma reconstituição do conceito de dialética no sistema filosófico do autor francês. Tomamos, no entanto, essa terceira dialética como uma particularidade do sistema merleau-pontiano, que se torna devedora do conceito de ordem. Contudo, podemos afirmar que o significado peculiar desse conceito em Merleau-Ponty não surge, a não ser por meio de método comparativo que forçaria tal relação, a partir de Hegel ou Marx, mas sim pelo contato com as interpretações de Alexandre Kojève e Georges Politzer⁴².

A noção de dialética se insere no percurso merleau-pontiano, não como recurso metodológico na construção de enunciados, mas antes, numa espécie de dialética material das relações entre o organismo e seu meio: “As relações do indivíduo orgânico com seu meio são verdadeiramente relações dialéticas” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 232).

O filósofo francês não se furta em considerar o indivíduo sob o ponto de vista orgânico, o que nos mostra, a partir da noção de dialética, que existe uma dada ordenação das relações entre o indivíduo e seu meio, as quais são efetivamente tecidas no mundo da vida. Elas deixam, de forma explícita, que o conceito de corpo próprio enuncia um corpo sujeito, na exata medida em que a radicalização da atividade perceptiva requer um novo tipo de compreensão do fenômeno do vivo.

Nossa arqueologia do conceito de corpo próprio visa, por meio do recurso à dialética, adentrar num outro ponto fundamental da estruturação da corporeidade para Merleau-Ponty: o conceito de ordem. Para Giles (1979, p. 86): “A vantagem do

⁴² Fazemos apenas menção aos dois autores, pois uma remissão às suas teses definitivamente nos distanciaria do nosso objetivo atual, mas o trabalho expresso nos textos de Kojève (*Introdução à Leitura de Hegel*) e de Politzer (*Crítica aos Fundamentos da Psicologia*) é essencial na constituição do conceito de dialética para o filósofo francês. Em nosso artigo publicado nos Cadernos da Graduação, Campinas, n. 8, 2010, intitulado *O corpo em Merleau-Ponty: percepção, significado e sua ipseidade intersubjetiva*, tecemos algumas considerações sobre o tema da dialética. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cadernosgraduacao>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

conceito de ordem é não cortar a realidade em estados ou em campos diferentes, mas, sim indicar somente os planos de significação”.

A articulação entre o conceito de forma e o de ordem a partir da compreensão da dialética vital do organismo com seu meio se torna, assim, um fio condutor que nos apresenta todo o sistema merleau-pontiano em torno da constituição do conceito de corpo próprio a partir do plano do organismo.

O organismo se distingue também dos sistemas da física moderna, porque as unidades de comportamento indivisíveis permanecem, em física, dados opacos, enquanto na biologia elas se tornam o meio de um novo gênero de intelecção: associamos progressivamente as particularidades de um organismo individual com sua capacidade de ação. [...] A unidade dos sistemas físicos é uma unidade de correlação, dos organismos, uma unidade de significado. Nada autoriza a postular que a dialética vital possa ser integralmente traduzida em relações físico-químicas e reduzida à condição de aparência antropomórfica (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 243).

Vale lembrar que a compreensão da ideia de ordem visa radicalizar a percepção como experiência concreta e radical no plano do organismo, sem recorrer a quaisquer pressupostos dualistas.

Nota-se que a unidade dos sistemas orgânicos possui sua ordenação a partir da noção de significado, ou seja, não adentramos na intelecção como reguladora do próprio sentido do comportamento. Logo, a atividade motora expressa pelas formas simbólicas do comportamento é uma propriedade fundamental do organismo, e não uma enunciação da consciência ou do intelecto.

O conceito de corpo próprio requer um novo sentido para a noção de motricidade, vista a partir da perspectiva do organismo como intenção de movimento que tem sua expressão no comportamento simbólico: “É preciso que a ciência conceba uma representação fisiológica desta intenção de movimento que é inicialmente dada como um núcleo a partir do qual a totalidade do movimento se diferencia em seguida” (MERLEAU-PONTY, 2006 p. 42).

Mais uma vez remetendo diretamente às pesquisas de Goldstein, Merleau-Ponty (2006, p. 98) descreve a intrínseca relação entre a noção de ordem, quando analisamos o comportamento patológico, e a atitude categorial, tomada pelo filósofo como marco definidor da dinâmica própria do organismo humano na atribuição de significados: “Trata-se sempre, em alguma medida da deficiência de uma função fundamental que Gelb e Goldstein chamam de atitude categorial, Head de poder de expressão simbólica, Woerkom de função de mediação”.

Por conseguinte, a atitude categorial é expressão da presença específica da ordem humana como pressuposta pela noção de forma, de um comportamento simbólico, que atesta a unidade do organismo propriamente humano.

A emergência do conceito de corpo próprio surge na articulação com outras quatro noções centrais do pensamento de Merleau-Ponty, a saber: estrutura, forma, ordem e comportamento.

Ao deslocar o problema do corpo da mera mediação, para uma nova compreensão do fenômeno da encarnação, o próprio Bimbenet (2004) nos parece apontá-lo no pensamento de Merleau-Ponty, demarcando a importância de se manter a diferenciação entre os conceitos de estrutura e de forma.

Ele (Merleau-Ponty) remarcara a esse respeito que, no primeiro livro, as palavras “forma” e “estrutura não são exatamente homogêneas. [...] elas se dividem em duas áreas distintas: a forma (*Gestalt*), que originalmente faz referência ao campo perceptivo e deve ser lembrada junto com a psicologia da percepção da *Gestalt* na escola de Berlim, a qual era originalmente uma estrutura (*Aufbau*). Voltamos, ao contrário, à biologia organicista de Goldstein, que designa uma lei de distribuição constante e uma organização funional da atividade total do organismo e seu dado perceptual [...]. A psicologia da forma deve ser entendida a partir de uma filosofia da vida, e de muitas maneiras, a filosofia de Merleau-Ponty iniciada no trabalho *A Estrutura do Comportamento* se funde com essa filosofia da vida (BIMBENET, 2004, p. 54).⁴³

O exemplo suscitado no interior da obra *A Estrutura do Comportamento*, onde o filósofo toma um ferimento no olho como uma óbvia limitação da visão, nos leva a crer na resistência do corpo próprio a partir de uma situação patológica. Assim, a representação não pode ser tomada como lei de funcionamento do organismo, uma vez que a consciência não consegue superar essa limitação do corpo.

Mas como o sentido da totalidade orgânica supera as dicotomias clássicas, notamos claramente que Merleau-Ponty (2006, p. 293) lança mão de uma compreensão do corpo próprio como um corpo fenomênico. Isso leva o filósofo a renunciar “[...] a imagem que a experiência direta nos dá dele”, sem apontar para uma compreensão

⁴³ On remarquera à cet égard que dans ce premier ouvrage les mots “forme” et “structure ne sont pas exactement homogènes. [...] ils relèvent de deux domaines distincts : la forme (*Gestalt*) nous renvoi originellement au champ perceptif, et il faut se souvenir que la *Gestalt*psychologie de l'école de Berlin fut d'abord une psychologie de la perception ; la structure(*Aufbau*) nous renvoi au contraire à la biologie organiciste de Goldstein, et désigne alors non plus la loi de distribution d'un donné perceptif, mais l'ensemble des constantes fonctionnelles organisant l'activité totale d'un organisme [...] La psychologie de la forme doit se comprendre à partir d'une philosophie du vivant, et à bien des égards la philosophie de la forme que Merleau-Ponty met en chantier dans *La Structure du comportement* se confond avec une telle philosophie du vivant.(BIMBENET, 2004, p.54).

meramente intelectualista do corpo próprio.

O corpo se torna portador de significados, meio ambíguo de instituição de sentido, e não mais a mera mediação de uma consciência transparente: “O ego, como centro do qual emanam suas intenções, o corpo que as porta, os seres e as coisas aos quais elas se dirigem não são confundidos: mas são apenas três setores de um campo único” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 293).

O filósofo francês passa nestes termos a abordar o problema do corpo próprio a partir dos pressupostos da atividade perceptiva, que é em última análise recolocada no quadro motor de um comportamento.

A mediação corporal me escapa na maior parte das vezes: quando assisto a acontecimentos que me interessa, mal tenho consciência das cesuras perpétuas que o batimento das pálpebras impõe ao espetáculo e elas não figuram na minha lembrança [...].(MERLEAU-PONTY, 2006, p. 291).

Não estamos mais apenas no domínio de uma consciência intencional. O organismo vivo do homem requer que a intencionalidade, no sentido peculiar do organismo humano, seja uma propriedade do corpo próprio, tomado como superação dos dualismos, e não como mera união da alma e do corpo, mas como unidade.

Essa adaptação ao espaço não pode mais ser concebida apenas no horizonte das teses fenomenológicas em torno da redução eidética. Entretanto, para o presente momento, contrapor essa forma muito peculiar como Merleau-Ponty remete à fenomenologia pode nos apresentar um elemento fundamental da constituição do corpo próprio como “realidade” biológica mais originária.

A criação de respostas próprias oriundas do organismo humano atesta que elas não estão condicionadas apenas por um molde causal fundado no atomismo. A tese apresentada em torno da análise da ação, no molde propriamente behaviorista, estabelece outro autor fundamental para a radicalização das teses em torno da adaptação ao espaço: Paul Guillaume.

De fato, a percepção estabelece um novo sentido da ação, fazendo com que Merleau-Ponty complemente a tese da recolocação da percepção num quadro motor para o campo específico das formas simbólicas do comportamento.

A remissão a Guillaume (1960, p. 102) nos oferece um claro exemplo da radicalidade da experiência perceptiva tal como a requer Merleau-Ponty: “A psicologia contemporânea adquiriu, com razão, o hábito de não separar a percepção e a ação. A

percepção prepara e dirige a ação; é destinada a tornar possível a adaptação do ser vivo a seu ambiente”.

Percebe-se que a tese vertiginosa de Guillaume (1960, p. 102) apresenta uma concepção coerente com a proposta merleau-pontiana em torno da recolocação da percepção num quadro motor e de maneira totalmente radical, no sentido em que encontramos o substrato orgânico, quando nos propomos a descrever a “essência do homem”, e não uma consciência, uma alma, um espírito, ou qualquer que seja a nomeação dessa *eidos* fundamental: “Os aspectos do real que ela descobre são os que interessa à vida prática; aliás, desenvolve-se sobretudo pelo movimento dos órgãos receptores, de modo que é simultaneamente causa e efeito do ato”.

Mas até que ponto poderíamos remeter a Husserl essa radicalização exigida por Merleau-Ponty em torno do corpo próprio como motricidade?

Até quando a consciência intencional suportaria tal abordagem de uma não superação entre a percepção e ação?

Essa questão exige cautela por não estar relacionada diretamente ao modelo dualista, como o concebera Descartes, e aos cartesianos. Ela se coloca estritamente baseada na forma como Merleau-Ponty lida com alguns dos pressupostos da escola fenomenológica propriamente husserliana.

O sistema filosófico de Merleau-Ponty, tendo em vista as obras analisadas até aqui, é uma espécie de reabilitação ontológica no exato sentido em que a relação de meu corpo com o mundo é pautada por um novo sentido para a própria intencionalidade. Isso demarca, precisamente, o significado da totalidade orgânica perseguida por Merleau-Ponty.

A intencionalidade se ancora na motricidade, e este talvez seja o ponto central da necessidade do autor em retomar o estudo da percepção. A atividade perceptiva não é um ato mecânico coordenado pela consciência, nem uma determinação das condições psicológicas produzidas por um elemento mental indeterminado, mas antes de tudo um movimento, uma expressão de significados situados numa correlação específica entre o organismo e seu meio que tem, no nível motor, uma forma privilegiada de expressão.

A fenomenologia de Husserl e os apontamentos oriundos da obra de Goldstein são dois pontos fundamentais para esse movimento, encontrados por Merleau-Ponty sob a influência de Aron Gurwitsch.

A ontologia bruta presente nas últimas obras do filósofo é esboçada no primeiro movimento de pensamento do autor francês, principalmente na forma como ele busca,

no seio da própria neurologia e da fisiologia do sistema nervoso, reabilitar o problema da percepção em consonância com a atribuição de sentido a um mundo permeado por meu corpo vivo.

É no paradigma da motricidade que encontramos o espaço perfeito para a manutenção da ambiguidade do corpo, sem recair em qualquer possibilidade dualista, como expressão que visa a um mundo acessível pelo meu horizonte perceptivo.

A esse respeito, nós evocamos o problema da motricidade para explicitar mais completamente os movimentos de perceber, realizados pelo corpo que percebe pondo-se a ver o mundo. Esperamos visar à essência mesma da experiência perceptiva, sublinhando relações entre o ato de perceber e os movimentos corporais [...] (CAMINHA, 2010, p. 173).

Diante disso, Merleau-Ponty reivindica que a fisiologia, a neurologia e a psicologia experimental possam, de fato e de direito, compreender que há um alcance ontológico em suas descobertas. Porém, estas são desconsideradas em prol de uma busca neurótica por interpretações objetivas do organismo vivo.

No horizonte das primeiras obras de Merleau-Ponty, a referência a Husserl pode ser considerada muito limitada no que tange às citações diretas e notas. A referência a Husserl é muito pontual: o interesse é resgatar as relações entre o fundador da fenomenologia e uma psicologia descritiva, além de demarcar a distância do filósofo alemão com as doutrinas criticistas⁴⁴.

Entretanto, sabemos da resistência que o próprio Husserl manteve em se aproximar à teoria da *Gestaltpsychologie*. Essas proposições nos ficaram mais evidentes quando nos aproximamos das relações tecidas por Gurwitsch e Merleau-Ponty, que podem ser definitivamente tecidas a partir de um nome pouco explorado até aqui: Kurt Goldstein.

O objeto da biologia é de apreender o que faz de um ser vivo um ser vivo, quer dizer, não – segundo o postulado realista comum ao mecanicismo e ao vitalismo – a superposição de reflexos elementares ou a intervenção de uma “força vital”, mas uma estrutura indecomponível dos comportamentos. Assim como a anatomia remete à fisiologia, a fisiologia remete à biologia. As formas de movimento dos reflexos são marionetes da vida [...], as imagens dos movimentos que um organismo realiza quando fica em pé, anda, combate, voa, pega e come, no jogo e na reprodução (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 67-68).

⁴⁴ Como referência, tal questão foi trabalhada detalhadamente por Paulo Dantas, em seu doutoramento intitulado *A intencionalidade do corpo próprio*. Todavia, optamos por não utilizar diretamente a referência do professor neste estudo.

A interlocução com a obra de Goldstein e alguns dos pressupostos centrais da psicologia da *Gestalt* nos parece demasiadamente presente, sendo que a busca de uma descrição do organismo humano, que encontre “[...] o sentido da verdade no conhecimento sensível” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 20), não está totalmente rendida apenas aos pressupostos da fenomenologia. A ideia vertiginosa do filósofo francês, de uma superação tanto do mecanicismo quanto do vitalismo, é mantida por meio de um distanciamento das ditas “filosofias da consciência”.

Nenhum outro pensador é citado por Merleau-Ponty, tanto quanto Goldstein nestas duas obras. Nós ainda se atrevemos a afirmar que, em 1934, Merleau-Ponty já estava inclinado para a fenomenologia, analisando A estrutura do comportamento podemos ter a impressão que, antes de escrever o capítulo final do livro (capítulo IV), onde ele manifesta claramente a sua suposição da *Intentionalität fungierende* (intencionalidade atuante) husserliana, ou seja, a presença ativa de algo (fungierende) na consciência pré-reflexiva vivida, ele já estava convencido desta presença graças ao pensamento de Goldstein, e não necessariamente apenas pelo autor anterior. Seu conhecimento de Goldstein, certamente deu-lhe um excelente e rápido entendimento dos eixos da fenomenologia husserliana, embora esse entendimento se constituiu de forma muito prematura (PEÑARANDA, 2007, p. 211).⁴⁵

Nesse diapasão, Merleau-Ponty (2006, p. 332) se coloca num ponto totalmente divergente da filosofia criticista, abrindo novas possibilidades de compreensão do transcendental, visto a partir da radicalização da percepção. Esta é exigida, pelo nível do organismo vivo, como uma unidade encarnada que não nos permite prosseguir com qualquer dualismo: “Não se trata da distinção clássica entre sensibilidade e inteligência, já que o horizonte do percebido se estende para além do perímetro da visão [...] disposto perspectivamente em torno do núcleo ‘sensível’”.

Já não insistiremos na distinção entre matéria e forma, visto que, de um lado a própria forma da percepção participa da *hecceidade* e que inversamente, posso aplicar ao conteúdo sensível atos de reconhecimento e de denominação que vão convertê-lo em significado (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 332).

Não podemos sustentar o corpo próprio apenas pela propriedade de uma

⁴⁵ Ningún otro pensador es citado por Merleau-Ponty tanto como Goldstein en estas dos obras. Incluso nos atrevemos a decir que, a pesar de que en 1934 Merleau-Ponty ya estaba ganando para la fenomenología, analizando *La Structure du Comportement* una tiene la impresión de que, antes de redactar el capítulo con el que cierra el libro (el cap. IV), y en el que se manifiesta con claridad su asunción de la *fungierende Intentionalität* husserliana, es decir, de la presencia operante (*fungierende*) en la conciencia de algo vivido pre-reflexivo, él ya estaba convencido de esta presencia gracias al pensamiento de Goldstein, y no al revés. Su buen conocimiento de Goldstein sin duda le facilitó una excelente y muy rápida comprensión de los ejes de la fenomenología husserliana –si bien esta comprensión se produjo de forma muy temprana (PEÑARANDA, 2007, p. 211).

consciência intencional, dado que recairíamos num sentido realista combatido pelo filósofo. O erro fundamental de tomar o corpo como mediação da consciência, talvez ainda seja mantido pela própria *Gestalt*, dado que esta postura ainda mantém implicitamente a prerrogativa fundamental do pensamento causal; o problema da encarnação da consciência e mesmo do *cogito tácito* se tornariam insolúveis.

Entretanto, na emergência do conceito de corpo próprio, a partir das discussões implicadas pela noção de ordem e forma, há uma ideia extremamente inovadora por parte de Merleau-Ponty que nos é essencial para compreendermos como a radicalização da percepção culmina, na obra de 1942, em um novo sentido da intencionalidade.

O filósofo francês desenvolve, no capítulo IV da obra *A Estrutura do Comportamento*, um posicionamento radical frente às relações da alma com o corpo, o que efetiva seu projeto em torno do corpo próprio.

Se as intenções da obra *A Natureza da Percepção* e do *Projeto* reivindicavam a necessidade de se colocar a percepção num quadro motor mais original a partir da perspectiva do organismo vivo, encontramos, na obra de 1942, a radicalização desse projeto por meio da noção de conhecimento por perfis. Antes de se configurar como uma limitação da percepção, ela apresenta o pressuposto central de que a própria noção de intencionalidade deve ser pensada a partir do pressuposto da unidade garantida pelo corpo próprio. Nas palavras de Merleau-Ponty (2006, p. 331): “Reduzida a seu sentido positivo, a conexão da alma e do corpo nada mais significa do que a *hecceidade* do conhecimento por perfis”.

Assim sendo, a ideia de *hecceidade* do conhecimento por perfis nos demonstra uma propriedade inalienável da percepção do corpo próprio que foi tomada, na história da filosofia, como uma limitação, evidência de que “meus sentidos me enganam”. Merleau-Ponty (2006, p. 331) inaugura uma radicalização única das consequências filosóficas da atividade perceptiva, sendo que não podemos tomar o dualismo, dado que corpo e alma não são uma união, mas uma unidade: “Mas se nem sempre se trata de ligar exteriormente minha consciência a um corpo, cujo ponto de vista ela adotaria de uma maneira inexplicável”.

A *hecceidade* nos parece como uma propriedade da própria atividade perceptiva, ponto privilegiado da constatação da promiscuidade entre o corpo sujeito e o mundo vivo. O acesso à expressão dos aspectos perceptivos e de um sentido fenomênico das próprias coisas reintegra a percepção a um quadro motor de forma definitiva, além de apresentar a necessidade de uma nova compreensão da intencionalidade a partir do

pressuposto fundamental do corpo próprio como uma unidade.

Uma nova noção de fenômeno e de transcendental passa a ser uma consequência do conceito de corpo próprio. Não mais estamos lidando com o primado da consciência que, sob o paradigma da encarnação, requer que a própria intencionalidade sofra um deslocamento. Esses parecem ser alguns dos principais pontos levantados no horizonte das discussões empreendidas na obra de 1942, propiciados pela operacionalização e definição do conceito de corpo próprio em toda a sua amplitude.

A “coisa” natural, o organismo, o comportamento do outro e o meu existem apenas por seu sentido, mas o sentido que jorra neles não é um objeto kantiano, a vida intencional que os constitui ainda não é uma representação a compreensão que dá acesso a eles ainda não é uma intelecção (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 345).

Nesse ponto, o conhecimento por perfis nos abre o sentido positivo da interpretação da gênese do conceito de corpo próprio, o qual emerge, em Merleau-Ponty (2006, p. 120), numa correção das perspectivas psicológicas e fisiológicas. Ele apresenta, como pressuposto fundamental, a quebra com a compreensão de que o corpo como objeto físico estaria exposto aos mesmos pressupostos causais com que a física opera: o corpo não é mediação e nem mero suporte de uma consciência, dado que a “[...] psicologia [...] e a fisiologia procuram os modos de organização do comportamento e os graus de sua integração, uma para descrevê-los, a outra para determinar seu suporte corporal”.

A guisa de uma conclusão, poderíamos remontar que o filósofo francês transpõe da consciência – a partir do conceito de corpo próprio como uma unidade (ou, se preferirmos) a totalidade orgânica, para o corpo – a questão da intencionalidade.

A emergência do conceito de corpo próprio expressa, nas primeiras obras de Merleau-Ponty, uma nova abordagem da própria fenomenologia, dado que as peculiaridades da estrutura perceptiva exigem certo abandono da mera questão do problema da clivagem da consciência.

Todos esses atos da dialética humana revelam a mesma essência: a capacidade de se orientar com relação ao possível, ao mediato, e não com relação a um meio limitado- o que chamamos, acima com Goldstein, a atitude categorial (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 274).

Dessa maneira, a questão da intencionalidade sofre um deslocamento crucial para a manutenção de toda a radicalidade das teses de Merleau-Ponty em torno da

percepção do corpo próprio. Não podemos mais tomar apenas o pressuposto propriamente husserliano em torno de uma consciência intencional como propriedade fundamental da relação propriamente humana em um mundo da vida, acessível em todas as suas nuances, pela redução fenomenológica.

Assim, a dialética humana é a ambígua [...]. Mas seus objetos de uso e seus objetos culturais não seriam o que são se a atividade que os faz seguir não tivesse também como sentido negá-los e superá-los. Do mesmo modo, a percepção que nos apareceu até aqui como a inserção da consciência num berço de instituições e no círculo estreito dos meios humanos pode se tornar, *em particular através da arte percepção de um “universo”*⁴⁶ (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 274).

A suspensão do mundo (ou do juízo), além de revelar o fundo não relacional sobre o qual todas as ciências se constituem, deve inspirar uma nova visão da própria atividade intencional da consciência de forma radical. Não é a consciência que intenciona, mas um corpo sujeito voltado para um mundo próprio, um organismo vivo que tem, em sua forma simbólica do comportamento, a explosão de novos ciclos possíveis de significação.

A dialética vital é, no homem, a expressão de um “extrapolamento” dos objetos de uso. Como dissemos, não há como delimitar, de maneira precisa, o que é natural ao homem na forma simbólica do comportamento, dado que a intenção da criação de sentidos novos já exige que a própria ação no mundo se configure como um “soldar-se” nas coisas. Merleau-Ponty (2006, p. 342) nos apresenta essa relação na análise do surgimento do fenômeno social:

[...] “objetos culturais” que caem sob o meu olhar se ajustam de repente a meus poderes, despertam minhas intenções e se fazem entender por mim – sou arrastado por uma coexistência da qual não sou o único constituinte e que funda o fenômeno da natureza social.

Ao afirmar que “[...] a consciência pode viver nas coisas existentes, sem reflexão, abandonar-se à sua estrutura concreta”, Merleau-Ponty (2006, p. 342) instaura a intencionalidade do corpo próprio. Ela não pode mais ser considerada, a partir dos pressupostos apresentados por Merleau-Ponty, como uma propriedade da consciência, e sim como do corpo próprio, uma vez que a natureza não é uma representação e nem um

⁴⁶ Uma análise da estética merleau-pontiana ultrapassaria nossos objetivos, mas é interessante notar como o filósofo francês mantém a obra de arte relacionada diretamente com o corpo próprio por meio do conceito de forma. Para Merleau-Ponty (2006, p. 57, nota 77), a forma “[...] é a única até aqui [...] que permite explicar o que existe [...] de intencional”.

“em si”, mas um sistema, um espetáculo, um fenômeno sensível que não pretende afirmar que o corpo próprio é a união com o espírito ou a alma.

O paradigma da representação pertence ao corpo dualista, em que a *res cogitans* ou os *a priori* do ânimo estariam dispostos a constituir, a partir da causalidade dos dados sensíveis, um duplo, uma realidade exterior a mim e presente pela introspecção. Apreende-se que Merleau-Ponty não nega a introspecção ou a consciência, mas busca, a partir dos pressupostos do organismo como totalidade, instituir as consequências filosóficas do primado da percepção.

O objeto a que visam, juntas, a observação exterior e a introspecção é, pois, uma estrutura ou um significado que é alcançado, nos dois casos através de materiais diferentes. Não há como negar a introspecção, nem transformá-la no meio de acesso privilegiado a um mundo de fatos psíquicos. Ela é uma das perspectivas possíveis sobre a estrutura e o sentido imanente da conduta que são a única “realidade” psíquica (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 285).

Essa consideração da propriedade intencional do corpo próprio se mantém por duas questões fundamentais, já analisadas anteriormente. O primeiro ponto é a ideia de unidade do corpo próprio, e o segundo se mantém relacionado com o ponto de partida de Merleau-Ponty, dado que o corpo não é mera constituição física, mas sim um organismo. As noções de ordem e forma fundamentam a intencionalidade do corpo a partir dos pressupostos oriundos da estrutura da percepção no nível orgânico, que passam na sequência proposta pelas primeiras obras do filósofo (radicalidade do quadro motor), para uma forma simbólica do comportamento (movimento para a instituição de sentido), constituindo um mundo próprio da atividade perceptiva.

4 – CONCLUSÃO.

Nossa proposta de uma arqueologia em torno do corpo próprio desvelou, no horizonte das primeiras obras de Merleau-Ponty, uma interessante articulação conceitual que se efetiva inicialmente por meio da constatação, por parte do jovem filósofo, da necessidade de se constituir outro ponto de partida para se pensar o corpo.

A perspectiva orgânica do corpo próprio nos atrela diretamente a uma radicalidade do próprio conceito de percepção, levando o autor a recolocá-la num quadro motor mais amplo. Esse é o ponto fundamental para que as teses atingidas nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty propiciassem um fundamento que pudesse ser considerado constante durante todo o seu percurso filosófico.

Diante disso, nossa primeira arqueologia apresentou o quadro motor da experiência perceptiva vista, pelo filósofo francês, como uma experiência concreta e radical. Todo o horizonte do organismo começa a ser apresentado a partir das discussões com a fisiologia e a psicologia da percepção, estruturando, já em seus primeiros textos, a importância de uma nova filosofia da forma para se compreender o corpo próprio.

Podemos dizer, também, que a nossa segunda arqueologia encontrou, nas teses de Goldstein, um ponto comum a vários apontamentos de Merleau-Ponty, demarcando claramente como a proposta que fundamenta os posicionamentos do filósofo francês não pode ser tomada apenas em seu sentido husserliano da fenomenologia propriamente dita – vale ressaltar que Aron Gurwitsch nos pareceu um dos autores que influenciaram diretamente o pensamento do autor francês, principalmente na busca dos encontros e desencontros entre a *Gestalt* e a fenomenologia.

O problema do paralelismo psicofísico é retomado pelo jovem filósofo francês a fim de indicar os fundamentos centrais do corpo próprio, principalmente em consonância com a totalidade orgânica requerida pelo conceito em questão.

Nossa terceira arqueologia toma, na constituição do corpo próprio, todos os elementos discutidos por Merleau-Ponty no que concerne à relação entre o estímulo e a resposta, deixando transparecer claramente como o comportamento simbólico e a instituição de sentido parecem ser requeridos pela radicalidade do corpo próprio. A forma como o conceito de corpo próprio é constituído a partir da descrição das formas do comportamento amovível, sincrético e simbólico apresenta, coerentemente, como a articulação entre significação e organismo desencadeia a originalidade do corpo vivo, de um corpo sujeito ou corpo ego que ganha contornos cada vez mais explícitos nas

consequências que uma motricidade imanente à percepção é fundamentada numa ordem propriamente humana que já se coloca naturalmente no plano do significado, da cultura, ou se preferirmos de um sentido próprio ligado diretamente ao corpo.

O mundo próprio da estrutura perceptiva requer que o conceito de corpo próprio mantenha uma ambiguidade resistente à tentativa de redução do corpo a mero objeto físico, refém dos mesmos pressupostos da física e do atomismo que buscariam, implicitamente em suas teses, compreender o corpo como a soma de aspectos materiais, mediação de uma consciência que seria responsável por animar a máquina incoerente.

Dessa forma, o conceito de corpo próprio foi sendo desvendado por meio da articulação com outros conceitos oriundos das primeiras obras de Merleau-Ponty como o de forma e o de ordem, garantindo uma consistência teórica e mantendo seu pressuposto fundamental: evidenciar diretamente as estreitas relações com o mundo da vida ou, se preferirmos, do *Umwelt* próprio de cada indivíduo.

Assim, a questão do conhecimento por perfis (*hecceidade*) nos apareceu como ponto privilegiado da constituição do conceito de corpo próprio. Ela evidenciou, de forma clara, que o corpo não é uma mera união da alma e do corpo, e sim uma configuração estrutural, uma unidade que não implica em homogeneidade.

Nesses termos, a própria questão da consciência intencional ganha outros contornos, passando a ser uma propriedade fundamental do corpo próprio, a partir dos pressupostos orgânicos e formais expressos no comportamento simbólico.

As relações com os pressupostos de Goldstein foram levadas a toda a sua potência, fazendo com que constatássemos, no percurso inicial do pensamento de Merleau-Ponty, a importância do resgate de uma biologia originária que apresenta a novidade do ser fenomênico a partir das peculiaridades do vivo. Vimos que várias expressões comumente utilizadas por uma filosofia criticista são reelaboradas por Merleau-Ponty, apontando diretamente o sentido do transcendental e do fenômeno quando tratamos do corpo próprio.

Sendo assim, o conceito de natureza passa a ser interpretado a partir do paradigma da forma do comportamento simbólico, o que implica diretamente na recusa a uma filosofia da substância, ou mesmo nos pressupostos da representação de um objeto fenomênico exteriores a meu ânimo.

O horizonte aberto até aqui nos permite vislumbrar que a própria noção de dialética utilizada pelo autor remete ao conceito de ordem, demonstrando que a constituição do conceito de corpo próprio em Merleau-Ponty é definitivamente uma

empresa inovadora, que assimila pontos distintos da própria história da filosofia e dos resultados das mais diferentes áreas do conhecimento a fim de cumprir seu objetivo central: descrever o fundo não relacional que fundamenta a filosofia e a ciência. Nesse percurso, a instituição de sentido começa a ser apresentada gradativamente pelo autor, por meio das formas simbólicas do comportamento.

O problema da consciência naturada e da consciência naturante, a questão da linguagem e, principalmente, a temporalidade, são alguns dos temas abertos por nossa discussão até o presente momento. O prosseguimento desta investigação talvez deva necessariamente destacar uma análise aprofundada de alguns pontos específicos da fenomenologia de Husserl, a fim de determinar precisamente os pontos de ruptura, ou mesmo de aproximação, que o conceito de corpo próprio, em todas as suas articulações, mantém com o filósofo alemão. Falta-nos ainda verificar se as teses levantadas até aqui ainda podem ser sustentadas a partir dos pressupostos presentes na obra *A Fenomenologia da Percepção* (1945), o que definitivamente poderá se caracterizar como uma nova investigação arqueológica que não pode, em momento algum, e sob pena de recair numa filosofia do sobrevoo, perder a sua raiz no mundo.

5 – REFERÊNCIAS.

Bibliografia primária

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. Tradução de Márcia V. M. de Aguiar São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *La structure du comportement*. Paris: Gallimard, 1972.

_____. *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. O olho e o espírito. Tradução de Marilena de Souza. In: *Merleau-Ponty*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. *Psicologia e pedagogia da criança: curso da Sorbonne (1949-1952)*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Bibliografia secundária

BARBARAS, Renaud. *Merleau-Ponty et la nature*. Textes issus du Atelier Merleau-Ponty. Lieu: Toulouse, Lycée Saint-Sernin; salle des bulletins, 2000. Disponível em: <<http://pedagogie.ac-toulouse.fr/philosophie/forma/ateliermlp.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

BIMBENET, E. *Nature et humanité – le problème anthropologique dans l’oeuvre de Merleau-Ponty*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2004.

_____. *La Structure du comportement*. Chap. III – L’ordre humanin. Prhilo-textes, texte et commentaire. Paris: Ellipses Édition, 2000.

CAMINHA, I. O. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

_____. (org.). *Merleau-Ponty em João Pessoa*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CLARK, A. *Microcognition: philosophy, cognitive science, and parallel distributed processing*. Londres: The MIT Press, 1991.

COSSUTTA, F. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. Tradução de Angela Noronha Begnami, Milton Arruda et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DANTAS, P. *A intencionalidade do corpo próprio*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1993.

GILES, T. R. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*. Petropolis: Vozes, 1979.

GOLDSTEIN, K. *La structure de l'organisme* – Introduction à la biologia à partir de la pathologie humaine. Paris: Éditions Gallimard, 1983.

_____. *La naturaleza humana a la luz de la psicopatologia*. Versión castellana de Eva I. De Dietrich. Buenos Aires: Editora Paidos, 1961.

GUILLAUME, P. *Psicologia da Forma*. Tradução de Irineu de Moura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

KOFFKA, K. *Principios de Psicología de la forma*. Buenos Aires: Editora Paidos, 1953.

KOJÈVE, A. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard, 1947.

HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Tradução de G. Granel. Paris: Gallimard, 1976.

_____. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Madras, 2001.

LEISMAN, G.; MELILLO, R. *Neurobehavioral Disorders of Childhood: An Evolutionary Perspective*. 1. ed. Nova Iorque: Springer Science and Media, 2004.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e Experiência Ensaio sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: Unesp, 2006.

_____. De Merleau-Ponty a Barbaras. In: *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 27, jul./dez. 2012.

MÜLLER, M. J. *Merleau-Ponty acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PAVLOV, I. *Reflexos condicionados e inibições*. Versão para o português de Dalcy Fontanive. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

PEÑARANDA, M. L. P. El neuropsiquiatra Kurt Goldstein en la génesis del pensamiento fenomenológico de Merleau-Ponty. In: *Investigaciones Fenomenológicas: Merleau-Ponty desde la fenomenologia en su primer centenario (1908-2008)*. Serie Monográfica 1, 2008.

_____. Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty. Análisis de una estrecha relación. In: *Contrastes* – Revista Internacional de Filosofía. v. 12, p.189-215, 2007.

PIÉRON, H. *Psicologia experimental*. Tradução de Marcello Coção. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

POLITZER. *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. Tradução de Conceição Jardim e

Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Presença, 1928.

SILVA, C. A. F. *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

UEXKÜLL, J. von. *A biologia com três diagramas*. v. 1. Tradução de Sérgio . Rio de Janeiro: Athena, s/d.

_____. *Dos animais e dos homens*. v. 4 (Enciclopédia LBL). Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

VERÍSSIMO, D. S. Merleau-Ponty e a psicologia infantil: análises da psicogênese em Wallon, p. 468. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 3, p. 459-469, jul./set. 2011.

WALLON, Henri. *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edição 70, 1981.

ZILES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: *A crise da humanidade e a filosofia*. 3. ed. Coleção Filosofia, n. 41. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ZUBEN, N. A von. *Fenomenologia e Existência: Uma Leitura de Merleau-Ponty*. IN: MARTINS, J.; DICHTCHEKENIAN, M.F.S.F.B. (org.), Temas fundamentais de fenomenologia. São Paulo: Editora Moraes, 1984.